



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS**

WANDERLEY RENAN CARMO DOS SANTOS

**A TOPONÍMIA DA CIDADE DE LADÁRIO/MS:
INTERFACES ENTRE LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA**

**Campo Grande – MS
Março – 2023**

WANDERLEY RENAN CARMO DOS SANTOS

**A TOPONÍMIA DA CIDADE DE LADÁRIO/MS:
INTERFACES ENTRE LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquardo e coorientação do Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Campo Grande – MS
Março – 2023

WANDERLEY RENAN CARMO DOS SANTOS
A TOPONÍMIA DA CIDADE DE LADÁRIO/MS: INTERFACES ENTRE
LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA

APROVADA POR:

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo
Orientadora / Presidente (UFMS)

Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira
Coorientador (UFMS)

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
Examinadora interna (UFMS)

Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni
Examinadora externa (UFT)

Campo Grande, MS, 28 de março de 2023.

“Este trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES)”.

A Jesus Cristo, Sabedoria encarnada,
pelas mãos da Santíssima Virgem Maria.
A Regina Soares do Carmo, meu maior
exemplo de coragem e a quem devo o
que sou.

AGRADECIMENTOS

A emoção transbordante em meu coração é a gratidão, especialmente, por cada palavra de incentivo, cada gesto de amizade, cada olhar de coragem. Carinhosamente, externo meus agradecimentos às pessoas que estiveram comigo nessa etapa da vida, especialmente:

À *Santíssima Trindade*, Pai, Filho e Espírito Santo, fonte de toda Ciência, por me permitir concretizar esse sonho e me sustentar em todos os momentos, concedendo força e coragem para prosseguir.

À *Santíssima Virgem Maria*, minha amável mãe, que me fez obra de suas mãos, por me guiar e conceder o colo materno em todos os momentos, me tomando pela mão e levando-me à fonte de toda alegria: Seu Filho.

Ao *Glorioso São José*, por toda providência, amparo, fortaleza e ânimo durante a realização desta pesquisa.

À *Santa Teresa de Jesus*, por me ensinar, com sua amizade, que o caminho de perfeição consiste em ter paciência em todos os momentos, deixando guiar por Aquele que é o Sumo Bem.

À *Santa Teresinha*, por me ensinar que “nada é pequeno se feito com amor [...], pois o amor é tudo”.

À minha mãe, *Regina Soares*, que nunca mediu esforços para me conceder uma educação de qualidade; por ser meu grande exemplo de vida; por nunca me abandonar, tampouco negar o colo; por me dar forças com seu incentivo maternal e ser a minha grande amiga: meu amor!

Aos meus avós, *Paulo (in memoriam)* e *Corina (in memoriam)*, por serem grandes exemplos de dedicação sempre incentivando à concretização dos meus sonhos.

À Professora Doutora *Aparecida Negri Isquerdo*, minha orientadora, pela confiança, pela paciência em todos os momentos, pela experiência partilhada, pela ternura de coração, por me encantar com o uso da *palavra*, pela firmeza nas decisões que me ajudaram a amadurecer cientificamente e me permitiram alcançar este degrau.

Ao Professor Doutor *Renato Rodrigues Pereira*, meu coorientador, por confiar em mim, pelas palavras de sabedoria, pelos ensinamentos, pela paciência e ternura nas palavras, pelo exemplo de dedicação que inspiram a todos que lhe conhece e, principalmente, por me apresentar à Lexicografia, ciência lexical que me encantou.

Às Professoras Doutoras *Ana Claudia Castiglioni* e *Elizabeth Aparecida Marques* pela disponibilidade e valiosas contribuições, por ocasião de nosso Exame de Qualificação, que puderam enriquecer este estudo.

Ao Professor Doutor *Bruno Maroneze* pelas contribuições aos meus estudos com frutíferas discussões e também pelo exemplo de dedicação durante a disciplina *Morfologia e Etimologia*, bem como os momentos partilhados.

À Professora Doutora *Regiane Coelho Reis* por me apresentar à Linguística, encantando-me por essa área e permitindo-me iniciar na ciência por meio da Dialetoлогия e Geolinguística, ainda na Graduação, fato que me despertou o desejo de realizar esse Mestrado.

Ao Professor Doutor *Wellington Furtado Ramos* por acreditar em meu potencial, inserindo-me no mundo científico-literário e incentivando com palavras e exemplos à busca pela concretização dos meus sonhos nas etapas de Pós-graduação; pelas palavras amigas e conversas encorajadoras.

À Professora Doutora *Adriana Viana Postigo* pela amizade e incentivo de sempre, pelo empréstimo das obras do léxico, por me ajudar a empreender o caminho dos nomes de lugares, além de todo incentivo desde a Graduação.

À Professora Doutora *Fabiana Portella de Lima* por todos os ensinamentos compartilhados na Graduação e por me acolher no Estágio de Docência: toda minha admiração.

À Professora Doutora *Regina Baruki*, “my dear queen”, por seu grande exemplo de comprometimento com a educação, pelo amor à Ladário (carinhosamente chamada *lost*), pela amizade que construímos durante a Graduação, que me permitiu tomá-la como exemplo de humildade.

Às Professores da Graduação em Letras, do Campus do Pantanal (UFMS): *Ângela Brasil* pela amizade e incentivo; *Suzana Mancilla* pela condução do estudo de PIVIC e exemplo de dedicação; *Rosângela Silva* pelas experiências partilhadas; *Carolina* pelos incentivos e saberes; *Valéria* pelo exemplo de humildade e dedicação; *Júlio* por me permitir sonhar com as *palavras*; *Ana Lúcia* pela amizade e incentivo.

À minha família: meus tios, *Paulo Robson (in memoriam)*, *Paulo Renato*, *Jamir da Rosa Filho (in memoriam)*; minhas tias, *Rejane*, *Rosemeire*, *Nancy*, *Luzia*; Meus primos, *Paulo Robson Junior*, *Paulo Rodrigues*, *Luiz Rafael*, *Jamir Neto*, *Eduardo*, *João Gabriel*, *Paulo Robson (Robinho)* e *Luiz Ralf*; Minhas primas, *Kenny* e *Jennyfer*, por ser lugar de aconchego, onde encontro incentivo para voos como este!

À minha família campo-grandense: Tia *Marilene*, *Felipe*, *Flávia*, *Lorena* e *Lavínia* por me acolherem em todos os momentos em Campo Grande e me incentivaram a realização deste sonho.

Ao meu pai *Wanderley*, sua esposa *Patrícia* e meus irmãos *Ademilson* e *Rafaela* por sempre torcerem por mim.

À *Amanda Sabino Ferreira (in memoriam)* amiga que conheci no primeiro dia da Graduação e já nesse mesmo dia sonhou comigo a realização do Mestrado; foi uma estrela cadente que iluminou o céu de minha vida, de forma rápida, mas significativa. Foi Amandinha que me informou da aprovação no Mestrado, ligando-me transbordante de alegria. Ela se foi no segundo mês da Pós-Graduação, mas esteve presente em todos os momentos na minha memória.

À *Evelyn Patrícia*, minha “oclusiva”, pela amizade e companheirismo; pela ajuda em todos os momentos, pelas palavras de força e incentivo; por me fazer acreditar que poderia ir sempre mais longe de onde estava; por ser sempre parte do meu grupo de apresentações e caminhar comigo.

À *Manal Onkhir*, “Waldira”, pela amizade e que contagia com a presença, pelo incentivo e acompanhamento em todas as etapas, pelos incentivos e sorrisos que acalentam sempre, e pela ajuda com o abstract.

A *Daniel Abud* por ser um grande incentivador desta etapa da minha vida, por acompanhar com a amizade e estar sempre presente dando forças em todos os momentos difíceis, sendo exemplo de dedicação e compromisso com a ciência.

Às Radiches (*Anne, Raissa ‘Pou’, Izabelle e Gabriele*) por estarem sempre presentes iluminando com a amizade e acompanhando com o incentivo e palavras amigas, amigas que se tornaram irmãs e me dão forças em todos os momentos compartilhando alegria sempre e, agora, *Maria e Vitória*, que chegaram em nossas vidas durante o período de realização deste estudo.

Aos amigos *Maria Luiza* pelas orações que, mesmo de longe, me acompanharam e pela amizade de sempre; *Adeilson Lucas* pela amizade de sempre e alegria da partilha da vida; *Carol* por me levar sempre perto de Deus com a amizade e me permitir renovar às forças com a oração; *Aglaísse* pelas conversas linguísticas, orações e incentivos; *Flávia* pelos incentivos e palavras de ânimo em todos os momentos; *Izadora ‘Timão’* pelo carinho e força a mim dedicados durante a realização desse estudo; *Karlos* pela presença fortificante.

Aos meus irmãos da *Comunidade Obra de Maria* pelas orações e incentivos, por compreenderem as minhas ausências e me contagiarem com o transbordar do Espírito fortificando minha vocação, especialmente, os irmãos da Missão Corumbá e da Assessoria do Celibato.

À *Elizabeth Cristina* pelas palavras de incentivo e pela amizade sempre acompanhando com as orações e fortalecendo minha caminhada com a sua presença.

À *Josiene Bento* pelos cuidados, carinho e amizade orante que me incentivou sempre.

A *Edson Bueno* pela amizade e por sempre me lembrar o essencial da vida com seu testemunho e entrega.

Aos irmãos *Edemilson e Marciane* por suas presenças de amizade e alegria, além das orações e incentivo.

À família Matozo (*Tio Matozo, tia Mara e Nathália ‘Mega’*) pelo incentivo, amizade, companheirismo e exemplo de dedicação e alegria.

Aos irmãos da Missão Paraguay que compartilharam comigo de alguns momentos de elaboração dos textos e me acompanham com as orações, de forma especial *Jessika, Liz, Gabriela e Danton*.

Aos irmãos da Comunidade São José e, por extensão, da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Apostolado da Oração, que não me permitiram desanimar.

À *Laura Chaves* pela constante intercessão e incentivo, por todo carinho e amizade.

À *Jocélia Marques* pelas orações e por me ensinar a perseverar.

À *Kamilla Lima* por todos os momentos de luta juntos, pelas conversas, pelo grupo de estudos, alegrias e tristezas vividas e pela amizade construída.

À *Aneilza* por todos os momentos compartilhados, incentivo, amizade.

À *Larissa* pelas conversas e telefonemas, pelas alegrias e tristezas compartilhadas, pela amizade construída durante esse período e pelo incentivo e ombro amigo.

À *Aline Zanini* pela amizade construída durante essa etapa e por tão bem me acolher em sua residência, juntamente com seu esposo, durante a fase de aquisição de créditos.

Ao *Euclides* grande amigo que conquistei durante essa etapa, sempre me auxiliando em todos os momentos.

À *Sueli* e à *Simone* pela amizade construída a partir da Toponímia, pelas palavras de incentivo.

Às meninas do NEL *Simone, Carol e Raquel* pelas experiências, amizade e conversas.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pelos ensinamentos e experiências compartilhadas.

Aos Secretários *Paulo Papa* e *Leonnard Teixeira* pela disponibilidade dos mapas para constituição do *corpus*.

À Professora *Madalena Dib* pelo auxílio nas fontes históricas da cidade de Ladário, junto ao Instituto Histórico-Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Ao Sr. *Rodinei* que com tanta paciência me ajudou a procurar as leis municipais de denominação dos logradouros, pelo exemplo de solicitude.

Ao Sr. *Mauro Chaves*, história viva da cidade de Ladário, por partilhar comigo suas memórias, alegrias e tristezas.

Aos Tios *Zildelene* e *Nivaldo* por auxiliarem na busca por fontes históricas ladarenses, bem como na escolha dos informantes.

Aos meus informantes das pesquisas orais, histórias vivas da cidade de Ladário/MS, que compartilharam os tesouros da Pérola do Pantanal.

À *CAPES* pela concessão da bolsa que permitiu a realização de todas as etapas deste estudo.

A todos que contribuíram para a concretização deste estudo: **Muito Obrigado!**

SANTOS, Wanderley Renan Carmo dos. **A Toponímia da cidade de Ladário/MS: interfaces entre léxico, cultura e história.** 2023. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2023.

RESUMO

A Toponímia, disciplina linguística vinculada à Onomástica, fornece fundamentos para a análise dos nomes de lugares, os topônimos, particularmente, no que se refere ao estudo da motivação, da etimologia e estrutura dos sintagmas toponímicos, além de favorecer o resgate de aspectos históricos e sociais de uma região. Inserido no campo dos estudos toponímicos, este trabalho apresenta os resultados do estudo sobre a toponímia urbana da cidade de Ladário/MS que teve como objetivo geral estudar os topônimos que nomeiam os logradouros públicos (avenidas, ruas, praças etc.) da cidade de Ladário/MS, incluindo os topônimos relativos aos 11 bairros da cidade: *Centro, Santo Antonio, Boa Esperança, Almirante Tamandaré, Seac, Mista, Alta Floresta I, Alta Floresta II, Mutirão, Nova Aliança e Potiguar*. Como objetivos específicos o estudo teve os seguintes propósitos: i) catalogar os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS, a partir de consulta a mapas e/ou cartas oficiais da cidade; ii) analisar os topônimos que compõem o *corpus* dos pontos de vista da motivação, da língua de origem e da estrutura dos sintagmas toponímicos, adotando, para tanto, fundamentalmente, o modelo teórico de Dick (1990; 1992); iii) classificar os topônimos de acordo com o modelo taxionômico de Dick (1992) buscando traçar um panorama das tendências da toponímia estudada; iv) examinar condicionantes de natureza sociolinguístico-cultural que serviram de motivação e/ou de causa denominativa para a nomeação dos logradouros da cidade de Ladário/MS; v) verificar, por meio de pesquisas orais, as causas denominativas dos topônimos e a possível existência de uma toponímia paralela; vi) descrever, com base em postulados etnolinguísticos, a questão da relação léxico, cultura e história na toponímia em estudo. Os dados foram extraídos de mapas oficiais disponibilizados pela Secretaria de Administração do Município, escala 1:20000, contabilizando 170 topônimos que compõem o *corpus* de estudo. A análise foi pautada em pressupostos teórico-metodológicos da Toponímia, em especial nas contribuições de Dick (1990; 1992; 1996; 1999, 2001; 2004; 2007); Oliveira (2014); Bittencourt (2015); Cavalcante (2016); Amorim (2017); Neves (2019); da Lexicologia, Biderman (1998; 2001); da Etnolinguística, Sapir (1969); da Antropologia, Casado Velarde (1991) e, da Antropologia Linguística, Duranti (2000). Os resultados da pesquisa apontam a predominância de nomes de natureza antropocultural (76,92%) em detrimento de nomes de natureza física (23,07%). A taxonomia mais recorrente neste estudo foi a dos antropotopônimos (33,33%), seguida pelos axiotopônimos (19,49%) e pelos historiotopônimos (10,06%). Esses dados reforçam fatos evidenciados por outros estudos de mesma natureza: a tendência de homenagear pessoas reconhecidas ou não pela sociedade, entretanto, é mister destacar o alto índice de ocorrências dos fitotopônimos (16,98%) concentrados em dois bairros de Ladário/MS. Os dados confirmam ainda a influência da presença militar em terras ladarenses, haja vista que as taxonomias mais recorrentes se reportam a personalidades, títulos e acontecimentos históricos relacionados à Marinha do Brasil. Além disso, observa-se que a flora pantaneira pode ter servido de motivação para a denominação de parte significativa de logradouros ladarenses, visto que a cidade se situa em uma área imersa nesse bioma. Em síntese, o estudo contribuiu para evidenciar que a toponímia urbana registra fatos da vivência da população, atuando como fotografia da história e da cultura, como forma de perpetuar a memória coletiva de um lugar, mantendo-a viva para as futuras gerações.

Palavras-chave: Toponímia Urbana; Ladário; Marinha do Brasil; Logradouros Públicos.

SANTOS, Wanderley Renan Carmo dos. **Toponymy of Ladário City:** interfaces between lexicon, culture and history. 2023. 167 f. Thesis (Master's degree in Languages) – Mato Grosso do Sul Federal University, Campo Grande/MS, 2023.

ABSTRACT

Toponymy, a linguistic discipline linked to Onomastics, provides foundations for the analysis of the names of places, toponyms, particularly for the study of the motivation, etymology and structure of these names, in addition to favoring the highlight of historical and social aspects of a place. Inserted in the field of toponymic studies, this research presents the results of the study on the urban toponymy of the city of Ladário/MS. The general objective of the research was to study the toponyms that name the public places (avenues, streets, squares, etc.) of the city of Ladário/MS, including the toponyms related to the 11 neighborhoods of the city: Centro, Santo Antonio, Boa Esperança, Almirante Tamandaré, Seac, Mista, Alta Floresta I, Alta Floresta II, Mutirão, Nova Aliança and Potiguar. As for the specific objectives settled: i) catalog the toponyms that name the public places of the city of Ladário/MS, from consultation to maps and/or official letters of the city; ii) analyze the toponyms that make up the corpus from the points of view of motivation, the language of origin and the structure of toponymic phrases, fundamentally adopting the theoretical model of Dick (1990; 1992); iii) classify the toponyms according to Dick's (1992) taxonomic model, seeking to outline an overview of the trends in the studied toponymy; iv) examine sociolinguistic-cultural conditions that served as motivation and/or denominative cause for naming the public places in the city of Ladário/MS; v) verify, through oral research, the denominative causes of the toponyms and the possible existence of a parallel toponymy; vi) describe, based on ethnolinguistic postulates, the question of the relationship between lexicon, culture and history in the toponymy under study. Data were extracted from official maps made available by the Municipal Administration Secretariat, scale 1:20000, accounting for 170 toponyms that make up the study corpus. The analysis was based on theoretical and methodological assumptions of Toponymy, in special the studies of Dick (1990, 1992, 1996, 1999, 2001, 2004, 2007); Oliveira (2014); Bittencourt (2015); Cavalcante (2016); Amorim (2017); Neves (2019); from the Lexicology, Biderman (1998, 2001); from the Ethnolinguistic, Sapir (1969); Casado Velarde (1991); and from the Linguistic Antropology, Duranti (2000). The study results point to the predominance of names of an anthropocultural nature (76.92%) to the detriment of names of a physical nature (23.07%). The most recurrent taxonomy in this study was anthrotoponyms (33.33%), followed by axiotonyms (19.49%) and historionyms (10.06%). The occurrence of these taxonomies reinforces facts evidenced by studies of the same nature: the tendency to honor people recognized or not in society, however, it is necessary to highlight the high rate of occurrences of phytonyms (16.98%) concentrated in two neighborhoods. The data confirm the influence of the military presence in Ladário, given that the most recurrent taxonomies refer to personalities, titles and historical events related to the Brazilian Navy. In addition, it is observed that the Pantanal flora can be served as a motivation for the denomination of most of the public places in the city, since the city is located in a geography immersed in this biome. In summary, the study contributed to show that urban toponymy records facts of the population's experience, acting as a photograph of history and culture, as a way of perpetuating the collective memory of a place, keeping it alive for future generations.

Key words: Urban Toponymy; Ladário/MS; Brazilian Navy; Public Place.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – “Teorias da Cultura” (DURANTI, 2000).	33
Quadro 2 – Critérios para definição dos nomes próprios segundo Ullmann (1964).	39
Quadro 3 – Passagem do vocábulo pleno ao plano da designação onomástica (DICK, 1999).	42
Quadro 4 – Características gerais dos nomes próprios (AMARAL; SEIDE, 2020).	42
Quadro 5 – Exemplo de sistematização dos dados toponímicos da cidade de Ladário/MS.	79
Quadro 6 – Perfil dos informantes	81
Quadro 7 – Topônimos que nomeiam os bairros da cidade de Ladário/MS.	84
Quadro 8 - Topônimos que nomeiam logradouros do bairro <i>Centro</i> da cidade de Ladário/MS	87
Quadro 9 - Topônimos que nomeiam logradouros do bairro <i>Santo Antônio</i> da cidade de Ladário/MS.	99
Quadro 10 – Topônimos que nomeiam logradouros do bairro <i>Boa Esperança</i> da cidade de Ladário/MS.	107
Quadro 11 – Topônimos que nomeiam logradouros do bairro <i>Almirante Tamandaré</i> da cidade de Ladário/MS.	111
Quadro 12 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro <i>SEAC</i> da cidade de Ladário/MS	117
Quadro 13 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro <i>Mista</i> da cidade de Ladário/MS.	122
Quadro 14 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro <i>Alta Floresta I</i> da cidade de Ladário/MS.	124
Quadro 15 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro <i>Alta Floresta II</i> da cidade de Ladário/MS.	129
Quadro 16 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro <i>Mutirão</i> da cidade de Ladário/MS.	131

Quadro 17 – Topônimos que nomeiam logradouros do bairro <i>Nova Aliança</i> da cidade de Ladário/MS.	136
Quadro 18 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro <i>Potiguar</i> da cidade de Ladário/MS.	131
Quadro 19 – Antropotopônimos da cidade de Ladário/MS, segundo fatores sociais.	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onomástica (DICK, 1999)	44
Figura 2 – Onomástica e interdisciplinaridade (SOUSA; DARGEL, 2017)	45
Figura 3 - Triângulo semiótico / Triângulo de Ogden e Richards (1972)	52
Figura 4 – Esboço da Bacia do Rio Paraguai	66
Figura 5 – Ata de Fundação da Vila de Albuquerque (1778)	68
Figura 6 – Panorama da entrada do Arsenal da Marinha.	71
Figura 7 – Imagem de Nossa Senhora dos Remédios.	72
Figura 8 – Mapa de localização do município de Ladário no mapa do estado de Mato Grosso do Sul.	74
Figura 7 – Ficha lexicográfico-toponímica (DICK, 2004).	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produtividade dos topônimos que nomeiam bairros da cidade de Ladário/MS quanto à estrutura morfológica.	137
Gráfico 2 – Distribuição quantitativa das taxionomias toponímicas identificadas na toponímia ladarense.	139
Gráfico 3 – Distribuição quantitativa dos topônimos da cidade de Ladário/MS, segundo a estrutura morfológica.	140
Gráfico 4 – Língua de origem dos topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS: maior ocorrência.	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produtividade dos tipos de logradouros públicos da cidade de Ladário/MS	138
Tabela 2 - Produtividade de axiotopônimos na toponímia de Ladário/MS.	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LP – Língua Portuguesa

LHeb – Língua Hebraica

Lat – Latim

LFr – Língua Francesa

Ár – Árabe

Gr – Grego

LT – Língua Tupi

Esp – Espanhol

LAlem – Língua Alemã

LIng – Língua Inglesa

Fen – Fenício

Anglo-sax – Anglo-saxônico

Quimb – Quimbundo

It – Italiano

ATB - Atlas Toponímico do Brasil

ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul

ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Paraná

ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins

ATEMA – Atlas Toponímico do Estado do Maranhão

ATOBAB – Atlas Toponímico do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO I – TOPONÍMIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	29
1.1 – Relações entre língua e cultura: a Antropologia Linguística	29
1.2 – O léxico e o processo de nomeação	35
1.3 – Nome próprio <i>versus</i> nome comum: algumas reflexões	39
1.4 – A Onomástica: ciência dos nomes próprios	43
1.5 – A Toponímia: conceituação e percurso histórico	46
1.6 – O signo toponímico: conceito, função e estrutura	51
1.7 – Taxonomias toponímicas: modelos	56
1.7.1 – Taxionomias de Natureza Física (DICK, 1992, 31-32)	57
1.7.2 – Taxonomias de Natureza Antropocultural (DICK, 1992, p. 32-34)	58
1.8 – Toponímia urbana: algumas considerações	61
CAPÍTULO II – ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA CIDADE DE LADÁRIO/MS	64
2.1 – Os povos primitivos do território: Paiaguás, Guaicurus, Guatós e Guanãs	64
2.2 – A expansão a Oeste e o impedimento do avanço espanhol	65
2.3 – Corumbá e Ladário: histórias entrelaçadas	67
2.4 – O Arsenal da Marinha: início do desenvolvimento de Ladário	70
2.5 – A Ferrovia e o novo tempo para Ladário/MS: passos à emancipação	72
2.6 – A emancipação político-administrativa do Distrito de Paz do Ladário	73
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	75
3.1 – Objetivos	75

3.2 – Procedimentos e constituição do <i>corpus</i>	76
3.3 – Sistematização e análise dos dados	77
3.4 – Das entrevistas orais	80
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	83
4.1 – Apresentação dos dados	83
4.2 – Análise dos dados da pesquisa	137
4.2.1 – Perspectiva quantitativa	137
4.2.1.1 – Os nomes dos bairros da cidade de Ladário/MS	137
4.2.1.2 – Os nomes dos logradouros públicos da cidade de Ladário/MS	138
4.2.2 – Perspectiva qualitativa	142
4.2.2.1 – Os nomes dos bairros da cidade de Ladário/MS: considerações	143
4.2.2.2 – Os nomes dos logradouros da cidade de Ladário/MS: um olhar sobre a motivação toponímica	144
4.2.2.3 – Léxico toponímico e história: entrelaçamentos	147
4.2.2.3.1 – A antropotoponímia ladarense	148
4.2.2.3.2 – Axiotopônimos da cidade de Ladário/MS	150
4.2.2.3.3 – A história nas vias ladarenses: o caso dos historiotopônimos	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICES	166
APÊNDICE I – Dados dos informantes	166
APÊNDICE II – Roteiro da entrevista	167

INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua natural constitui o acervo vocabular de que se vale o falante para se comunicar e interagir socialmente. Além disso, esse acervo linguístico consiste no nível da linguagem humana que mais se relaciona a fatores extralinguísticos, à medida que nele avultam aspectos da cosmovisão de um grupo sociolinguístico-cultural, em outras palavras, esse nível linguístico “representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9). Nesse sentido, os itens lexicais que compõem o léxico de uma língua consubstanciam experiências profundas do *modus vivendi* de um grupo, testemunhando fatos da cultura, do tempo e espaço de uma sociedade. É por meio do léxico, portanto, que o homem exprime sua maneira de interpretar e entender a realidade e, especialmente, transmitir sua cultura.

A atividade de nomear surge, pois, da necessidade do homem de organizar e sistematizar o ambiente em que se situa, utilizando-se, para tanto, do acervo de palavras disponíveis na língua para categorizar o ambiente físico e social ao seu redor. Biderman (2001, p. 13), por exemplo, pondera que “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo”. Desse modo, compreende-se que a utilização de unidades lexicais na atividade de nomear gera a classe dos nomes em geral, traduzindo a realidade arquitetada pelos valores e pela experiência do homem com o universo, que, ainda de acordo com a mesma estudiosa (1998, p. 88), é o resultado da categorização do mundo.

Dessa forma, o entendimento da cultura é essencial para o estudo da linguagem, visto que é por meio dos fatos culturais, ou seja, da somatória dos valores, experiências e conhecimentos de um grupo social, que a linguagem é modelada atuando como expressão de uma coletividade. Conforme Sapir (1969, p. 20), “a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização expressa. A linguagem é um guia para a ‘realidade social’”. Linguagem e cultura podem ser entendidas como intrinsecamente relacionáveis. Desta forma, na nomeação, a cultura funciona como força motivadora para a escolha da denominação, seja de uma pessoa, seja de um lugar.

Nesse viés, insere-se a Toponímia, disciplina linguística que fornece fundamentos para o estudo dos nomes de lugares, os topônimos, particularmente, o estudo da motivação, da etimologia e estrutura desses nomes. Vincula-se à Onomástica,

ramo da ciência linguística que tem como objeto o estudo de nomes em geral, dentre os quais os nomes próprios de pessoas, dos quais se ocupa a Antroponímia. A Toponímia, ramo que sedimenta esta pesquisa, é uma “disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuíaam distintamente, em porções territoriais bem delimitadas” (DICK, 1990, p. 19). Nesse sentido, o topônimo configura-se como uma unidade lexical que exerce a função denominativa de um lugar, configurando-se, no âmbito de uma comunidade linguística, como uma entidade de valor, melhor observada por aqueles que dela fazem uso, o que lhe confere o *status* de símbolo da cultura, sejam nomes de espaços rurais (morros, rios, fazendas etc.), sejam nomes de logradouros de ambientes urbanos (ruas, praças, escolas etc.).

O topônimo, pela sua complexidade e características dentre os fatos onomásticos, essencialmente em relação ao seu conteúdo semântico, é considerado um signo linguístico que fotografa num determinado momento espaço-temporal, a realidade circunscrita de um grupo, materializando, assim, possíveis memórias histórico-culturais de uma localidade. Nessa perspectiva,

[...] A Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além do seu foco originário, dilatando, consequentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido [...] (DICK, 1990, p. 22).

No universo das pesquisas toponímicas, é preciso salientar que, no Brasil, os estudos toponímicos começaram a se solidificar a partir da Tese de Doutorado de Dick (1980), publicada em 1990 pelo Governo de São Paulo, na qual a autora teorizou sobre a disciplina toponímica, tendo construído um modelo teórico-metodológico voltado para a realidade toponímica brasileira, incluindo o modelo taxionômico para caracterizar os topônimos segundo a motivação semântica observada no plano sincrônico. Dick (1990) forneceu importantes contribuições para a consolidação da Toponímia como disciplina autônoma vinculada à Linguística, passando a representar um “divisor de águas” no âmbito dos estudos toponímicos no Brasil. A mesma estudiosa (DICK, 1996), em pesquisa sobre os processos de nomeação de ruas da cidade de São Paulo (1554-1897) aborda um novo viés de estudo: a toponímia urbana, fornecendo parâmetros para pesquisas dessa modalidade e inaugurando essa perspectiva de estudo no Brasil.

Pode-se dizer que, face à toponímia rural, a nomeação urbana apresenta características peculiares, principalmente no tocante à dinâmica dos nomes, haja vista

ser comum ocorrer mudança dos nomes de ruas, praças, avenidas etc., para, por vezes, homenagear personalidades históricas que foram importantes para a região, a cidade, não raras vezes desconhecidas pela população em geral que necessita de uma busca mais profunda em dados históricos para elucidar possíveis causas de denominação, o que pode confirmar o caráter interdisciplinar dos estudos toponímicos, considerando que, para elucidar fatos relativos ao topônimo, o toponimista necessita recorrer às contribuições de outras ciências como a História, a Geografia, a Antropologia etc.

No Estado de Mato Grosso do Sul, as pesquisas sobre toponímia urbana vinculadas ao Projeto Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul (ATEMS), desenvolvidas junto aos Programas de Pós-graduação *stricto sensu*¹ da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob orientação da Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo, também coordenadora do Projeto ATEMS, focalizaram dados da capital sul-mato-grossense, a cidade de Campo Grande: *Toponímia Urbana da Região Central de Campo Grande/MS: um olhar socioetnolinguístico*, de Letícia Alves Correa Oliveira (2014), foi o trabalho pioneiro sobre a toponímia da capital sul-mato-grossense. Ribeiro (2015), por sua vez, analisou a influência religiosa na nomeação dos logradouros da capital. Cavalcante (2016), Amorim (2017) e Neves (2019) também investigaram a toponímia urbana de regiões campo-grandenses, respectivamente do Imbirissu, Segredo e Prosa. Bittencourt (2015), por sua vez, analisou a toponímia urbana da cidade de Três Lagoas/MS, com destaque para a perspectiva histórica.

É importante destacar que os estudos toponímicos, em território sul-mato-grossense, tiveram início com as investigações pioneiras da professora-pesquisadora Marlene Schneider (1999), ao realizar uma investigação sobre os nomes das vias públicas da cidade de Corumbá/MS². Na ocasião, foram catalogados 230 topônimos de logradouros públicos extraídos do Plano Diretor da cidade (1999), entretanto, a análise se restringiu a 55 topônimos, relativos à área central de Corumbá, fundamentada no viés histórico. A estudiosa constatou alto índice de *historiotopônimos* (57,75%), seguidos dos *antropotopônimos* (18,18%), dos *corotopônimos* (10,90%) e dos *axiotopônimos* (5,45%). O recorte toponímico estudado evidenciou a tendência observada por estudos

¹ Nesse particular, referimo-nos aos Programas de Pós-graduação em Letras e Estudos de Linguagens, de Três Lagoas e de Campo Grande, respectivamente. Ressalta-se a publicação da obra *Toponímia Urbana no Brasil: estudos*, Isquerdo (2023), o terceiro volume da Série Toponímia (UFMS).

² Trata-se do trabalho intitulado *Toponímia das vias públicas da cidade de Corumbá-MS: estudo preliminar*. Monografia apresentada como trabalho final da disciplina *Lexicologia e Lexicografia* oferecida no Programa de Pós-graduação em Letras (UFMS/CPTL), pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, em 1999 (inédito).

recentes sobre a toponímia urbana: a homenagem a pessoas e momentos históricos que permearam o espaço pesquisado. Na toponímia corumbaense, por exemplo, foi possível recuperar “a presença de personalidades e de datas históricas, testemunhas de uma época considerada gloriosa para Corumbá, a Guerra do Paraguai, como força motivadora dos topônimos” (SCHNEIDER, 1999, p. 63).

Além disso, essa mesma pesquisadora (SCHNEIDER, 2003)³ desenvolveu a pesquisa que abriu portas para os estudos da toponímia da área rural de Mato Grosso do Sul, na verdade o embrião do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS). Essa pesquisa investigou a toponímia de acidentes rurais do Pantanal Sul-mato-grossense, tendo evidenciado a forte influência da fauna na escolha dos denominativos, pois entre os topônimos que remetem a elementos da natureza física, os zootopônimos foram os de maior ocorrência, além de a sua maioria ser procedente de línguas indígenas. Em termos gerais, os dados demonstraram “a valorização do ambiente físico que retrata uma fase da formação étnica do homem pantaneiro, representada pelos índios e pelos peões, como por exemplo, os nomes de animais, de plantas e dos acidentes hidrográficos” (SCHNEIDER, 2002, p. 152).

Em estudo sobre a mesma região, Castiglioni e Schneider (2020) discutem a representatividade de termos regionais incorporados à toponímia local, como é o caso dos itens lexicais *corixo*, *vazante*⁴ e *baía* que, no meio pantaneiro, assumem significação própria. Além do mais, as estudiosas constatarem forte influência de elementos do mundo físico nas denominações, sobretudo, a incidente *toponimização*⁵ de nomes de acidentes que foram emprestados à Geografia, como é o caso dos topônimos: “Cachoeirinha (30), Cachoeira (22), Lagoa (17), Furna (dez), Saltinho (dez), Lagoinha (nove), Ribeirãozinho (sete), Cabeceira (seis), Salto (cinco), Vertente (quatro), Corguinho (quatro)” (CASTIGLIONI; SCHNEIDER, 2020, 158).

Inserida em meio ao Bioma do Pantanal Sul-mato-grossense, a cidade de Ladário se inscreve na área geográfica do município de Corumbá, cidade da qual foi

³ Trata-se da Dissertação de Mestrado, produzida no Programa de Pós-Graduação em Letras (UFMS/CPTL), intitulada “Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos” (2002), de Marlene Schneider, sob orientação da Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo.

⁴ É importante destacar que Alencar (2013), ao descrever o vocabulário de falantes das cidades de Corumbá e Ladário, no âmbito dos *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (ALiCoLa)*, documenta os itens léxicos *corixo* e *vazante*, particularidades do léxico regional nas localidades pesquisadas.

⁵ De acordo com as pesquisadoras, a *toponimização* “ocorre quando um termo que designa um elemento geográfico passa a ser o nome próprio, ou seja, o termo genérico se transforma em termo específico – no topônimo propriamente dito” (CASTIGLIONI; SCHNEIDER, 2020, p. 155).

dependente por grande tempo de sua história (1911-1953). Verifica-se que as duas cidades tiveram a sua fundação em períodos próximos, o que gera um entrelaçamento em suas histórias. Ladário, porém, nasce com a finalidade de ser um campo de subsistência de Corumbá, à época intitulada Vila de Albuquerque, fundada pela Coroa Portuguesa com o propósito de impedir o avanço castelhano nessas terras. Somente após a Guerra do Paraguai (1864-1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança, a Pérola do Pantanal, como também é Ladário conhecida, despertou o interesse dos militares portugueses, graças à sua localização geográfica e à topografia da região que favoreceram a implantação do Arsenal da Marinha, fato que impulsionou o desenvolvimento local e a diversidade sociolinguístico-cultural da população.

Além de contar com uma rica história, sendo reconhecida como uma das mais antigas cidades do Estado, a cidade de Ladário situa-se em área de fronteira com a Bolívia, o que contribui com o contato da língua portuguesa com a língua espanhola, além de influenciar nas trocas culturais. Observa-se ainda que a cidade possui certo isolamento das demais cidades do Estado, visto que Ladário se situa no Pantanal, às margens do rio Paraguai e a 427 km da capital Campo Grande, o que favorece um desenvolvimento de particularidades culturais, em termos culinários e sociais.

Essa vasta riqueza sociolinguística e histórico-cultural de Ladário/MS, ainda pouco explorada, motivou a realização deste estudo, tomando-se como pressuposto que a investigação toponímica pode favorecer o resgate de aspectos socioculturais, linguísticos e históricos inerentes a uma localidade. Além do mais, destacamos a ausência de trabalhos dessa natureza sobre a toponímia da cidade, o que proporciona caráter inovador ao estudo, no tocante aos estudos linguísticos⁶, na região, fato que também pesou na escolha da localidade. Espera-se, com este estudo, contribuir com pesquisas sobre a toponímia urbana no âmbito do Projeto ATEMS, visto que os dados aqui analisados poderão ser incorporados ao banco de dados do projeto e a sua análise contribuir para o conhecimento linguístico e toponímico do interior de Mato Grosso do Sul.

Esta dissertação tem como objetivo mais amplo realizar a análise da toponímia urbana da cidade de Ladário, Mato Grosso do Sul, com vistas a investigar em que

⁶ Destaca-se o estudo de Alencar (2013) intitulado *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (ALiCoLa)*, dissertação produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS/CCHS), sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquardo. O estudo evidenciou a presença de arcaísmos no falar pantaneiro, resultante do isolamento da região em relação às demais cidades do estado de Mato Grosso do Sul, além de empréstimos espanhóis motivados pela relação fronteiriça das localidades, bem como do intenso fluxo fluvial ligado a países hispânicos.

proporção a história e a cultura ladarenses são refletidas nos nomes dos logradouros públicos.

Nesse sentido, propomos os seguintes questionamentos que nortearam esta investigação: i) os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário refletem marcas sociolinguísticas e histórico-culturais da localidade?; ii) a presença do 6º Distrito Naval, da Marinha do Brasil, na localidade, influenciou a denominação dos logradouros públicos? Com vistas a responder a essas perguntas de pesquisa, foram estabelecidos os objetivos específicos a seguir arrolados:

- i) catalogar os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS, a partir de consulta a mapas e/ou cartas oficiais da cidade;
- ii) analisar os topônimos que compõem o *corpus* dos pontos de vista da motivação, da língua de origem e da estrutura dos sintagmas toponímicos, adotando, para tanto, fundamentalmente, o modelo teórico de Dick (1990; 1992);
- iii) classificar os topônimos de acordo com o modelo taxionômico de Dick (1992), buscando traçar um panorama das tendências da toponímia estudada;
- iv) examinar em que proporção condicionantes de natureza sociolinguístico-cultural serviram de motivação e/ou de causa denominativa para a nomeação dos logradouros da cidade de Ladário/MS;
- v) investigar, por meio de pesquisas orais, possíveis causas denominativas dos topônimos e a possível existência de uma toponímia paralela;
- vi) descrever, com base em postulados etnolinguísticos, a questão da relação léxico, cultura e história na toponímia em estudo.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. O Capítulo I – *Toponímia: fundamentos teóricos*, que discorre sobre a fundamentação teórica que alicerça a pesquisa, tecendo considerações sobre a relação léxico e cultura, retomando alguns pressupostos da Antropologia Linguística, além de discutir os fundamentos da área em que se situa este estudo: a Toponímia.

O Capítulo II – *Aspectos históricos e geográficos da cidade de Ladário* foi dedicado à abordagem dos aspectos histórico-geográficos da localidade pesquisada, resgatando aspectos do desenvolvimento da cidade de Ladário/MS, de sua fundação (1778) aos dias atuais, bem como a influência exercida pela presença da Marinha nessas terras.

O Capítulo III – *Metodologia* discute a metodologia que orientou a pesquisa e os critérios adotados para a catalogação e análise dos dados, bem como o caminho percorrido na sistematização do *corpus*, além dos procedimentos adotados para as pesquisas orais.

O Capítulo IV – *Apresentação e análise dos dados*, por sua vez, se divide em duas partes distintas: i) a apresentação do *corpus* sistematizada em quadros produzidos com base na Ficha Lexicográfico-toponímica (DICK, 2004) e, ii) a análise quantitativa e qualitativa dos dados investigados com base nas teorias toponímicas adotadas. Finalizam a dissertação as Considerações Finais, as Referências e os Apêndices.

CAPÍTULO I – TOPONÍMIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo destina-se à apresentação e discussão dos pressupostos teóricos básicos que embasaram o estudo. Discutimos, primeiramente, aspectos da relação entre língua e cultura, abordando questões teóricas nas áreas da Antropologia Linguística, sobretudo a noção de *cultura* em meio aos estudos linguísticos. Na sequência, focaliza-se o léxico e suas relações com o processo de nomeação, além de considerar as diferenças entre o *nome próprio* e o *nome comum*. Além disso, discutimos a importância da Onomástica no âmbito dos estudos linguísticos com foco na área em que se ancora este estudo: a Toponímia. Nesse sentido, tecemos considerações acerca do percurso histórico da disciplina Toponímia, com destaque para a questão do signo toponímico, dos modelos classificatórios propostos por diferentes estudiosos com ênfase para as taxonomias de Dick (1990; 1992) utilizadas neste estudo. Ainda, apresentamos algumas considerações no tocante a tendências de estudo da toponímia urbana.

1.1 Relações entre língua e cultura: a Antropologia Linguística.

O início do século XX marca os primeiros passos da Linguística Moderna. Foi a partir da publicação dos postulados de Ferdinand de Saussure (2012)⁷ que os estudos linguísticos, paulatinamente, se desvincularam do método histórico-comparativo e começaram a conceber a língua como sistema e como instituição social. Para o mestre genebrino (2012, p. 41), a língua é a parte essencial da linguagem humana e se configura como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Essa teoria com o passar do tempo tornou-se a base dos estudos linguísticos modernos e permite reflexões acerca da relação entre a língua e os contextos social e cultural em que se insere.

Sapir (1969, p. 44), por exemplo, entende a língua como “complexo de símbolos refletindo todo quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano”. Ao discutir a relação entre língua e ambiente, este estudioso esclarece que o termo *ambiente* pode ser observado por meio da língua e o define como os fatores *físicos* e *sociais* de uma região. Dentre as características do ambiente físico estão a topografia e as

⁷ Os estudos de Ferdinand de Saussure foram organizados por dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, resultando na obra póstuma *Cours de Linguistique Générale* cuja primeira edição data de 1916. Neste estudo, valemo-nos da 28ª edição publicada pela Editora Cultrix, em 2012.

particularidades climáticas, a saber: os vales, planícies, montanhas, a fauna, a flora, regime de chuvas, recursos hídricos etc., enquanto os fatores sociais conjugam “as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte” (SAPIR, 1969, p. 44).

Além disso, esse estudioso defende a relação indissociável entre a língua e a cultura, de modo que considera que as palavras de uma língua, bem como os processos da gramática, traduzem processos culturais significativos, à medida que atuam como símbolos que apresentam particularidades de um grupo cultural (SAPIR, 1969, p. 60). Ainda, segundo o linguista americano, essa relação tem caráter dinâmico, embora esses elementos não se desenvolvam paralelamente, pois uma mudança cultural acarreta uma mudança linguística, haja vista as palavras existentes numa língua normalmente não conseguirem traduzir com eficiência essa complexidade. Apesar de a mudança linguística ser motivada, por vezes, pela mudança cultural, a língua tende a ser mais conservadora que a cultura, traduzindo, inclusive estágios diferentes da cultura em que se insere (SAPIR, 1969, p. 61).

A Antropologia, por sua vez, compreende que uma mudança cultural pode ser de caráter interno ou externo. A primeira é resultante do dinamismo interno do próprio sistema, enquanto a segunda resulta do contato com outras culturas: no caso da *mudança cultural interna*,

[...] a mudança pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato (LARAIA, 2004, p. 96).

A *mudança cultural externa*, por sua vez, é caracterizada por ser mais rápida e brusca, além de ser a mais estudada, pois

[...] é o mais atuante na maior parte das sociedades humanas. É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna [...] Por isso, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos (LARAIA, 2004, p. 96).

É possível compreender, portanto, que uma mudança cultural interna é, por vezes, resultado do contato entre culturas. Assim, “cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isso porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e inovadoras” (LARAIA, 2004, p. 99, grifo nosso). Entende-se, dessa forma, que a língua

é o canal por onde podemos observar fatos de uma cultura, uma vez que se revela como conjunto de símbolos que integram o pensamento coletivo. A investigação linguística fornece, pois, a elucidação de aspectos da cultura de um povo, tais como a organização política, o contato de culturas, a modernização, entre outros aspectos que permeiam o imaginário de um grupo.

Casado Velarde (1991, p. 11), por sua vez, define cultura⁸ como “o conjunto do que o homem fez com o dado na natureza: o que realizou [...], conheceu, as atitudes adotadas, agiu, criou. A palavra cultura inclui, portanto, o que se chama de civilização material e espiritual, ou seja, todo o produto da atividade humana”⁹. Além disso, o mesmo estudioso argumenta que, no âmbito da Antropologia Sociocultural, a cultura designa um conjunto de três fatores: “o instrumento técnico ou, em geral, a técnica (agricultura, caça, pecuária); a norma (costumes, instituições e leis); e a representação simbólica (linguagem, mito e religião)”¹⁰ (CASADO VELARDE, 1991, p. 11).

O conceito de cultura, ainda conforme Laraia (2004), no campo da Antropologia, foi amplamente discutido dada a sua complexidade. Alguns estudiosos, apoiados no determinismo biológico, chegaram a defender que as diferenças genéticas determinam as diferenças culturais. Esse fato foi refutado, sobretudo, por Felix Keesing (1961) que argumentou sobre a inexistência de uma correlação entre as características genéticas e culturais. Nesse sentido, esse estudioso assevera que “qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado” (KEESING, 1961 apud LARAIA, 2004, p. 17).

É preciso considerar, também, que o determinismo geográfico influenciou no entendimento do conceito de cultura. De acordo com essa corrente de pensamento, as particularidades do ambiente físico de uma região (longitude, clima, topografia etc.) são fatores condicionantes da diversidade cultural. Esse pensamento foi desenvolvido, essencialmente, por geógrafos no fim do século XIX, entretanto, alguns antropólogos,

⁸ Casado Velarde (1991, p. 11) argumenta ainda que o termo provém do latim *colere* que possuía um tríplice significado: físico (relacionado ao cultivo da terra), ético (no sentido de cultivar-se, segundo o ideal dos humanistas) e religioso (dar culto a Deus).

⁹ No original: “Lo conjunto de lo que el hombre ha hecho con lo dado em la naturaleza: lo que ha realizado [...], conociendo, adoptando actitudes, actuando, creando. La palabra cultura incluye, por tanto, lo que se llama civilización material y espiritual, es decir, todo producto de la actividad humana” (CASADO VELARDE, 1991, p. 11) (Tradução do autor).

¹⁰ No original: “el instrumento técnico o, em general, a técnica (agricultura, caza, ganadería...); la norma (costumbres, instituciones, leyes); y la representación simbólica (lenguaje, mito, religión)” (CASADO VELARDE, 1991, p. 11) (Tradução do autor).

dentre os quais Franz Boas, refutaram essa corrente teórica alegando a existência de limites em se tratando da influência geográfica sobre a cultura (LARAIA, 2004, p. 21).

Embora antropólogos, geógrafos e biólogos já discutissem o conceito de cultura, foi apenas a partir do século XVIII que surgem alguns termos relacionados a esse conceito suas respectivas discussões. Utilizava-se o termo alemão, *kultur*, como referência a aspectos espirituais de um grupo humano e, por outro lado, o termo francês *civilization* era empregado para referir-se às realizações materiais de um povo. A primeira definição, no entanto, que compreendia ambos os termos e sintetizava todo o pensamento a respeito da cultura foi apresentada por Tylor (1832-1917) que definiu *culture* como “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871 apud LARAIA, 2004, p. 25). Na verdade, Tylor (1832-1917) também contribuiu para a concepção de cultura como resultado de aprendizado, desconsiderando a ideia de que esta seria uma resultante da Biologia.

Apoiados no primeiro conceito de cultura, antropólogos, dentre os quais Franz Boas (1896), reagem ao evolucionismo iniciando o método comparativo. Esse posicionamento fora motivado pelo contato com a língua dos esquimós, o que fez o pesquisador concluir que a Antropologia deveria focar-se em duas tarefas: “a) a reconstrução da história de povos ou regiões particulares; b) a comparação da vida social de diferentes povos, cujo desenvolvimento segue as mesmas leis” (BOAS, 1896 apud LARAIA, 2004, p. 35), entendendo que a cultura segue um caminho próprio, haja vista os diferentes eventos históricos que ocorrem ao longo do tempo.

Duranti (2000), por sua vez, defende o pertencimento do estudo da relação língua/cultura à Antropologia, mais especificamente, à Antropologia Linguística. Isso se justifica, segundo o autor, pelo exame da linguagem acontecer pelo prisma dos interesses antropológicos: “a transmissão e reprodução da cultura; a relação entre os sistemas culturais e outras formas de organização social e o papel das condições materiais de existência na compreensão que os indivíduos tem do mundo”¹¹(DURANTI, 2000, p. 23). Ainda segundo o mesmo estudioso, os antropólogos linguistas percebem a linguagem humana como um conjunto simbólico que permite desvendar os aspectos sociais de um povo e os recortes da cosmovisão do falante. Nessa perspectiva, é

¹¹ No original: “[...] la transmisión y reproducción de la cultura, la relación entre sistemas culturales y otras formas de organización social, y el papel de las condiciones materiales de existencia em la comprensión que los individuos tienen del mundo” (DURANTI, 2000, p. 23) (Tradução do autor).

possível, por meio da linguagem, abordar temas que constituem o núcleo da investigação antropológica.

Ao discutir a complexidade do conceito de cultura, Duranti (2000) apresenta seis “teorias da cultura”, desenvolvidas a partir de uma revisão sistemática das teorias da cultura propostas por antropólogos do século XX. Essas teorias fundamentam-se na premissa de que a Antropologia Linguística compreende a linguagem como prática cultural (quadro 1).

Quadro 1 – “Teorias da cultura” (DURANTI, 2000).

Teorias da cultura	Síntese
1. Cultura como algo distinto da natureza.	Essa teoria compreende a cultura como o resultado de experiências vividas ao longo das gerações, não comportando os traços genéticos, mas sendo determinada por características do ambiente. Nessa perspectiva, focaliza-se a cultura como oposta à natureza e entende-se a linguagem como instrumento de categorização do mundo, que transmite a cosmovisão de um grupo.
2. A cultura como conhecimento.	Essa teoria considera a cultura como habilidade inata. Entende-se que os membros de uma cultura constituem células do pensamento coletivo, pelas quais se pode desvendar o imaginário de um grupo sociocultural. Assim, a linguagem é a ferramenta pela qual o falante expressa a sua crença, bem como seus conhecimentos acerca do mundo e, para os antropólogos, fazer parte de uma cultura implica compartilhar dos conhecimentos desse sistema.
3. Cultura como comunicação.	Essa teoria concebe a cultura como um sistema de signos, que traduzem a representação do mundo. É por meio desses signos que se transmitem recortes da realidade e, dessa forma, a palavra não faz uma representação do que se designa, mas indica ou conecta a realidade ao seu conteúdo. Nessa óptica, o sistema linguístico é compreendido como veículo de práticas culturais, à medida que transmite os símbolos de uma cultura.
4. Cultura como sistema de mediação.	Essa teoria defende a existência de uma necessidade de mediação entre os seres humanos para exercerem a interação entre si. Nessa perspectiva, a cultura é entendida como o acervo material, o conjunto de crenças e o sistema linguístico de um grupo, sendo esse último - o conjunto de signos de um grupo cultural. A

	linguagem é considerada o resultado de eventos históricos e, por isso, deve ser observada de forma sincrônica.
5. A cultura como um sistema de práticas.	Essa concepção de cultura é originária de correntes pós-estruturalistas e defende que o estudo da língua não pode ser desvinculado do contexto social em que ela está inserida, pois ela constitui um conjunto de práticas individuais e coletivas. Nessa perspectiva, Bourdieu (1991 <i>apud</i> DURANTI, 2000, p. 74) destaca a noção de <i>habitus</i> : “história incorporada, naturalizada e, por isso, esquecida como tal história, o <i>habitus</i> é a presença de todo o passado do qual é produto: é o que proporciona às práticas sua ‘independência relativa’ em relação às determinações exteriores do presente imediato” ¹² . Entende-se, pois, que a língua é capaz de resgatar a memória de uma comunidade, visto que, como um <i>habitus</i> linguístico, as formas da língua, bem como as suas variações, permitem observar as transmissões de conhecimento por meio dessas unidades. Nessa perspectiva, a Antropologia Linguística aproxima-se da Sociolinguística.
A cultura como um sistema de participação.	Essa teoria compreende a cultura como um conjunto de fatores sociais e coletivos, que permite observar a linguagem como um canal que estabelece relações no mundo, entre os homens e entre o falante e o universo circundante.

Fonte: Elaboração do autor com base em Duranti (2000, p. 47-81).

Conforme Duranti (2000, p. 81), cada teoria evidencia uma face específica da linguagem humana, confirmando a complexidade do sistema cultural, razão pela qual cada uma propõe ferramentas de análise da língua como sistema de transmissão da cultura.

É perceptível, pois, que um estudo linguístico necessita de uma abordagem antropológica, visto que o entendimento que o homem carrega em si, ou seja, a sua bagagem cultural, é esclarecedora de muitas questões pertinentes à língua que, por sua vez, pode ser considerada uma janela de observação cultural, pois, uma vez entendida como sistema de símbolos de uma cultura, revela a cosmovisão de um povo, bem como a sua maneira de compreender e ler o mundo.

¹² No original: “historia incorporada, naturalizada y, por ello, olvidada como tal historia, el *habitus* es la presencia de todo el pasado del que es producto: es lo que proporciona las prácticas su ‘independencia relativa’ en relación a las determinaciones exteriores del presente inmediato” (BOURDIEU, 1991 *apud* DURANTI, 2000, p. 74).

No âmbito deste estudo, entendemos que a linguagem é um instrumento de categorização do mundo sobre o qual se arquiteta a realidade circundante de um grupo sociolinguístico-cultural, traduzindo a cosmovisão que lhe é própria, além de conceber a língua como canal e veículo de manifestação cultural o qual conecta o homem ao universo circundante. O próximo tópico discorre acerca do processo de nomeação da realidade por meio do léxico.

1.2 O léxico e o processo de nomeação

*“Deus disse: ‘Faça-se a luz!’. E a luz foi feita”*¹³

A língua é uma prática cultural, por meio da qual se transmitem os valores e a somatória de todas as experiências vividas por uma comunidade, bem como a sua maneira de interpretar, sentir e entender o mundo. Nesse sentido, o verso que serve de epígrafe evoca a força elocucional da *palavra* por meio do mito judaico-cristão da criação do universo, segundo o qual foi a partir da linguagem que se arquitetou a realidade.

Para Blikstein (1985, p. 47), a linguagem não recorta a realidade em si, mas o referente ou “a realidade ‘fabricada’”. Esse estudioso defende que o referente se situa num estágio anterior à linguagem, ou seja, é um evento de reconhecimento cognitivo do “real” por meio da percepção humana, atuando como um mecanismo reprodutor de significado, que é expresso pelo conteúdo linguístico. Entre outras palavras, a realidade é “fabricada” por meio do conhecimento, da religião, da política, enfim, das experiências do grupo (BLIKSTEIN, 1985, p. 39).

Desde tempos imemoriais o ser humano conserva a prática de dar nome às coisas, numa relação de apropriação e no exercício de soberania acerca do universo, no processo de arquitetar a realidade. Conforme Biderman (2001, p. 13), a nomeação é o primeiro processo de reconhecimento científico do mundo e, dessa forma, pode ser definida como “atos sucessivos de cognição da realidade”, em que o homem, num processo de percepção do “real”, nomeia o conhecido, distinguindo-o e caracterizando-o dentre os demais, entre outras palavras, o homem organiza seu pensamento por meio das palavras (BIDERMANN, 1998, p. 88).

¹³ Gênesis (Gn.), 1, 3. Neste estudo, estamos utilizando a tradução da *Bíblia Ave-Maria*.

Assim, por meio do *nome*, o falante é capaz de identificar e distinguir os seres, lugares e tudo aquilo que carece de identificação em sua volta. É possível, pois, afirmar que a nomeação é uma atividade motivada por uma série de estímulos do ambiente, no qual se situa o nomeador, que, influenciado por fatores extralinguísticos, imprime no nome particularidades eventuais que lhe envolveram durante o ato de nomeação. Ou seja, entende-se que “nomear é, para o homem, uma necessidade de organização e orientação” (ANDRADE, 2017, p. 586).

Com a finalidade de identificar os lugares, bem como nele se locomover, o homem utiliza-se do acervo lexical de sua língua, ou seja, do conjunto vocabular de que dispõem os falantes para se comunicarem. As unidades lexicais, dessa forma, consubstanciam as diferentes fases da história de um grupo, a memória cultural, o universo de conhecimento partilhado socialmente por uma população, bem como exprimem o imaginário de um grupo sociolinguístico-cultural, à medida que ocorrem eventos que permitem mudanças significativas no curso da história de um povo.

O léxico testemunha essas transformações e uma deriva de valores de cunho sociocultural inerentes ao grupo, por isso o lexicólogo francês Georges Matoré (1953, p. 16) aborda o conceito de *mots-témoins*, ou seja, palavras-testemunhas que, para o estudioso, são as palavras que contribuem para a recriação da memória coletiva de determinada época, registrando diferentes acontecimentos. O mesmo estudioso situa a Lexicologia no domínio da Sociologia, entendendo que é o nível que se relaciona a aspectos sociológicos. Entende-se, dessa forma, que uma das funções principais do léxico de uma língua é cristalizar conceitos, pois, segundo Biderman (1992, p. 399),

[...] o léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade, juntamente com outros símbolos de herança cultural.

A concepção de “palavra testemunha” pode ser associada ao argumento de Casado Velarde (1991, p. 64) de que na Alemanha, no período que sucedeu o Nazismo, palavras como “raça, solo, sangue, povo”¹⁴ foram veículos de manifestação ideológica, uma ideologia racista que corroborava a proposta das transformações ideológicas vigentes à época.

À vista disso, Seabra (2015, p. 73) pondera que a língua é o ponto de partida para o entendimento da cultura, haja vista as suas unidades serem consideradas um

¹⁴ No original: “raza, sangre, suelo, pueblo” (tradução do autor).

reflexo da cosmovisão da sociedade, tornando-se, assim, um guia de leitura para os diferentes acontecimentos de uma localidade, à sua história, transformações ideológicas, sociais e econômicas. Por isso, de acordo com a estudiosa (2015, p. 73), o léxico pode ser considerado um patrimônio cultural de um grupo, considerando sua dimensão social. Isso porque, “na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Em se tratando do léxico toponímico¹⁵ que nomeia os nomes próprios de lugares, os *topônimos*, podem ser entendidos como fotografias da memória cultural da população, ou seja, recortes de tempos pretéritos, de aspectos que se caracterizaram a imaginação, o sentimento nacionalista, a história do lugar, entre outros aspectos, ou seja esses nomes atuam como verdadeiros “testemunhos históricos” que

[...] encerram em si um valor transcendente ao próprio ato de nomeação: se a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (DICK, 1990, p. 24).

Tendo em consideração esse fenômeno concernente às línguas naturais, percebe-se o caráter dinâmico do léxico, sempre em expansão e renovação. Desta forma, a unidade lexical, em função denominativa de lugar, é testemunha ainda mais evidente de uma deriva de valores impregnados no meio social, considerando-se que

A Toponímia, principalmente, serve-se dessa circunstância de base, *equivalente ou próxima a um substrato vocabular*, para aí deitar suas raízes, aproveitando-se do material lingüístico que mais se adequa à configuração dos conceitos que deve transmitir. *Uma nomenclatura local ou uma cadeia onomástica que interage com vários segmentos culturais*, num aparato semiótico de relações e procedências diversas, constitui, realmente, uma base de pesquisa lingüística altamente produtiva (DICK, 1999, p. 121, grifo nosso).

Trapero (1995, p. 22), por sua vez, argumenta que na investigação toponímica é comum serem percebidas questões referentes ao léxico regional (ou dialetal), visto que a toponímia de uma região interage com o vocabulário local¹⁶. Nesse sentido, compreende-se que o léxico regional e o léxico toponímico são intimamente ligados, visto que a toponímia de uma região tende a incorporar o vocabulário veiculado na área.

¹⁵ Utilizamos-nos do conceito de *léxico toponímico* proposto por Isquierdo (2012a, p. 116-117), a saber: “as unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que pode reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos; nomes próprios de pessoas, de lugares de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim precípua de nomear lugares desde espaços geográficos mais amplos [...] até elementos geográficos de menores proporção [...]”.

¹⁶ Cf. Dick (1999).

Zamariano (2010), em estudo sobre a toponímia paranaense, constatou a presença do item lexical *arroio*¹⁷, que designa rio pequeno, em grande parte dos municípios, nomeando acidentes hídricos. Trata-se de uma variante gaúcha incorporada ao vocabulário local graças ao movimento do Tropeirismo, que foi responsável pela criação dos municípios que receberam a denominação.

Em Mato Grosso do Sul, Isquerdo (2012a) apontou a recorrência de topônimos, sobretudo em municípios localizados na porção meridional do Estado, com a presença do formante de base guarani “cuê”, cuja significação exprime “velho, antigo, o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987 apud ISQUERDO, 2012a, p. 129), visto que essas áreas são ocupadas por povos indígenas da mesma etnia. Esses nomes foram registrados, especialmente, para nomear córregos: “*Anselmo-Cuê*, *Cristiano-Cuê* (Amambai); *Pai Cuê*, *Trapiche-Cuê* (Caarapó); *Guaí-Cuê*, *Olivo-Cuê*, *Regis Cuê* (Iguatemi)” (ISQUERDO, 2012a, p. 129), o que permitiu atestar a presença da etnia na região de fronteira.

Já na região dos Pantanaís Sul-Mato-Grossenses, Castiglioni e Schneider (2020) registram a ocorrência dos termos *corixo*, *vazante*¹⁸ e *baía* denotando pequenos riachos, cursos d’água cuja duração está condicionada aos períodos de chuva e a formação de elementos alagados que durante o período de chuvas intensas formam grandes inundações que se relacionam aos cursos de água (CASTIGLIONI; SCHNEIDER, 2020, p. 148-152), termos que evidenciam particularidade de significação, sobretudo, no tocante à toponímia regional, visto que refletem olhar do homem pantaneiro acerca dos acidentes hídricos.

Esses exemplos atestam o conjunto de topônimos de uma região pode registrar a passagem de um povo por um espaço e sua cosmovisão transmitida por meio do nome, consubstanciando a forma particular com que o homem encara e compreende a geografia física. Realizadas essas considerações acerca do léxico e o processo de nomeação da realidade, o tópico a seguir aborda a diferenciação entre nome próprio e comum, apresentando as características inerentes a essas duas categorias onomásticas.

¹⁷ Dick (1990) também observa a presença desse item nas denominações da região Sul, o que “representa feição particular do ambiente físico” (DICK, 1990, p. 368).

¹⁸ Destacamos que esses itens lexicais são descritos por Alencar (2013) ao estudar o vocabulário do homem pantaneiro, no âmbito do *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário*, fato que, segundo a estudiosa, comprova relacionar-se à um vocabulário regional, cuja significação limita-se à região pesquisada.

1.3. Nome próprio versus nome comum: algumas reflexões.

A discussão acerca dos nomes remonta à Antiguidade Clássica. Dentre os trabalhos que discutiram essa temática, destaca-se o *Crátilo*, de Platão, que aborda a questão valendo-se de um diálogo entre três personagens: Sócrates, Hermógenes e Crátilo. Essa obra é considerada primordial no trabalho do pensador, no que se refere aos estudos da linguagem. Esse diálogo tece considerações acerca do nome e sua relação com aquilo que ele representa, discutindo dois pontos de vista sobre o caráter dos nomes próprios, entendido como: a) natural, “a linguagem é imposta aos homens por uma necessidade da natureza”; e, b) convencional, a linguagem se “origina do poder de julgamento dos homens” (CÂMARA JUNIOR, 1975, p. 24).

Além do mais, não havia, entre os gregos, distinção entre a classe dos nomes próprios e dos nomes comuns, portanto, *onoma* (do gr. *nome*) abrangia as palavras da língua (substantivos, verbos, adjetivos) (ZAMARIANO, 2012, p. 65).

De acordo com Ullmann (1964, p. 149), “os nomes desempenham nas relações humanas um papel tão importante que são frequentemente dotados de poderes mágicos e rodeados de complicados superstições e tabus”. De fato, o nome é a *palavra*, grosso modo, selecionada para diferenciar e destacar um ser, um lugar ou um objeto, a fim de identificá-lo e distingui-lo, concedendo-lhe feições próprias. Para esse estudioso (1964, p. 151) uma das formas de se distinguir os nomes próprios dos comuns, ordinariamente, é grafando aquele com letra maiúscula. Além disso, o mesmo semantista aponta alguns critérios considerados, ao longo dos anos, como diferenciadores dos nomes, detalhados no quadro que segue:

Quadro 2 – Critérios para definição dos nomes próprios segundo Ullmann (1964).

Critério	Definição
1) Unicidade.	Esse critério considera a distinção entre nome próprio e substantivo comum, delimitando o primeiro como relativo às identificações de um ser individual como “Sócrates”, “Homero”, entretanto, desconsidera o fato de diferentes pessoas e lugares possuírem o mesmo nome.
2) Identificação.	Esse critério considera o nome próprio como uma marca que identifica um ser ou lugar, singularizando-o dentre os demais. Nesse sentido, emprega-se a ideia de “rótulo” como sinal distintivo.
3) Designação contra	Esse critério relaciona-se à função de designação do nome

conotação.	próprio. Nessa perspectiva os nomes não possuem qualquer significação, apenas representam aquilo que designam. Entretanto, o nome possuirá rica conotação quando for atribuído a um lugar ou pessoa por alguém que tenha certa proximidade com esse nome, ou seja, quando possuírem uma motivação.
4) Som distintivo.	Esse critério, introduzido por Sir Alan Gardiner, considera o som como sinal indispensável ao nome próprio. Nesse sentido, considera-se que o nome próprio atende a um propósito de identificação e é marcado por meio de um som distintivo, que se liga a um rótulo de diferenciação dos objetos.
5) Critérios gramaticais.	Esse critério leva em consideração as regras próprias de cada sistema linguístico, valendo-se de seus itens gramaticais a fim de distinguir os nomes próprios dos substantivos comuns. Assim, por exemplo, em inglês, contrastam-se os nomes próprios dos comuns por meio do artigo <i>the</i> : “ <u>the</u> long island (a ilha grande) (Substantivo comum) / Long Island (nome próprio)” (ULLMANN, 1964, p. 157).

Fonte: Elaboração do autor com base em Ullmann (1964, p. 151-160).

A observação dos critérios apresentados por Ullmann (1964) nos permite afirmar que um traço distintivo entre nome próprio e o nome comum é a função do primeiro, ou seja, a identificação e a distinção dos lugares ou seres. Uma das principais funções do nome próprio é, portanto, a designação. Essa característica leva à crença de que esse tipo de unidade lexical parece se configurar como uma mera marca de identificação. Contudo, como assinalado pelo próprio estudioso¹⁹, em alguns contextos, o nome próprio pode assumir uma significação especial para o denominador ou para o usuário do nome, evidenciando uma motivação para a escolha desse nome.

Para Guérios (1981), no campo da Linguística, a diferenciação entre nome próprio e nome comum é um fato artificial, porque se considera que os nomes próprios derivaram de um nome comum, mudança que aconteceu em algum estágio da história da língua. “A única distinção real concreta é a seguinte: todos os vocábulos ou signos

¹⁹ Vide critério três do Quadro 2 – Critérios para definição dos nomes próprios segundo Ullmann (1964).

possuem ‘alma’, i. é, *sentido* ou *significado* e “corpo” ou *significante*, que é, na linguagem falada, o *som* e na linguagem gráfica e *escrita*” (GUÉRIOS, 1981, p. 15).

O mesmo estudioso ainda argumenta que há um particular interesse pelos nomes próprios, pois “são fósseis da língua que vivem singularmente apenas do exterior, do corpo” (GUÉRIOS, 1981, p. 17), ou seja, conservam estágios anteriores da língua, bem como significações particulares de uma cultura que pode já ter desaparecido. Nesse sentido, os nomes próprios de lugares possuem a tendência de serem mais conservadores que os nomes próprios de pessoas.

Além do mais, segundo Dick (1992, p. 19), no campo das ciências onomásticas, o critério que considera o nome próprio como apenas um designativo não pode ser considerado, pois os nomes próprios de pessoas ou de lugares,

Ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa, muitas vezes não mais transparente em virtude da opacidade que esses nomes adquirem ao se distanciarem de suas condicionantes tempo-espaciais (DICK, 1992, p. 19) (grifos da autora).

Essa mesma pesquisadora argumenta, ainda, que os nomes são responsáveis pela preservação dos “fatos culturais” de uma localidade razão pela qual podem ser considerados “como formas conservadoras da ‘memória’ do núcleo, que se faz presente nos estágios denominativos, de diversas origens e causas” (DICK, 1999, p. 23), não sendo muito, pois, considerá-los testemunhas de eventos históricos das localidades em que se fazem presente, como apontado no item anterior deste capítulo. A mesma estudiosa destaca que o nome próprio subjaz às mesmas regras de um item lexical do vocabulário comum da língua, entretanto, é projetado sobre duas variáveis: o lugar e a pessoa. Dessa forma, o vocábulo comum da língua esvazia-se de sentido com a finalidade de servir de designativo a um ser ou a um acidente geográfico (DICK, 1999, p. 125). O quadro, a seguir, proposto por Dick (1999), descreve o processo de passagem de um vocábulo pleno ao plano designativo, ou seja, o nome comum revestido de função onomástica.

Quadro 3 – Passagem do vocábulo pleno ao plano da designação onomástica (DICK, 1999).

CABRA sdo I. (lat. capra). s.f. 1. mamífero ruminante, a fêmea do bode (ABHF)	Cabral sdo I. “Lugar onde há ou pastam cabras.” s.m.der. Cabral, Ossal, Cerveira “revelam a existência de cabras bravas, ursos e veados, em épocas antigas em locais onde haja estas espécies e que lá não habitam” (L. Vasconcellos. IN: Guérios, 1981, p. 81).	Cabral n.pr./ Antropônimo de origem familiar; apelido de família. “O mais antigo deste apelido é Aires Cabral, em tempo de El-rei D. Dinis” (Guérios, ib.: p. 81).	Cabral n.pr./ topônimo. Serra do Cabral, (MG), Cabral, AHMT, baía Cabral (BA).
---	--	--	---

Fonte: Dick (1999, p. 146).

Segundo Hajdú (2002, *apud* AMARAL; SEIDE, 2020, p. 32), o interesse pelo estudo dos nomes próprios é antigo e observado desde o Egito, à medida que os egípcios diferenciavam nos hieróglifos os nomes próprios dos nomes comuns, ao identificarem deuses e faraós. Amaral e Seide (2020, p. 32) argumentam ainda que esse interesse também se manifestava em relação aos mitos, às lendas antigas, a textos literários e, principalmente, em passagens bíblicas que apresentam a etimologia de alguns nomes. Esses estudiosos ainda apresentam um quadro, no qual caracterizam de forma genérica os nomes próprios que está reproduzido no quadro 4, na sequência.

Quadro 4 – Características gerais dos nomes próprios (AMARAL; SEIDE, 2020).

NOMES PRÓPRIOS	
a)	Possibilitam a identificação direta de um referente único em um universo de conhecimento compartilhado por emissor e receptor.
b)	Possuem capacidade de referir, independentemente da presença de determinante.
c)	Não apresentam traços semânticos identificadores de classe.
d)	São grafados com maiúscula inicial.

Fonte: Amaral; Seide (2020, p. 58).

Discutidas as diferenças entre nome próprio e nome comum, passemos a focalizar, no próximo item, a Onomástica, ciência linguística, interdisciplinar e abrangente que estuda os nomes próprios em geral.

1.4 – A Onomástica: ciência dos nomes próprios.

Como já anteriormente assinalado, o nome próprio, dada sua importância no estudo da língua e em face da sua complexidade, tornou-se o objeto de estudo da ciência *Onomástica* que focaliza, por exemplo, no âmbito da Linguística, a etimologia, a motivação e possíveis causas dos nomes em geral. Conforme Ullmann (1964, p. 161), a *Onomástica* ganhou espaço em meio aos estudos linguísticos com “congressos próprios e revistas especializadas”.

De acordo com Biderman (1981, p. 131), a Lexicologia apresenta uma longa trajetória na Linguística Românica, sendo muito produtiva em três áreas: “a) a semântica evolutiva, ou a história das palavras; b) o domínio conhecido como de ‘palavras e coisas’; c) a geografia linguística”. Essas áreas focalizavam recortes do léxico e, principalmente, a sua relação com a cultura. Ao compreendermos o nome próprio como um item pertencente ao acervo vocabular de uma língua percebemos que a *Onomástica*, ao ocupar-se do estudo científico desse tipo de unidade lexical, mantém forte interface com o domínio da Lexicologia, subárea da Linguística. Nesse sentido, compreende-se que esses sistemas, o onomástico e o lexical, atuam num esquema de trocas, em que o primeiro se nutre do segundo.

Ramírez (2018, p. 230), a respeito da ciência dos nomes em geral, esclarece que o “seu campo de estudo compreende um dos níveis do signo linguístico: o da palavra, mas também pode abarcar um sintagma e o texto”²⁰. Com isso, o autor defende que, ao focalizar o estudo da palavra, a *Onomástica* entraria no domínio da Lexicologia que tem como objeto de estudo a “palavra léxica, [...] a unidade codificada da língua, dotada de significante e significado, memorizada na competência do sujeito e à disposição dos integrantes de uma unidade linguística determinada”²¹ (RAMÍREZ, 2018, p. 230). Já a *Onomástica*, conforme o mesmo autor, estuda os “substantivos próprios” e sua consideração de análise da palavra do ponto de vista transcendente, ou seja, reflete sobre a relação da unidade léxica e a realidade extralinguística.

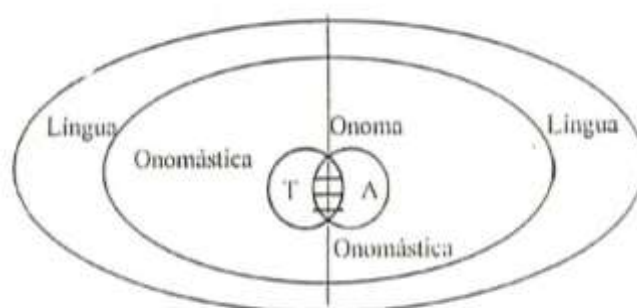
Na verdade, a *Onomástica* abrange várias áreas de conhecimento, sendo duas delas as mais expressivas: a Toponímia, que focaliza o estudo dos nomes próprios de

²⁰ No original: “Su campo de estudio comprende uno de los niveles del signo lingüístico: el de la palabra, pero también puede abarcar un sintagma y al texto” (RAMÍREZ, 2018, p. 230) (Tradução do autor).

²¹ No original: “[...] la palabra léxica, es decir la unidad codificada de la lengua, dotada de significante y significado, memorizada en la competencia del sujeto y a disposición de los integrantes de una unidad lingüística determinada” (RAMÍREZ, 2018, p. 230) (Tradução do autor).

lugares (topônimos), examinando aspectos como a motivação, a etimologia, a estrutura morfológica; e, a Antroponímia, termo cunhado pelo estudioso português Leite de Vasconcelos, em 1887, na *Revista Lusitana* (DICK, 1992, p. 179), que trata da investigação dos nomes próprios individuais, de pessoas – os antropônimos. Essas áreas encontram uma intersecção na grande área que as sedia e, dessa forma, a Toponímia pode servir-se de antropônimos com a finalidade de nomear lugares. A figura a seguir representa o percurso de intersecção que compõe a ciência dos nomes próprios.

Figura 1 – Onomástica (DICK, 1999)



$T \cap A = \text{Intersecção}$

T=Toponímia

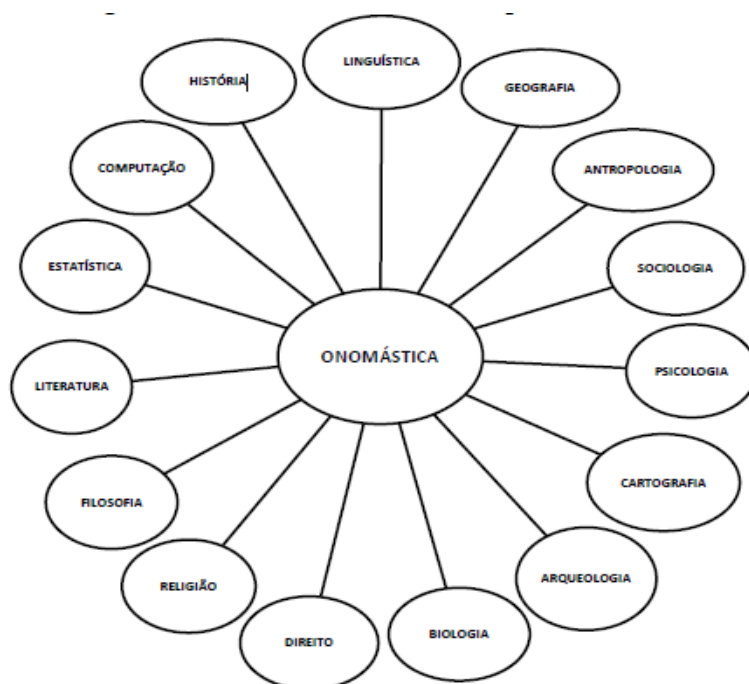
A= Antroponímia

Fonte: Dick (1999, p. 145).

Na investigação dos nomes próprios, tendo em vista os diferentes aspectos que se revelam por meio das discussões acerca desse objeto, os estudos onomásticos nem sempre conseguem atingir o nível ideal de análise desse fenômeno, por isso, não raras vezes faz-se necessário a recorrência a outras áreas do saber o que torna a Onomástica uma área interdisciplinar.

De acordo com o foco de estudo adotado na pesquisa onomástica, a análise dos dados é subsidiada também por outras áreas do saber, cujos pressupostos teóricos contribuem para a investigação dos nomes próprios em geral. Sousa e Dargel (2017, p. 12), por exemplo, com base em Dick e Andrade (2012) e em Hough (2016), propõem a representação do caráter interdisciplinar da Onomástica por meio da figura que segue.

Figura 2. Onomástica e interdisciplinaridade (SOUSA; DARGEL, 2017).



Fonte: Sousa; Dargel (2017, p. 22).

Em síntese, a Onomástica, ao fornecer parâmetros para o estudo dos nomes próprios em geral, tem tendência à interdisciplinaridade. Nota-se pelos esquemas reproduzidos nas figuras 1 e 2 deste trabalho posições distintas em relação à intersecção Onomástica/Linguística. Na figura 1 Dick (1999) estabelece uma relação de inclusão, em que a Onomástica, área que tem relação direta com a língua, abriga a Toponímia e a Antroponímia, ambas no mesmo nível hierárquico vinculadas à área mais ampla, a Onomástica. Já na figura 2, Sousa e Dargel (2017) situam a Linguística entre as demais áreas de conhecimento com as quais a Onomástica, dependendo da natureza do fato onomástico em estudo.

Neste estudo admite-se a interface entre Onomástica e Linguística, por entender que o nome próprio é um fato da língua, ou seja, configura-se como unidades lexicais em função onomástica. O tópico a seguir discute questões relacionadas à Toponímia, foco deste estudo.

1.5 – A Toponímia: conceituação e percurso histórico.

No estudo dos nomes de lugares, avultam-se aspectos do *modus vivendi* do grupo que habita o espaço geográfico nomeado. Nesse sentido, a Toponímia passa a ter importância a partir do estágio em que as sociedades começaram a se desenvolver e o homem ocupar o espaço geográfico e demarcá-lo com um nome, a fim de se organizar e se localizar na área em que se estabelece (DICK, 1990, p. 19).

Além disso, ao atribuir uma denominação a um lugar, o homem se apropria desse espaço, numa perspectiva de dominação e de soberania sobre os demais seres vivos. Não é sem razão que Dick (1990, p. 35) considera a Toponímia “um imenso complexo línguocultural em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, entendendo que a língua serve de expressão da cultura, concebida como a somatória dos valores, das experiências, da visão de mundo de um grupo. Na nomeação, o homem imprime no lugar nomeado características de sua cultura, fato que permite observar a ocupação do território por distintas culturas. Segundo Casado Velarde (1991, p. 83), “o topônimo tem, em suas origens, uma significação para a comunidade, significação que o converte em instrumento útil e prático para designar uma realidade concreta”²².

A Toponímia tem, pois, como objeto de estudo os nomes de lugares, tanto de áreas rurais (morros, rios, fazendas, lagos etc.), quanto urbana (ruas, cidades, avenidas, praças etc.). Face aos fatores que envolvem o topônimo, Trapero (1995, p. 21), por exemplo, argumenta que os fatos toponímicos ao longo dos anos chamaram atenção de pesquisadores de diversas áreas como a Linguística, a História, a Geografia, a Botânica, a Antropologia, todas reivindicando o “direito” sobre a área. Entretanto, sob a ótica desse estudioso, é “preciso concordar que a Linguística tem mais (não estou dizendo exclusivo) “direito” do que qualquer outra, como perspectiva que trata de uma parcela do léxico de um lugar, de uma região, de uma língua” (TRAPERO, 1995, p. 21).²³ Assim, é importante considerar tanto da dimensão específica da Toponímia com área dos estudos lexicais, quanto a sua dimensão mais ampla, o que lhe confere um caráter interdisciplinar.

²² No original: “[...] el topónimo tiene, en sus orígenes, una significación para la comunidad, significación que lo convierte en instrumento útil y práctico para la designación de una realidad concreta” (CASADO VELARDE, 1991, p. 83) (Tradução do autor).

²³ “[...] pero habrá que convenir que la lingüística tiene más (no digo exclusivo) “derecho” que cualquier otra, como perspectiva que se ocupa de una parte del léxico de un lugar, de una región, de una lengua” (TRAPERO, 1995, p. 21) (Tradução do autor).

A França foi o berço de nascimento da Toponímia, onde se solidificou como corpo disciplinar, edificada a partir dos ideais do pesquisador e historiador Auguste Longnon, discutidos nos cursos ministrados por ele na *École Pratique Hautes-Études* e, também, no *Collège de France* (DAUZAT, 1926, p. 12). Albert Dauzat (1926, p. 12), a respeito de Longnon, argumenta que as suas pesquisas apresentam “uma riqueza de documentação (servem de memória prodigiosa), e a precisão e seu anseio tornaram seu ensino tão apreciado”.²⁴ As pesquisas de Longnon foram reunidas e compiladas por seus discípulos, resultando na publicação da obra póstuma *Les noms de lieu de la France* (1920) (DAUZAT, 1926, p. 12-13).

A esse respeito, Cardoso (1961, p. 311) argumenta que, inicialmente, não apenas os linguistas se ocuparam dos estudos toponímicos, pois a toponímia também despertou atenção de historiadores e de geógrafos. O mesmo autor ainda discorre sobre uma série de estudos desenvolvidos em território europeu, em países como na Inglaterra com a *Place-names Society*, cujas publicações exploram os nomes dos lugares britânicos.

Já na Bélgica, destacam-se os trabalhos da Universidade de Liège, dentre um dos mais primorosos, o do belgo Auguste Vicent, intitulado *Noms de lieux de la Belgique* (1927), entre outros (CARDOSO, 1961, p. 311).

O mesmo estudioso pondera que no Brasil o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) forneceu importantes contribuições para a descrição da toponímia brasileira. Cardoso (1961) esclarece também que o primeiro estudo que buscou uma descrição etimológica dos topônimos, embora não tenha focalizado a toponímia em si, mas os estratos linguísticos evidenciados nos topônimos oriundos de línguas indígenas foi o *Diário de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo*, publicado em 1841 e redigido por Francisco José de Lacerda e Almeida a quem, segundo o estudioso, deve-se o título de precursor nos estudos de línguas indígenas em território brasileiro.

Apesar da existência de trabalhos que buscaram a descrição do léxico toponímico brasileiro, foi tão somente em 1901, com a publicação da obra *O Tupi na geografia Nacional*, de Teodoro Sampaio, clássica para os estudos toponímicos, que os estudos na área dos nomes próprios de lugares efetivamente começaram a se delinear. Isso se deve ao tipo de tratamento dispensado aos topônimos pelo estudioso, submetendo-os a uma análise criteriosa, além de seu vasto conhecimento da língua tupi,

²⁴ No original: “[...] la richesse de sa documentation (servie par une mémoire prodigieuse), la précision et la netteté qui faisaient tant apprécier son enseignement” (DAUZAT, 1926, p. 12) (Tradução do autor).

bem como a seriedade das investigações levadas a cabo por meio de leituras profundas em diversas fontes bibliográficas (CARDOSO, 1961, p. 320-323).

Outro estudioso da toponímia brasileira foi Armando Levy Cardoso, com a obra *Toponímia Brasileira* (1961), que contém uma breve e profunda contextualização historiográfica do desenvolvimento dos estudos toponímicos e apresenta três glossários, elaborados com base nos étimos identificados na toponímia proveniente da *língua geral* ou *brasílica*: topônimos de étimos caribes; topônimos de étimos arauacos; topônimos de étimos bororos. A intenção de Cardoso (1961), ao produzir a obra, era a de elucidar significados de étimos pouco conhecidos na toponímia brasileira e não, especificamente, daqueles provenientes da língua geral, mas também, a toponímia que se instalara em épocas pré-cabralinas, em território amazonense.

Lançada em 1965, a obra *Contribuição do Bororo à Toponímica Brasílica*, de Carlos Drumond, também contribui significativamente para a edificação dos estudos toponímicos. O autor analisou as influências do *bororo* nos nomes de lugares em território brasileiro, especialmente na região Centro-Oeste, pesquisa que evidenciou o reflexo da língua dos *bororo*, um grupo de caçadores, na toponímia, particularmente a forte presença de nomes de elementos influência da fauna nas denominações de lugares (DRUMOND, 1965, p. 117-118). Podemos, dessa forma, considerar essas obras como basilares para os estudos toponímicos brasileiros, pela contribuição significativa para a pesquisa etimológica dos topônimos, configurando-se, pois, como marcos iniciais das pesquisas nessa área no Brasil.

Dentre os estudos sobre a toponímia brasileira, o de maior peso em termos teórico-metodológicos é o produzido por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, como tese de doutorado, *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*, defendida em 1980²⁵, na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Carlos Drumond. Essa pesquisa configura-se como um marco fundamental para as pesquisas toponímicas no Brasil, inaugurando uma nova fase desses estudos no Brasil à medida que propõe parâmetros para os estudos toponímicos concebendo o topônimo como um signo de língua. A tese de Dick foi publicada em 1990 com o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira*²⁶. É importante destacar outra obra da autora também de significativa importância: *Toponímia e*

²⁵ Trabalho disponibilizado no repositório de teses da Universidade de São Paulo: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/>. Acesso em 18 fev.2023.

²⁶ Para este estudo foi consultada a versão publicada em 1990.

antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos, publicada em várias edições entre 1990 e 1992, que apresenta importantes contribuições para a área da toponímia, enriquecendo, dessa forma, o panorama desses estudos e despertando o interesse de diversos pesquisadores pelos estudos toponímicos. Nessa obra, Dick apresenta a última versão do seu modelo taxionômico apresentado em 1980 na sua Tese de Doutorado e que foi reformulado e ampliado pela pesquisadora com acréscimo de taxes e releitura de outras.

Esses estudos têm, pois, caráter seminal, razão pela qual são tomados como metodologias primárias de análises toponímicas, entendendo-se como primordiais à toponímia brasileira, por terem sido desenvolvido com base na realidade toponímica brasileira. Merece ainda destaque também a obra da mesma pesquisadora *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo 1554-1897* (1996; 1997) em que a estudiosa analisa a nomenclatura geográfica da cidade de São Paulo, nos primeiros séculos da sua fundação. Em função dessa dinâmica, uma importante contribuição da estudiosa foi o início da discussão da *teoria dos referenciais*, pautada na observação dos elementos léxicos analisados, em que o referente emprestava o nome ao lugar, tornando-se a própria nomenclatura. Os estudos de Dick (1990; 1992) possibilitaram a elaboração de parâmetros para Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e para o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), ambos não concluídos em razão das condições de saúde da autora.

Isquerdo (2012b, p. 17), ao traçar um panorama historiográfico dos estudos toponímicos no Brasil, considerando as características e a natureza desses estudos, definiu três etapas dos estudos toponímicos: “a primeira entre 1901 e 1979; a segunda, claramente mais breve, entre 1980 e 1990; a terceira a partir dos anos 1990”.²⁷ A cronologia dos estudos toponímicos no Brasil apresentadas configuram, de acordo com Isquerdo (2012b), respectivamente, estudos voltados para a toponímia indígena (primeira fase); defesa da Tese de Doutorado de Dick (1980) na USP (segunda fase) e projetos de atlas toponímicos em universidades brasileiras, além da USP, como variantes regionais do ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), impulsionados por programas de pós-graduação vinculados a universidades de diferentes regiões brasileiras (terceira fase) (ISQUERDO, 2012b, p. 21).

A Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1998, sediou o primeiro projeto institucional de elaboração de atlas toponímico estadual fora da Universidade de

²⁷ No original: “la première, entre 1901 et 1979; la deuxième, nettement plus brève, entre 1980 et 1990; la troisième, à partir de années 1990” (ISQUERDO, 2012b, p. 17) (Tradução do autor).

São Paulo, o Atlas Toponímico do Estado do Paraná (ATEPAR)²⁸. Em Mato Grosso do Sul, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, desenvolveu-se o projeto do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS)²⁹, a partir de 2001, tendo concluído a primeira versão do atlas, em 2011, ainda inédito.

Em 2006, na Universidade de São Paulo, Karylleila dos Santos Andrade defende sua Tese de Doutorado, sob a orientação de Maria Vicentina Dick que teve como produto o *Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins* (ATITO). A mesma pesquisadora coordena o Atlas Toponímico do Tocantins, em curso na Universidade Federal do Tocantins. Em Minas Gerais, a partir de 2005, foi desenvolvido o *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais* (ATEMIG), coordenado pela professora doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, da Universidade Federal de Minas Gerais (ISQUERDO, 2012b, p. 21-22). Dentre esses projetos situa-se o ATA OB – Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira, coordenado por Alexandre Melo de Sousa, da Universidade Federal do Acre, a partir de 2008 (ISQUERDO, 2020; 2021).

Ainda tratando da cronologia dos estudos toponímicos no Brasil, Isquerdo (2020) propõe uma quarta fase dos estudos toponímicos no Brasil a partir de 2010, década que registra significativa expansão desses estudos, particularmente por meio de produção de dissertações e teses no âmbito de programas de pós-graduação vinculados a universidades das diferentes regiões do Brasil. A autora menciona dois outros projetos de atlas toponímicos: i) ATOBAH - Atlas Toponímico da Bahia, coordenado por Celina Márcia de Souza Abbade, da Universidade do Estado da Bahia, a partir de 2014; e, ii) ATEMA – Atlas Toponímico do Maranhão, sob a coordenação de Maria Célia Leite Dias de Castro, da Universidade Estadual do Maranhão, iniciado em 2016 (ISQUERDO, 2020; 2021).

Realizadas essas considerações históricas, o tópico seguinte trata do signo toponímico.

²⁸ O projeto foi desenvolvido sob coordenação da Professora Doutora Maria Antonieta Carbonari de Almeida/UEL.

²⁹ Projeto coordenado pela Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo/UFMS. Os dois volumes da série Toponímia/UFMS (2019/2020) sintetizam resultados dos estudos elaborados no âmbito do Projeto ATEMS, obras disponíveis no site: <https://atems.ufms.br/blog/>. Acesso em: 25 set. de 2022.

1.6 – O signo toponímico: conceito, função e estrutura.

Parte-se aqui do pressuposto de que o signo toponímico é uma unidade linguística com características que o diferem dos demais signos do sistema linguístico. Saussure (2012), ao tratar da natureza do signo linguístico, postula que ele é resultado de associações psíquicas em que não se “une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 106). Dessa forma, o pesquisador não considera, em sua teoria, a realidade extralinguística.

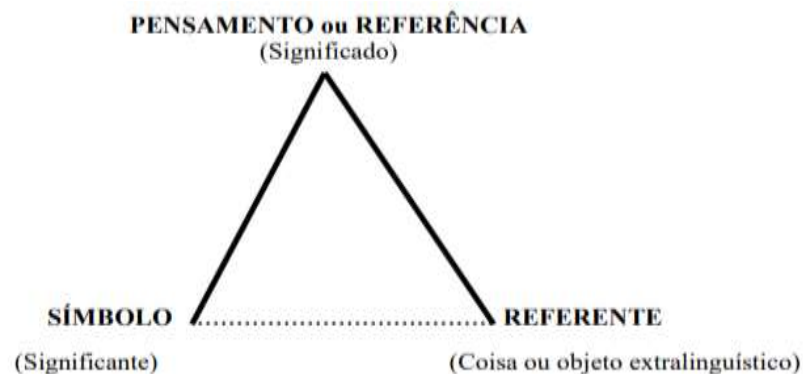
O signo linguístico, portanto, seria o resultado da associação entre o *conceito* e a *imagem acústica*, ou seja, entre o *significado* e o *significante*. Além disso, ao tratar das características naturais do signo, Saussure (2012) destaca um ponto fundamental que ainda suscita inúmeras discussões: a arbitrariedade do signo linguístico. Nesse sentido, para o estudioso, não haveria qualquer relação entre significante e significado as duas partes constituintes do signo e que, portanto, não deve ser entendido como fruto da livre escolha do falante, mas sim fruto de uma convenção, em que o significante é imotivado, em relação ao significado, com o qual não possui um laço natural (SAUSSURE, 2012, p. 108-109).

Na verdade, a discussão acerca da natureza das palavras, com já pontuado em tópico anterior³⁰, remota do século II a.C., em que os filósofos gregos já discutiam se os nomes imitavam as coisas que designavam ou se resultavam de pura convenção. De um lado situavam-se os naturalistas “que acreditavam existir uma relação intrínseca entre o som e o sentido” e de outro, os convencionalistas, entre eles Aristóteles, que “sustentavam ser a relação puramente arbitrária” (ULLMANN, 1964, p. 7).

Essa abordagem suscitou diversas discussões acerca da natureza do signo linguístico. Ogden e Richards (1956, *apud* BLIKSTEIN, 1985, 23), por exemplo, ao *significante* e ao *significado* de Saussure, incluem a noção de *referente* ou *coisa*, relacionada ao campo extralinguístico, não focado pelo mestre genebrino. Os estudiosos estabelecem, então, uma relação triádica por meio do clássico “triângulo de Ogden e Richards” ou “triângulo semiótico”.

³⁰ Trata-se da abordagem do tópico 1.3 *Nome próprio versus nome comum*.

Figura 3 – Triângulo semiótico / Triângulo de Ogden e Richards (1972).



Fonte: Blikstein (1985, p. 24)

O mesmo autor (1985, p. 23-24) argumenta que essa relação triádica, apesar de ter sido sistematizada e consagrada por Ogden e Richards (1972), é de origem antiga. Entre os estóicos, por exemplo, a relação era vista com a denominação *semâinon* (“significante”), *semainómenon* (“significado”) e *prâgma* (“objeto”). Também, no campo filosófico, Santo Agostinho apresentou relação semelhante denominada por meio das formas lexicais *verbum*, *dicibile* e *res*. Os escolásticos entre *vox*, *conceptus* e *res*. Pelos lógicos de Port Royal, entre *nom*, *idée* e *chose*. Blikstein (1985) esclarece ainda que, apesar de ter sido incluído o referente na estrutura do signo, não houve a preocupação por parte dos estudiosos com a inserção da realidade na discussão sobre a natureza do signo, mas “pelo contrário, paradoxalmente, foi até um modo de descartá-la da Linguística e da Semiologia, afrouxando ou rompendo eventuais e promissores laços entre estas e a Psicologia, a Antropologia e a Teoria do conhecimento” (BLIKSTEIN, 1985, p. 24).

Outros estudiosos, também, dedicaram-se à discussão do triângulo semiótico. Ullmann (1964, p. 119), por exemplo, tendo em vista o interesse da definição do significado das palavras, adapta a terminologia sugerindo os termos: *nome*, *sentido* e *coisa*. O primeiro, segundo o estudioso, figura no conjunto fonético da palavra, enquanto o segundo traz a informação veiculada pelo nome no ato comunicativo e, o terceiro, o referente considerado por Ogden e Richards, como mencionado anteriormente. Nessa abordagem, o referente continua sendo extralinguístico, deixando de fora o real.

Umberto Eco (1971 *apud* BLIKSTEIN, 1985, p. 33) adota o termo *unidade cultural*, no topo da pirâmide, compreendida como “simplesmente algo que essa cultura

definiu como unidade distinta de outras e, portanto, pode ser uma pessoa, uma localidade geográfica, uma coisa, um sentimento, uma esperança, uma ideia, uma alucinação” (ECO, 1971 *apud* BLIKSTEIN, 1985, p. 35). Assim, a partir da visão desse estudioso, um signo pode ter um valor particular a uma cultura, que é desvendado por meio da sua análise contextual. Partindo de outra perspectiva, Guiraud (1980 *apud* DARGEL, 2003, p. 77-78), com base no pensamento de Saussure, defende como característica primordial do signo linguístico a convencionalidade. Esse estudioso assevera que todas as palavras são motivadas desde sua criação, mesmo que ao longo dos anos a relação significante/significado torne-se arbitrária ou convencional.

Ullmann (1964, p. 169), ao focalizar a arbitrariedade do signo linguístico, postula que em todas as línguas existem palavras *opacas* (arbitrárias) ou *transparentes* (motivadas). O autor admite a existência de três tipos de motivações que podem estar no som, na estrutura ou no significado das palavras. A motivação fonética está presente, essencialmente, no campo literário, com a finalidade de obter recursos expressivos sonoros, esse tipo figura, principalmente, nas onomatopeias; o segundo tipo de motivação, morfológica, pode ser observada por meio dos itens composicionais de uma palavra, desta forma, *preecher* [pregador] pode ser entendida como a soma de *preach* [pregar] + o sufixo *-er* (formador de substantivos agentes). A motivação semântica, por sua vez, pode se realizar por meio de metáfora como no caso de “*jacket* [casca. à letra: jaqueta, casco]”, motivada pela semelhança existente entre a peça de roupa e o objeto referido (ULLMANN, 1964, p. 171-192).

Esse mesmo semanticista pondera, ainda, que o significado é o elemento do signo que é mais passível de mudanças. Dentre os fatores que conduzem a uma mudança semântica do signo, as causas históricas é um dos principais, visto que, segundo o autor, a língua se apresenta como mais conservadora que a cultura³¹, cristalizando conceitos antigos das ideias, instituições, objetos, dentre outros. Nesse sentido, “o nome conserva-se e contribui assim para assegurar um sentido de tradição e continuidade” (ULLMANN, 1964, p. 412), tornando-se, portanto, uma dobradiça que une o passado e o presente. Outro fator que merece ser ponderado entre as causas de mudança semântica é a necessidade de um novo nome para um novo referente. O estudioso (1964, p. 436) esclarece que, quando há necessidade de nomear um novo referente, seja um objeto seja uma ideia, três vias são possíveis: criação de novas

³¹ Acerca dessa relação, vide o tópico 1.1 deste capítulo.

palavras a partir dos elementos do sistema linguístico; adotar palavras estrangeiras; atribuir novo significado a uma palavra. Um dos exemplos empregados pelo semanticista é a unidade lexical *tanque* utilizada para denominar o veículo utilizado na Primeira Guerra Mundial.

Outro semanticista que se debruçou sobre a temática da motivação do signo linguístico foi o italiano Mario Alinei que, em sua teoria acerca do signo, defende a dupla estrutura do significado uma *genética* e outra *funcional* (ALINEI, 1984 *apud* ISQUERDO, 2013, p. 83). O estudioso defende que a análise do significado deve ser feita a partir da criação do signo, pois os fatores extralinguísticos influenciam na formação de um novo signo.

Nessa perspectiva, o topônimo configura-se como um signo linguístico enriquecido, ou seja, formas da língua que desempenham função de designação com o intuito de identificar novos lugares, tornando-se um instrumento hábil de projeção espaço-temporal, pois recorta a realidade em um dado momento, projetando-a às gerações futuras (DICK, 1990, p. 22), além de consubstanciar a visão de mundo do grupo. Pode-se, inclusive, entender o topônimo como uma fotografia da realidade, em que se conservam os mais diversos aspectos da memória coletiva de grupos sociais.

Uma das características dos nomes de lugares que os diferem de um nome comum é o seu caráter motivado. Desta forma, no ato de “batismo” do lugar, o denominador se vê frente a uma diversidade de aspectos que podem influenciá-lo na escolha do topônimo, tanto aspectos físicos (topografia, clima, vegetação etc.), quanto sociais (fatores econômicos, políticos, psicológicos, culturais etc.) e, assim, “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado” (DICK, 1990, p. 38). À medida que se distancia das motivações primárias e, paulatinamente, deixa de ser identificado pelo grupo que o utiliza, o topônimo se torna um *fóssil linguístico*, ou seja, apresenta um conteúdo semântico cristalizado, uma forma de conservação de estágios anteriores da língua, nos diferentes níveis (fonético, morfológico, sintático e, principalmente, semântico).

Dick (1990, p. 49), ao focalizar a motivação toponímica, argumenta que ela decorre, essencialmente, de dois fatores: i) a intencionalidade do denominador; e, ii) a natureza do produto. O primeiro fator refere-se aos motivos externos que conduziram o nomeador na escolha do nome enquanto o segundo diz respeito ao próprio conteúdo semântico representado no nome. É importante destacar que a intencionalidade do nomeador dificilmente é possível de ser recuperada, considerando a distância temporal

do ato de nomeação, a ausência física do nomeador e a falta de registros dos motivos da escolha, fato que pode conduzir a pesquisas orais ou em documentos antigos na busca de possíveis causas denominativas dos topônimos.

Ao tratar do sintagma toponímico, Dick (1992) o caracteriza como uma unidade binômica, ou seja, o termo genérico (o acidente) e o termo específico (o topônimo propriamente dito). A mesma pesquisadora esclarece que esses nomes são formados pelos principais processos de formação de palavras: a derivação e a composição.

Referindo-se à classificação morfológica, Dick (1992, p. 13-15) assevera que aos nomes podem ser atribuídas três classificações: *elemento específico simples*; *elemento específico composto*; *elemento específico híbrido*. O *elemento específico simples* diz respeito àquele “elemento que se faz definir por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de preferência), podendo, contudo, se apresentar também como acompanhado de sufixação (diminutivas, aumentativas ou outras procedências linguísticas)”. Alguns exemplos de topônimos que possuem essa estrutura morfológica são “serra das Almas (PR); cachoeira das Alminhas (RS); chapada do Azeitão (MA)”³².

O *elemento específico composto*, segundo a mesma pesquisadora, define-se como “aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes formações inusitadas que, talvez, apenas a história local poderá elucidar” (DICK, 1992, p. 13-14). Nesse sentido, topônimos como “ribeirão Lava Roupa (GO), cachoeira Maravilhas dos Macacos (MG), ribeirão Duas e Dois (GO)” exemplificam essa formação morfológica (DICK, 1992, p. 14).

Já o elemento específico híbrido é definido pela mesma toponimista como “designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências”. A autora exemplifica o composto híbrido como *Lajinha do Mutum* (português + indígena) (DICK, 1992, p. 14).

Cunha e Cintra (2007, p. 129), por seu turno, definem as unidades lexicais híbridas como “aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes”, ou seja, não se trata de um processo de formação de palavra, e sim, de procedência linguística. Sendo assim, compreende-se que uma palavra formada a partir de radicais advindos de origens linguísticas distintas é uma formação composta, pois se trata de mais de um elemento como explicitado; pode-se, entretanto, como marcador desse

³²Os exemplos apresentados são do *corpus* analisado por Dick (1992, p. 31-32).

elemento, dada sua complexidade linguística, classificá-lo como *simples híbrido* (ex.: Pirizal [Tupi + português]) (DARGEL; ISQUERDO, 2020, p. 42) ou *composto híbrido* (ex.: Almirante Tamandaré [português + tupi]).

1.7 – Taxonomias toponímicas: modelos.

Ao redor do mundo o apreço pelos estudos toponímicos tem despertado o interesse de inúmeros pesquisadores que procuraram/procuram, a partir do conjunto de topônimos analisados, identificar tendências subjacentes aos nomes para subsidiar classificações, ou seja, a elaboração de taxonomias que pudessem orientar estudos toponímicos, ou seja, uma terminologia específica da Toponímia. Nesse contexto, o linguista francês Albert Dauzat (1926, p. 10), considerando a necessidade de classificação dos nomes de lugares, considerando o desenvolvimento das civilizações e das culturas, observados nos dados toponímicos, propõe um modelo de classificação, dividindo os mecanismos de nomeação em séries lógicas e categorias históricas, classificação essa que leva em conta a ordem histórica de formação dos nomes.

O estudioso ainda esclarece que os nomes poderiam ser classificados do ponto de vista da formação externa ou dos sentidos intrínsecos do nome, ou seja, os nomes poderiam refletir uma denominação espontânea transparecendo, em certa medida, o inconsciente de um grupo. Os sentidos intrínsecos, de acordo com o pesquisador, estariam em nomes emprestados da geografia física do lugar ou em nomes dos fundadores ou dos proprietários da terra e os que apresentam características abstratas ou de ordem histórica (DAUZAT, 1926, p. 19-20).

Outro pesquisador a apresentar uma forma de sistematização toponímica é o estudioso brasileiro Everardo Backheuser (1949/1950). Para ele, os topônimos podem apresentar duas categorias gramaticais, quais sejam: o substantivo (comum e próprio) e o adjetivo; além de três figuras retóricas: a antonomásia, o pleonismo e a metáfora (BACKHEUSER, 1949/1950, p. 8).

Em 1954, o americano George Stewart propôs nove mecanismos de nomeação, para fins de classificação de topônimos: “1 – Descriptive names; 2 – Possessive names; 3 – Incident names; 4 – Commemorative names; 4 – Euphemistic names; 7 – Manufactured names; 8 – Shift names; 8 – Folk etymologies; 9 – Mistake names” (DICK, 1992, p. 24-25). A mesma toponimista argumenta ainda que, apesar de considerar a classificação de Stewart prática ou abrangente, a

[...] sua aplicabilidade, em termos abrangentes de um maior número de casos, pode não satisfazer a todos, desde que alguns dos *topos*, tidos como genéricos (“folk etymologies”, “manufactured names”) podem não ocorrer em todos os sistemas onomásticos conhecidos, restringindo, assim, o emprego das *taxes* (DICK, 1992, p. 25).

Em 1980, considerando a inexistência de modelos teóricos para subsidiar a análise toponímica e na tentativa de sistematizar uma terminologia para a área, a toponomista brasileira Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick propôs um modelo classificatório com 19 categorias que, em 1990, foi ampliado para 27 *taxes*, versão essa do modelo que tem orientado os estudos toponímicos brasileiros (DICK, 2007, p. 466)³³.

Para tanto a pesquisadora, pauta-se no estudo semântico dos topônimos extraídos da Carta do Brasil 1:100.000 (IBGE, 1968) para definir as *taxes* motivadoras. Além disso, baseia-se na teorização de *ambiente* proposta por Sapir (1969) em sua repartição *física e social* com a finalidade de agrupar as taxionomias conforme a natureza física ou antropocultural. Nesse sentido, Dick (1992, p. 25) entende que os fatores ambientais “constituem o cenário propício ao jogo dos interesses humanos, em que as percepções sensoriais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos nomes”. Segundo esse raciocínio, a taxonomia combina o conteúdo semântico do onomástico ao elemento *topônimo*, ordenando-os nas classes consideradas. Nesse sentido, a *taxe* relativa a nomes próprios de pessoa é denominada *antropotopônimo*, combinando os elementos *antropo* (do gr. “homem”) e a unidade lexical *topônimo*. A seguir, apresenta-se o modelo teórico de Dick (1992).

1.7.1 - Taxionomias de Natureza Física (DICK, 1992, 31-32).

- 1) **Astrotopônimos:** “topônimos relativos aos corpos celestes em geral”. Ex.: *Estrela* (AH, BA).
- 2) **Cardinotopônimos:** “topônimos relativos às posições geográficas em geral”. Ex.: *ribeirão ao Norte* (MG).
- 3) **Cromotopônimos:** “topônimos relativos à escala cromática”. Ex.: *rio Negro* (AM).

³³ A primeira versão do modelo de Dick foi apresentado em sua tese de doutoramento intitulada *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos*, defendida em 1980, na Universidade de São Paulo. Esse estudo foi publicado em 1990 com o título *A Motivação toponímica e a realidade brasileira*, pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo. Este estudo utilizou como fonte a obra *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos (DICK, 1992), na qual foi publicada a última versão do modelo taxonômico.

- 4) **Dimensiotopônimos:** “topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade”. Ex.: córrego *Fundo* (MT).
- 5) **Fitotopônimos:** “topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade”. Ex.: arroio *Pinheiro* (RS).
- 6) **Geomorfotopônimos:** “topônimos relativos às formas topográficas”. Ex.: córrego *Monte Alto* (SP).
- 7) **Hidrotopônimos:** “topônimos resultantes de acidentes hidrográficos”. Ex.: serra das *Águas* (GO).
- 8) **Litotopônimos:** “topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos”. Ex.: lagoa do *Barro* (BA).
- 9) **Meteorotopônimos:** “topônimos relativos a fenômenos atmosféricos”. Ex.: serra do *Vento* (PB).
- 10) **Morfotopônimos:** “topônimos que refletem o sentido de forma geométricas”. Ex.: ilha *Quadrada* (RS).
- 11) **Zootopônimos:** “topônimos de índole animal, representados indivíduos domésticos e não domésticos”. Ex.: lagoa da *Onça* (RJ).

1.7.2 - Taxonomias de Natureza Antropocultural (DICK, 1992, p. 32-34).

- 1) **Animotopônimos** ou **Nootopônimos:** “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física”. Ex.: *Belo Campo* (AH BA).
- 2) **Antropotopônimos:** “topônimos relativos aos nomes próprios individuais”. Ex.: *Antonio Amaral* (AH MG).
- 3) **Axiotopônimos:** “topônimos relativos aos títulos de dignidade de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais”. Ex.: *Presidente Prudente* (AH SP).
- 4) **Corotopônimos:** “topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”. Ex.: *Brasil* (AH AM).
- 5) **Cronotopônimos:** “topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha”. Ex.: rio *Novo Mundo* (GO).
- 6) **Ecotopônimos:** “topônimos relativos às habitações de um modo geral”. Ex.: *Casa da Telha* (AH BA).

- 7) **Ergotopônimos:** “topônimos relativos aos elementos da cultura material”. Ex.: córrego da *Flecha* (MT).
- 8) **Etnotopônimos:** “topônimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)”. Ex.: ilha do *Francês* (RJ).
- 9) **Dirrematotopônimos:** “topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos”. Ex.: *Valha-me Deus* (AH MA).
- 10) **Hierotopônimos:** “topônimos relativos aos nomes sagrados de diversas crenças: cristã, hebraica, maometana etc.”. Ex.: *Cristo Rei* (AH PR).
 “Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões”:
 - a) **Hagiotopônimos:** “topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano”. Ex.: *Santa Tereza* (AH GO).
 - b) **Mitotopônimos:** “topônimos relativos às entidades mitológicas”. Ex.: ribeirão do *Saci* (ES).
- 11) **Historiotopônimos:** “topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes”. Ex.: rio 7 de setembro (MT).
- 12) **Hodotopônimos (ou Odotopônimos):** “topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana”. Ex.: *Estradas* (AH AM).
- 13) **Numerotopônimos:** “topônimos relativos aos adjetivos numerais”. Ex.: *Duas Pontes* (AH RO).
- 14) **Poliotopônimos:** “topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial”. Ex.: rio da *Cidade* (RJ).
- 15) **Sociotopônimos:** “topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, páteo, praça)”. Ex.: *Pracinha* (AH SP).
- 16) **Somatotopônimos:** “topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal”. Ex.: *Pé de Boi* (AH SE).

É importante destacar que outros pesquisadores, face a particularidades observadas em denominações na toponímia regional, possibilidade apresentada pela própria toponimista (DICK, 1990), apresentaram novas propostas de taxonomias, considerando a lacuna na categorização dos dados, bem como o conteúdo semântico dos designativos.

Desta forma, considerando a análise da microtoponímia dos seringais acreanos, Isquierdo (1996), dada a natureza semântica de topônimos que traduzem estados anímicos do denominador e fundamentada na impressão *agradável/otimista* e *desagradável/temeridade*, propôs para os animotopônimos as subclassificação *eufórico* e *disfórico*, respectivamente, a “sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo” e “sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas”, respectivamente (ISQUERDO, 2013, p. 84-85).

Além disso, alguns pesquisadores do Projeto Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul, considerando o contingente de dados, apresentaram diferentes propostas de taxonomias³⁴, ancorados no modelo de Dick (1992). Bittencourt (2015), por exemplo, com a finalidade identificar um termo classificatório a topônimos recorrentes na toponímia de Três Lagoas/MS, propôs a taxa dos *Letratopônimos* que abrigam “topônimos relativos às letras do alfabeto (A, B, C) e também de outras letras formadas pelo alfabeto grego (alfa, delta, gama, etc.)” (BITTENCOURT, 2015, p. 59).

Pereira e Nadin (2017), por seu turno, apresentaram a proposta de uma taxa como complementação ao modelo teorizado por Dick (1992), os *Parentistopônimos* que, segundo os autores, é uma “taxionomia para designações de parentesco que acompanham nomes próprios individuais” (PEREIRA; NADIN, 2017, p. 240). Os autores exemplificam essa taxa com os topônimos: “*Irmão* Brasil/Bodoquena (MS), *Tio*/São Gabriel do Oeste (MS), *Vó* Chica/Nova Andradina (MS) [...]” (PEREIRA; NADIN, 2017, p. 239).

Cazarotto (2019) também propõe uma nova taxa como ampliação do modelo seminal de Dick (1992), concebida a partir de dados da toponímia da fronteira Brasil/Paraguai, a taxonomia dos *Cientiatopônimos* que engloba

[...] os nomes relativos às *Áreas de Conhecimento*, ciência (s) em geral (Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes), incluindo as *disciplinas científicas*, que são campos circunscritos a uma determinada área de conhecimento (tais como: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Genética, Botânica, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Medicina, Educação Física, Agronomia, Medicina Veterinária, Administração, Economia, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação, Linguística etc.), *produtos de pesquisas científicas* e os *cientistas em geral* (CAZAROTTO, 2019, p. 75-76).

³⁴ Compreendemos que ao redor do mundo, sobretudo em pesquisas toponímicas brasileiras, outros pesquisadores desenvolvem diferentes propostas de classificação taxonômica, entretanto, focalizamos apenas as propostas por pesquisadores do ATEMS, projeto ao qual se vincula este estudo.

Considerando a análise da macrotoponímia dos municípios de Mato Grosso do Sul e com a intenção de formular uma taxa que abrigasse “topônimos relativos às manifestações artísticas (literatura, teatro, musicais, pintura...) e a autores de obras relacionadas às diferentes modalidades de arte”, Isquendo e Dargel (2020, p. 254) formulam a taxa dos *Artistopônimos* – rua *Castro Alves*³⁵.

Essas taxonomias recuperam possíveis motivações que influenciaram o nomeador no ato de nomeação do lugar, permitindo uma análise sistemática dos topônimos.

1.8 – Toponímia urbana: algumas considerações

Enquanto a tendência da toponímia rural, tanto física (morros, rios, lagos...), quanto humana (fazendas, sítios, chácaras...) é conservar denominações espontâneas, na maioria dos sistemas toponímicos urbanos é o caráter não circunstancial do nome que se destaca como resultado, por exemplo, da imposição oficial da denominação, comumente feita pelo poder político vigente. Esses nomes, na maior parte das vezes, são designados para cumprirem a função de homenagear personalidades públicas, cuja importância é reconhecida pela sociedade, com maior ou menor grau histórico.

Dick (1996), em estudo sobre a toponímia da cidade de São Paulo, inaugura essa perspectiva de estudo dos topônimos, focalizando as interpelações dos nomes da cidade desde o momento de sua fundação até o ano de 1897. Nesse contexto, a pesquisadora (1996, p. 177) observa quatro estratos toponímicos evidenciados no recorte da toponímia urbana de São Paulo, a saber: i) antroponímico que, de acordo com a autora, é considerado “o espontâneo, o natural, nascido popularmente da lembrança daquele morador que melhor identificou o lugar, em seu tempo”; ii) religioso, cuja espontaneidade também é observada, possuindo, inclusive, caráter funcional; iii) os dois últimos sendo considerados de caráter não espontâneo, mas oficializados e sistemáticos, evidenciando “a tendência a homenagens a personalidades e fatos ligados a momentos históricos regionais, ou locais, o que viria a constituir a meta perseguida por grande parte da toponímia do Brasil”.

Nessa perspectiva de estudo, as pesquisas, em sua maioria, comumente focalizam as denominações hodonímicas, que, segundo Sartori (2010), definem-se como “o conjunto dos nomes das ruas e praças e de todas as áreas de circulação de um

³⁵ Exemplo retirado do *corpus* deste estudo.

centro urbano”. Dick (1996, p. 133), por sua vez, pondera que “a rua é um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano”.

Nesse sentido, entende-se que os nomes das ruas revelam características particulares e históricas da memória da população do lugar, traduzindo-se como memorial que perpetua os acontecimentos e interesses que de certa forma marcaram aquela população e, por isso, “conhecer o significado desses nomes é prestar uma reverência à memória e à história, além de revelar aos moradores fatos relevantes sobre o passado do local onde eles vivem” (SARTORI, 2010, p. 32).

Estudos recentes comprovam essa afirmativa. As pesquisas de Oliveira (2014), Cavalcante (2016), Amorim (2017) e Neves (2019), focalizando diferentes regiões da cidade de Campo Grande, constataram a alta produtividade de topônimos que tecem homenagens a personalidades e fatos históricos, ligados à localidade pesquisada. A taxa predominante nesses estudos foi a dos *antropotopônimos*, nomes de pessoas conhecidas ou não pela sociedade. Da mesma maneira, Bittencourt (2015), ao examinar a toponímia urbana de Três Lagoas, observa as mesmas características toponímicas apontadas pelas pesquisadoras anteriormente mencionadas. Essas informações atestam a comprovação de Dick (1996), à medida que se configuram como arquétipos toponímicos³⁶.

A respeito dos *antropotopônimos*, Dick (1990, p. 310) esclarece que os topônimos pertencentes a essa taxa podem “revelar aspectos de autolatéria, imodéstia ou desejo perpetuação dos feitos individuais”, traduzindo a expectativa imposta de homenagem. A mesma estudiosa assinala ainda topônimos dessa natureza apontam para possíveis causas que levaram a imposição do nome e “possibilitam, realmente, que uma parcela da história regional ou nacional seja conservada e transmitida às gerações posteriores” (DICK, 1990, p. 310).

Por isso mesmo, em termos de toponímia urbana, dada a escassez de fontes oficiais que apresentem informações sobre a pessoa homenageada, faz-se necessário a busca da motivação por meio de pesquisas de campo, à procura de moradores antigos, que podem complementar ou oferecer dados biográficos sobre as personalidades homenageadas que são desconhecidas pela população. A respeito disso, Dick (1992) pondera que:

³⁶ Entende-se como *arquétipos toponímicos* “expressões padrões, que traduzem ou enfocam o mesmo ângulo em relação à caracterização dos acidentes geográficos” (DICK, 1992, p. 8), ou seja, formações toponímicas recorrentes em diversas culturas.

[...] a referência a dados aproximados prendeu-se [...], ao fato de alguns topônimos exigirem um aprofundamento de estudos, na busca do verdadeiro emprego da denominação ou de sua causa, não explicitada no levantamento sincrônico. Nem sempre o significante, ou a forma linguística de um nome, em Toponímia, conduz à uma interpretação segura do motivo principal, quando isolado do ambiente originário. As fontes históricas, relativas ao município, em tais casos, são de grande valia, ou se inexistentes, *apenas a pesquisa de campo, através de informantes terá condições para solucionar a dúvida* (DICK, 1992, p. 210 – Grifo nosso).

Essas informações podem ser coletadas por meio de inquéritos orais e fornecer pistas para a identificação da existência de uma *toponímia paralela* ou *popular* que consiste na adoção de um nome pela população, coexistindo ao oficializado. Nesse sentido, Dick (1992) esclarece que, no tocante às pesquisas orais, é preferencial a busca por moradores antigos, que podem fornecer melhores contribuições à investigação (DICK, 1992, p. 216).

A investigação da toponímia urbana pode, portanto, demonstrar a força da resistência do topônimo conservando-se denominações antigas, bem como a dinâmica da atuação da cultura, impondo novas denominações a depender da importância dada ao fato histórico ou até mesmo à personalidade homenageada, o que favorece a perpetuação da memória coletiva do grupo no qual se insere.

As considerações sobre a toponímia urbana apresentadas demonstram a necessidade de recuperação dos fatos relevantes da história da localidade para subsidiar a pesquisa toponímica como recurso para subsidiar a elucidação das causas e motivações dos topônimos. O próximo capítulo discute os aspectos históricos e geográficos da cidade de Ladário/MS.

CAPÍTULO II – ASPECTOS HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS DA CIDADE DE LADÁRIO/MS

Este capítulo versa sobre aspectos históricos e geográficos da cidade de Ladário/MS, focalizando a questão dos povos originários que ali habitavam, bem como a necessidade da Coroa Portuguesa de defender as terras à Oeste da Província de Mato Grosso, que culminou na fundação da cidade. Além do mais, focalizamos a edificação do Arsenal da Marinha do Brasil e seu impacto na localidade, bem como a presença da linha de ferro na localidade. O tópico a seguir versa sobre os primeiros habitantes da localidade, anterior à chegada do homem branco.

2.1 – Os povos primitivos do território: Paiaguás, Guaicurus, Guatós e Guanãs.

Os registros históricos acerca da área compreendida como a Bacia do Pantanal apontam para a presença de povos autóctones anteriores à chegada do homem branco por essas paragens, quais sejam os *Paiaguás*, os *Guaicurus*, os *Guatós* e os *Guanãs*. Os *Paiaguás*, segundo o historiador Fernando Leite (1978), pelas habilidades de navegações e rapidez nos usos de canoas ficaram conhecidos como “índios canoeiros”. Além disso, essa etnia foi marcada essencialmente pela familiaridade com a hidrografia da região, dominando os rios e transformando-os em campos de batalha em defesa do território (LEITE, 1978, p. 17).

Em contrapartida, o povo Guató não reunia uma população numerosa, em decorrência do seu caráter nômade e ficaram conhecidos pelas habilidades no uso do arco e flecha. Em razão das características de pacificidade desse grupo e, conseqüentemente, por serem “inofensivos”, quase sempre eram dominados pelos *Guaicurus*, povo temido pelas etnias vizinhas, considerando a coragem, a bravura e o poder de dominação que exerciam sobre as demais populações nativas. Além disso, possuíam destreza no manejo do cavalo, conhecidos como exímios cavaleiros, eram na terra o que os *Paiaguás* eram nas águas (LEITE, 1978, p. 17).

Além dessas etnias, registra-se a presença dos *Guanãs* (ou *Kadiwéus*), que se caracterizavam como um povo mais sedentário que os demais. Dentre os povos mencionados, os *Guanãs* eram a etnia que habitava às redondezas das áreas onde na atualidade se localizam as cidades de Ladário e de Corumbá (LEITE, 1978, p. 17).

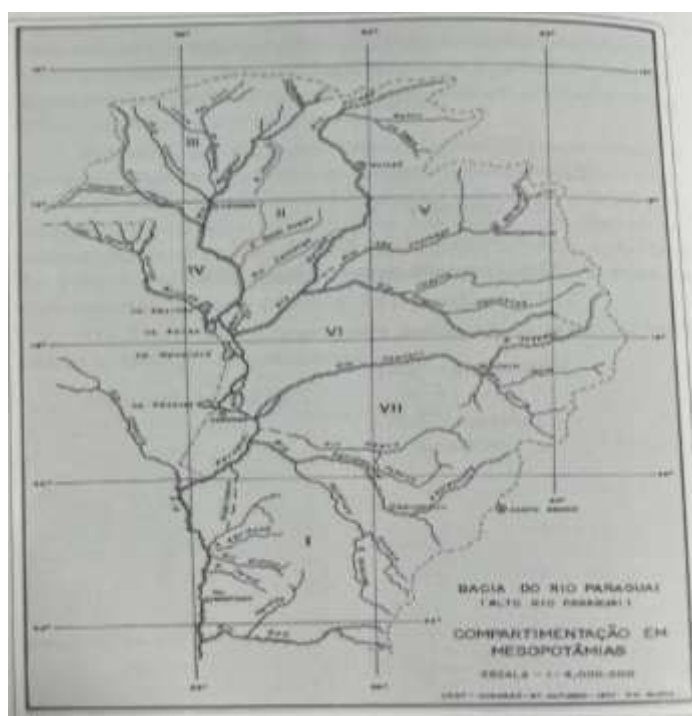
2.2 – A expansão a Oeste e o impedimento do avanço espanhol

A disputa de terras entre as Coroas Portuguesa e Espanhola foi um dos principais motivos do desbravamento das terras a oeste da então colônia portuguesa. Entretanto, foi a descoberta do ouro, segundo Souza (2012a, p. 13), que proporcionou a fixação dos portugueses na capitania de Mato Grosso, fundando o primeiro núcleo populacional, na atualidade, a cidade de Cuiabá/MT.

Tratando da história da região, Campestrini (2016, p. 20) pondera que no período colonial os portugueses estabeleceram uma rota de desbravamento, partindo do litoral de Santa Catarina até a cidade de Assunção, no território do Paraguai, que incluía partes do território hoje pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul. As correntes hídricas foram as vias fundamentais para que o homem branco se estabelecesse nessas terras, sendo, assim, de grande importância para o movimento Bandeirante, que se configurou como expedições e inspeções pelo território à procura de mão de obra e de metais preciosos.

Campestrini (2016, p. 20) registra, ainda, que Aleixo Garcia foi o primeiro desbravador europeu a percorrer a rota mencionada. Partindo de Santa Catarina chegou a fazer um reconhecimento do Rio Paraguai, sendo morto, em emboscada, por índios da etnia Paiaguás. Nota-se, pois, que essas terras não eram totalmente desconhecidas, pois, além de Aleixo Garcia, houve outras expedições por essas terras, dentre as quais merece destaque a do espanhol Álvaro Nunes Cabeça de Vaca (1542). A figura 4 traz o esboço traçado para registrar a Bacia do Rio Paraguai.

Figura 4 – Esboço da Bacia do Rio Paraguai.



Fonte: Souza (2012a, p. 10)

Souza (2012a, p. 36-37) destaca, ainda, que os Paiaguás apresentavam resistência à presença dos bandeirantes³⁷, defendendo as terras das invasões portuguesas, que adentravam o interior para fins de extração do ouro. Os inúmeros embates entre os donos da terra e os portugueses, além da corrida contra os espanhóis, fizeram com que Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, então governador da Província de Mato Grosso, reagisse ao avanço dos espanhóis por meio da demarcação e do povoamento de terras em pontos estratégicos distribuídos ao longo do curso do rio Paraguai. Essa atitude resultou, de acordo com Macêdo (1997, p. 2-3), da denúncia feita pelo Capitão Geral de São Paulo, Dom Luiz Antonio de Souza Botelho, relatando a violação espanhola do Tratado de Madrid, o que colocara em risco as terras de posse de Portugal.

Na ansiedade de demarcar a propriedade das terras a oeste da província, cumprindo ordens do Governador Luís de Albuquerque, em 1775, Matias Ribeiro da Costa funda o Forte de Coimbra, marcando o estabelecimento português, às margens do rio Paraguai, no estreito de São Francisco. Apesar da fundação, a fortificação não apresentava total segurança à região, visto que a sua localização permitiria prováveis ataques de forças

³⁷ Os *Bandeirantes* eram expedidores da Coroa Portuguesa, encarregados das Bandeiras.

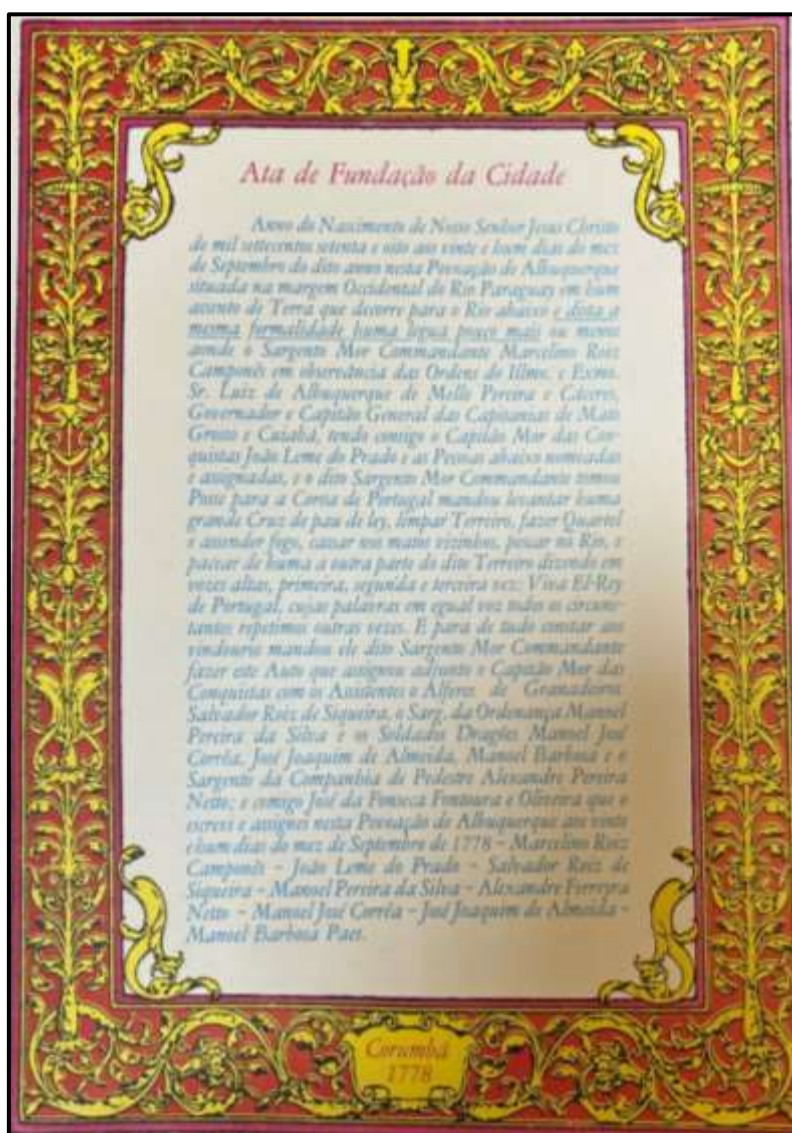
advindas do rio Miranda (SOUZA, s/d³⁸, p. 18-19), o que levou os portugueses a buscarem novas formas de defesa da terra. O tópico seguinte versa sobre o entrelaçamento histórico das cidades de Corumbá e Ladário, focalizando a questão da fundação dessas povoações.

2.3 – Corumbá e Ladário: histórias entrelaçadas

Na pretensão de demarcar mais terras para a Coroa Portuguesa e com a finalidade de garantir a segurança do Forte Coimbra, o Governador da Província de Mato Grosso determina ao sertanista João Leme do Prado que realizasse uma investigação a fim de localizar pontos estratégicos para a edificação de novas fortificações e fundação de povoados, às margens do rio Paraguai, no intuito de impedir o avanço espanhol. Nesse contexto, o sertanista elegeu a área compreendida como a atual cidade de Corumbá como marco português, fundando a Vila de Albuquerque, topônimo que homenageou o então Governador, por meio da ação do sargento-mor Marcelino Rodrigues Camponês (SOUZA, 2012b, p. 13-15). A figura 5 que segue reproduz a Ata de Fundação da Vila de Albuquerque, atual cidade de Corumbá/MS:

³⁸ Sem data.

Figura 5 – Ata de Fundação da Vila de Albuquerque (1778).



Fonte: Leite (1978, p. 3).

É importante destacar que a fundação da cidade de Ladário não foi registrada de forma oficial, tal como a de Corumbá³⁹. Segundo a historiadora Daiane dos Santos (2017, p. 22), a fundação de Ladário teve como objetivo prestar auxílio à povoação de Albuquerque no tocante à subsistência e ao plantio, principalmente, de milho, mandioca e feijão. Nesse sentido, Ladário chamou a atenção dos desbravadores, em primeiro momento, justamente pela sua terra fértil para a agricultura. Souza (s/d.), por exemplo, registra esse episódio em sua obra *História de Corumbá* de forma memorialística:

³⁹ Ainda hoje há na localidade um Cruzeiro que marca o local exato onde foi lavrada a Ata de Fundação da Vila de Albuquerque, atual Corumbá. Segundo Souza (2012b, p. 30), “situa-se na proximidade do rio, ao pé da ladeira hoje denominada Cunha e Cruz [...] conforme comprova planta de 1789, mandada fazer por Luís de Albuquerque”.

Acossado por súbito vendaval, logo após ter deixado o sertanista e os seus acompanhantes, viu-se [Leme do Prado] compelido a abrigar-se em uma enseada de “*huns matos mt.º excelentes de bacurizaís capazes de dar toda a qualidade de mantimentos*” (SOUZA, S/d, p. 26, grifo nosso).

Esse excerto narra a primeira visão a respeito da área em que foi desenvolvida a cidade de Ladário. Assim, é perceptível que o espaço, bem como o solo, favoreceu o plantio, que possibilitou a cidade de Ladário ser, inicialmente, fonte de subsistência à Vila de Albuquerque, atual Corumbá. Considerando o contexto histórico, é possível compreender a escassez de fontes bibliográficas que focalizam a história de Ladário, visto que inicialmente o interesse português centrava-se na localidade vizinha: Albuquerque. Ademais, é importante assinalar que Ladário teve fundação anterior à Vila de Albuquerque, no dia 2 de setembro de 1778⁴⁰, exatos 19 dias antes, conforme registro em cartas endereçadas ao Capitão-geral, Luis de Albuquerque, pelo sertanista João Leme do Prado (SOUZA, 2012b, p. 120). Essas cartas são os únicos registros que comprovam a fundação de Ladário, não havendo nenhuma Ata de Fundação da Cidade, como já assinalado.

Além disso, Souza (s/d, p. 26) pondera que o nome *Ladário* foi atribuído “em lembrança ao nome da vila de nascimento de Luís de Albuquerque, no distrito de Vizeu, província de Beira Alta”, Portugal, o que pode justificar o entrelace das duas fundações. Tolentino (1986, p. 124-125), por exemplo, informa que as duas localidades foram fundadas simultaneamente, em 1778. Entretanto, a estudiosa esclarece que a diferença existente entre as duas cidades, em termos de fundação, foi o sistema de povoamento, que ambas receberam, pois,

Enquanto Corumbá abrigou os comerciantes estrangeiros, Ladário foi quase que exclusivamente povoada por indígenas e colonos de origem simples, que pela força das circunstâncias se dedicavam à lavoura de subsistência (TOLENTINO, 1986, p. 125).

Por sua simplicidade e após a instalação definitiva de seu fundador, Leme do Prado, Ladário caiu em esquecimento, vindo a ser lembrada após o episódio da Guerra do Paraguai (1864-1870). Nesse cenário, a transferência do Arsenal da Marinha de Cuiabá para Ladário foi a causa responsável por trazer à memória a existência da cidade pantaneira, como focalizado no próximo tópico deste capítulo.

⁴⁰ Segundo o que pudemos apurar, a data de fundação da cidade foi descoberta a partir de estudos de uma Comissão cujo objetivo era elaborar um histórico da cidade, durante a gestão do Prefeito Amyntas Mônaco. Esse documento encontra-se disponível em: https://www.ladario.ms.gov.br/arquivos/historico_-_fundacao_ladario_lei_211-1971_22093802.pdf. Acesso em: 23 fev. de 2023.

2.4 – O Arsenal da Marinha: início do desenvolvimento de Ladário/MS.

A Guerra do Paraguai, também denominada Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870),⁴¹ despertou a Marinha para a necessidade de defesa do sul da então Província de Mato Grosso, visto que muitas das localidades dessa região sofreram fortemente a tensão das tropas paraguaias.

A cidade de Corumbá e, por extensão Ladário, foi tomada pelas tropas paraguaias que ocuparam as terras por volta de quatro anos. A ocupação paraguaia na cidade a deixou em total destruição: “suas casas já haviam sido saqueadas completamente, [...] As mulheres foram muito maltratadas” (TOMPSON, 1968 apud SOUZA, 2012b, p. 75). Além disso, Souza (2012b) registra que as cidades de Corumbá, Ladário, Nioaque e Miranda ficaram completamente devastadas após a desocupação paraguaia.

Foi por meio da atuação do Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, comandante da Guarda Expedicionária, acompanhado de 400 homens, que a Retomada de Corumbá aconteceu em 13 de junho de 1867. Entretanto, a desocupação total localidade só se deu um ano depois (SOUZA, s/d., p. 61).

Face à destruição causada pela Guerra, as autoridades observaram que havia necessidade de produzir meios defensivos considerando a possibilidade de novos ataques paraguaios. Desta forma, Ladário, em decorrência da sua topografia, bem como a sua posição estratégica no rio Paraguai, características que favoreciam a edificação de uma base fluvial, com a finalidade de defesa do território, despertou o interesse da construção do Arsenal Militar. Ocorrida a autorização do então Ministro da Marinha, o militar João Mauricio Wanderley, o capitão-de-fragata Manuel Ricardo da Cunha Couto dá início aos trabalhos de edificação do Arsenal da Marinha, em 14 de março de 1873 (SOUZA, 2012b, p. 122). Essa decisão da instalação em Ladário/MS aboliu o plano de construção do Arsenal em Cuiabá/MT e, em consequência, fez com que o material fosse transferido para a nova sede. A imagem a seguir registra a etapa de finalização da construção do Arco, na entrada do Arsenal.

⁴¹ Durante o episódio, a cidade de Corumbá foi tomada pelas tropas Paraguaias, que ocuparam as terras brasileiras por volta de quatro anos. A tomada da cidade deixou-a em total destruição “suas casas já haviam sido saqueadas completamente, [...] As mulheres foram muito maltratadas” (TOMPSON, 1968 apud SOUZA, 2012, p. 75). A Retomada aconteceu em 13 de junho de 1867, por meio da ação do então Tenente-Coronel Antonio Maria Coelho, comandante da Guarda Expedicionária, acompanhado de 400 homens (SOUZA, S/d., p. 61).

Figura 6 – Panorama da entrada do Arsenal da Marinha.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS).

A instalação do Arsenal Militar proporcionou segurança à região. A partir de então, conforme pondera Macêdo (1997), observou-se a inauguração hodonímica da Cidade. Foram criadas oito ruas que compõem, atualmente, parte do centro da cidade: “[...] Fernandes Vieira; Tamandaré; 14 de Março [...]; Cunha Couto; [...] 13 de Maio (hoje Alte. Frontin); Riachuelo; Belhan (hoje Conde de Azambuja) e Pedro II” (MACÊDO, 1997, p. 4). É mister destacar que a abertura do Arsenal em Ladário favoreceu o crescimento econômico e demográfico da localidade, além de contribuir com a diversidade sociolinguístico-cultural, visto que muitos militares vieram, com suas famílias, transferidos de diversas partes do Brasil e, depois de se aposentarem, decidiram permanecer na cidade.

Além disso, houve inclusive influência da Marinha na configuração religiosa da Cidade de Ladário/MS, por meio da doação da Imagem de Nossa Senhora dos Remédios, Padroeira da Cidade pelo Comandante Raimundo José de Souza Lobo, que trouxe a imagem de Recife/PE e a entregou ao município dia 07 de Janeiro de 1893⁴². A

⁴² Em 2023, completaram-se 130 anos da chegada da Imagem de. Segundo relatos de moradores antigos, no interior do Arsenal Militar já havia uma capela dedicada à sua veneração e devoção.

figura a seguir apresenta a Imagem de Nossa Senhora dos Remédios, Padroeira de Ladário/MS.

Figura 7 – Imagem de Nossa Senhora dos Remédios.



Fonte: Pastoral de Comunicação (PASCOM) – Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Ladário/MS.⁴³

Há, portanto, estreita ligação entre a religião Católica Romana com a presença da Marinha do Brasil em terras ladarenses. Isso demonstra que a presença militar em Ladário/MS influencia positivamente o desenvolvimento da cidade, como anteriormente assinalado. O tópico seguinte versa sobre a influência das linhas férreas na área estudada.

2.5 – A Ferrovia e o novo tempo para Ladário/MS: passos para a emancipação.

Foi a partir, então, da edificação do Arsenal Militar que Ladário conquistou sua importância, retornando aos olhos do Governo da Província de Mato Grosso. Além do mais, a instalação da Ferrovia Noroeste do Brasil favoreceu a imigração para o Oeste do Estado. Segundo Alencar (2013, p. 73), “a Estrada de Ferro viria de Bauru-São Paulo, chegaria ao território Centro-Oeste passando por Três Lagoas e seguiria até Corumbá”.

⁴³ Disponível em:

<https://www.facebook.com/RemediosLadario/photos/a.103573574996295/109016791118640/?type=3&mbextid=r5uJeJ> Acesso em: 22 fev. 2023.

O início das obras estava previsto para o ano de 1908, entretanto, deu-se apenas em 1914, chegando em Corumbá apenas em 1950.

Em paralelo, a Comissão Mista Ferroviária Brasileiro-Boliviana despertou no povo ladarense a esperança de que a estação internacional da ferrovia fosse construída na localidade, fato que não se concretizou. Segundo Macêdo (1997, p. 7), foi graças à hegemonia política corumbaense que os trilhos foram desviados para Corumbá, favorecendo a edificação da Estação Internacional na localidade, o que excluiu a possibilidade da sua execução em Ladário, o que acabou por provocar o interesse pela emancipação política da localidade, tema abordado no próximo tópico.

2.6 – A emancipação político-administrativa do Distrito de Paz do Ladário

O povoado, no entanto, foi elevado à categoria de Freguesia sob invocação de Nossa Senhora dos Remédios, em março de 1896, pela Lei nº. 134. Na divisão territorial de 1911 a cidade é registrada como distrito pertencente a Corumbá, fato que retorna a ser figurado em 1938, mesmo diante de sucessivas divisões administrativas.

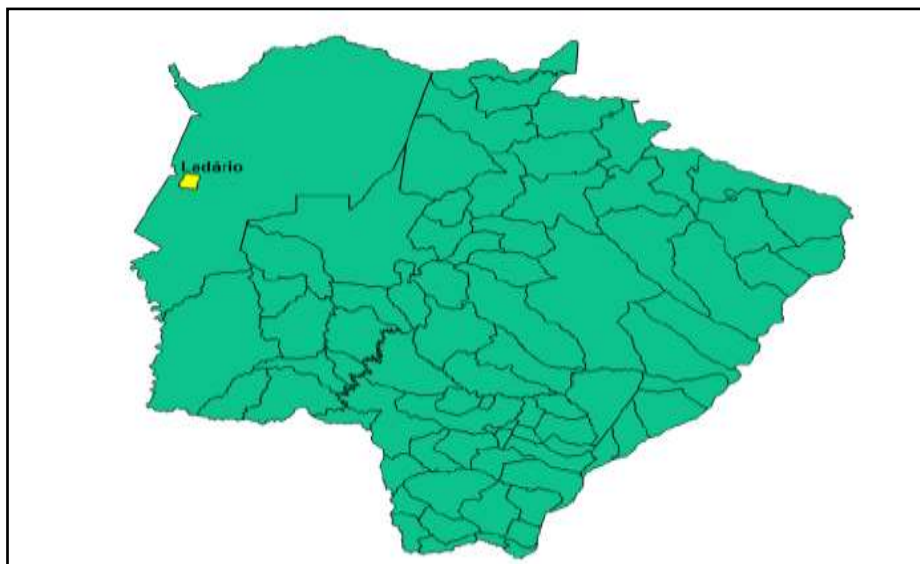
De acordo com a historiadora Daiane Lima dos Santos (2017, p. 13-14), foi graças à lei estadual nº 607 de 11 de dezembro de 1953, que o “Distrito de Paz do Ladário” foi elevado à categoria de município, o que demonstra uma particularidade em relação à história da cidade, qual seja a sua dependência do município do qual se emancipou, fato que se evidencia na formação econômica e sociocultural do novo município e na conjectura social e econômica da cidade.

Macêdo (1997) argumenta que, para tanto, foi instituída uma comissão com a função de definir os limites do novo município, comissão essa que foi instaurada somente em 17 de março do ano seguinte. Segundo o mesmo historiador, os limites municipais seriam os mesmos do então Distrito.

A decisão de emancipação política teria acontecido em decorrência da revolta gerada em torno dessa temática. A instalação da Comissão Mista em Ladário contribuiria para o fluxo migratório na cidade, inclusive para o seu desenvolvimento econômico, visto que ligaria a cidade até Santa Cruz de La Sierra (Bolívia). Durante esse período, de acordo com Santos Neto (2022, p. 26), Ladário contava com um comércio relativamente pequeno, Entretanto, abrigava famílias de origem sírio-libanesas, italianas, paraguaias, espanholas e portuguesas, que colaboraram com a

formação étnica da população do novo município. A figura a seguir demonstra a localização da cidade de Ladário, em relação ao Estado de Mato Grosso do Sul.

Figura 8 – Mapa de localização do município de Ladário no mapa do estado de Mato Grosso do Sul.



Fonte: Santos (2017, p. 13).

É importante destacar que o município de Ladário é o menor do Estado de Mato Grosso do Sul. Entretanto, dada a sua diversidade cultural e riqueza histórica, Ladário torna-se fonte produtiva de estudos, como o anteriormente observado, fato que motivou a concretização deste estudo. O capítulo a seguir apresenta e discute os caminhos metodológicos traçados para o desenvolvimento desta pesquisa.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Neste capítulo, discutimos os caminhos metodológicos traçados para o alcance dos objetivos propostos para este estudo. Apresentam-se, inicialmente, os objetivos da pesquisa, seguidos dos procedimentos de recolha de dados, da constituição e a análise do *corpus*. Além disso discutimos a metodologia adotada na pesquisa de campo em busca de dados orais que pudessem subsidiar a análise dos dados.

3.1 – Objetivos

Como já anunciado, o objetivo geral deste estudo foi analisar os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS, com vistas a examinar em que proporção aspectos da história, do contexto social, da cultura e da memória se refletem na nomeação dos logradouros públicos da cidade. Considerando o objetivo do estudo, alguns questionamentos de pesquisa se fizeram necessários: i) os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário refletem marcas sociolinguísticas e histórico-culturais da localidade?, e ii) a presença do 6º Distrito Naval, da Marinha do Brasil, na localidade, teria influenciado a denominação dos logradouros públicos?.

Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: i) catalogar os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS, a partir de consulta a mapas e/ou cartas oficiais da cidade; ii) analisar os topônimos que compõem o *corpus* dos pontos de vista da motivação, da língua de origem e da estrutura dos sintagmas toponímicos, adotando, para tanto, fundamentalmente, o modelo teórico de Dick (1990; 1992); iii) classificar os topônimos de acordo com o modelo taxionômico de Dick (1992), buscando traçar um panorama das tendências da toponímia estudada; iv) examinar, em que proporção, condicionantes de natureza sociolinguístico-cultural serviram de motivação e/ou de causa denominativa para a nomeação dos logradouros da cidade de Ladário/MS; v) identificar, por meio de pesquisas orais, possíveis causas denominativas de uma amostra de topônimos e a possível existência de uma toponímia paralela; vi) descrever, com base em postulados etnolinguísticos, a questão da relação léxico, cultura e ambiente na toponímia em estudo.

3.3- Procedimentos e constituição do *corpus*

Neste estudo, foram cumpridas as seguintes etapas, com vistas a buscar respostas para os objetivos estabelecidos e para a constituição do *corpus*:

- 1- contato com as secretarias de *Finanças e Planejamento* e de *Administração*, em busca de dados cartográficos que pudessem subsidiar a pesquisa;
- 2- inventário dos topônimos urbanos da cidade de Ladário a partir da consulta aos mapas disponibilizados pelas secretarias visitadas e respectiva organização do *corpus* em planilhas específicas;
- 3- visita à Câmara Municipal em busca das leis que dispõem sobre a criação de bairros e denominação dos logradouros da cidade de Ladário/MS;
- 4- pesquisa de fontes bibliográficas relacionadas a aspectos da história e da geografia de Ladário no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em obras que focalizam a história e a geográfica de Ladário, com a finalidade de subsidiar a análise dos dados;
- 5- realização de entrevistas orais com moradores antigos da cidade com o objetivo de recolher informações complementares sobre as causas denominativas de uma amostra de topônimos.

Importante registrar as dificuldades encontradas em termos de fontes cartográficas para a constituição do *corpus*. As secretarias da Prefeitura Municipal de Ladário dispõem de mapas ainda em elaboração, inacabados, em sua maioria. Felizmente, com a colaboração de um servidor da secretaria de *Finanças e Planejamento*, tivemos acesso a um mapa da cidade de Ladário (2021). Além disso, o mesmo funcionário comunicou-nos que o site *Google Maps* havia passado por recente atualização em termos de registro dos nomes dos logradouros, site esse que serviu de base complementar para a constituição do *corpus* da pesquisa. Além disso, também houve dificuldade de localização e/ou acesso a documentos relativos à denominação dos logradouros públicos e bairros da cidade. Algumas leis perderam-se com o passar dos anos e, conseqüentemente, algumas denominações não foram oficialmente registradas por escrito. Salientamos ainda que identificamos escassas referências bibliográficas sobre a história de Ladário, fator que dificultou a produção do segundo capítulo desta

dissertação destinado ao registro de informações históricas, inclusive a indisponibilidade desse tipo de acervo na própria Prefeitura municipal do município.

Como já assinalado, este estudo ancora-se nos pressupostos teóricos da Toponímia (DICK, 1990; 1992; 1996; 1999; 2004; 2007); da Lexicologia (BIDERMANN, 2001), da Etnolinguística (SAPIR, 1969; CASADO VELARDE, 1991) e da Antropologia Linguística (DURANTI, 2000), entre outros. É importante destacar que foi imprescindível a consulta à obra *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo 1554-1897* (DICK, 1996), por se tratar de uma obra essencialmente voltada para a toponímia urbana que lança as primeiras sementes em relação aos estudos de toponímia urbana. Também foram consultados trabalhos sobre toponímia esse ramos dos estudos toponímicos, sobretudo, os que foram desenvolvidos no âmbito do Projeto ATEMS que, por sua vez, serviram de direção para este estudo.

3.4 – Sistematização e análise dos dados

Os dados analisados neste estudo foram sistematizados em planilhas do sistema Excel e analisados fundamentalmente com base no modelo de taxionômico adotado (DICK, 1990; 1992), etimologia dos topônimos e estrutura morfológica dos designativos. Além disso, considerando que a própria toponomista brasileira argumenta a possibilidade de surgimento de novas taxes para atender casos não contemplados pelo seu modelo, em especial face à toponímia regional, adotamos a taxe proposta de

Isquerdo e Dargel (2020) dos *artistopônimos* que abriga “topônimos relativos às manifestações artísticas (literatura, teatro, musicais, pintura...) e a autores de obras relacionadas às diferentes modalidades de arte” (ISQUERDO; DARGEL, 2020, p. 254), Considerando o número expressivo de topônimos relacionados a essa motivação no *corpus* examinado. A planilha de registro dos dados foi elaborada a partir do modelo de ficha lexicográfico-toponímico proposto por Dick (2004) e da planilha utilizada pelos pesquisadores do Projeto ATEMS que, por sua vez, também tem como embrião a proposta de Dick (2004).

Figura 7 – Ficha lexicográfico-toponímica (DICK, 2004).

Localização – Município: _____	
Topônimo: _____	A.G.: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____	
Entrada Lexical: _____	
Estrutura Morfológica: _____	
Histórico: _____	
Informações Enciclopédicas: _____	
Contexto: _____	
Fonte: _____	
Pesquisador: _____	Revisor: _____
Data de Coleta: _____	

Fonte: Dick (2004, p. 130).

Essa ficha lexicográfico-toponímica tem servido de base para a sistematização de topônimos em diversas pesquisas e tem sofrido ajustes a depender dos objetivos da pesquisa e das necessidades impostas pelos dados. Neste estudo, pautamo-nos na ficha de Dick (2004) e de propostas apresentadas por estudos vinculados ao Projeto ATEMS (OLIVEIRA, 2014; BITTENCOURT, 2015; CAVALCANTE, 2016; AMORIM, 2017; NEVES, 2019) para organizar os quadros relativos aos onze bairros da cidade de Ladário/MS.

Os quadros foram organizados em seis colunas. As duas primeiras destinam-se ao registro do *elemento geográfico* e do *topônimo*, respectivamente. A terceira destina-se ao registro do *nome anterior* do acidente geográfico, quando identificado. A quarta coluna é reservada para o registro da *taxionomia*, enquanto as duas últimas trazem, respectivamente, a *estrutura morfológica do topônimo* e as *informações enciclopédicas*. O preenchimento da última coluna foi subsidiado pela consulta em leis municipais, a obras de cunho histórico-geográfico, a sites e a dicionários.

Em se tratando de nomes de pessoas em função toponímica, tecemos considerações sobre a vida pública do nomeado e sua importância no contexto sociocultural da cidade de Ladário, pautando-nos em dados obtidos por meio de consulta a livros que versam sobre a história de Ladário, a *Pérola do Pantanal*, acerca

da biografia de personalidades homenageadas em reconhecimento pela contribuição com a história da cidade. Para tanto, foram consultadas obras dos seguintes autores: Leite (1978), Macêdo (1997), Souza (2012), Lima dos Santos (2017) e Santos Neto (2022). Além do mais, para subsidiar a análise etimológica dos nomes utilizamos das obras lexicográficas e estudos vinculados ao ATEMS: Sampaio (1928), Guérios (1981), Tibiricá (1985), Cazarotto (2010) e Aulete (2014). O quadro abaixo traz um excerto do quadro de topônimos do bairro *Centro*.

Quadro 5 – Exemplo de sistematização dos dados toponímicos da cidade de Ladário/MS.

Bairro: Centro. Data de criação: Não localizada. Número de logradouros: 30.						
Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	14 de março		LP ¹	Historiotopônimo	Composto	Data de início de construção do Arsenal da Marinha na cidade de Corumbá, na atualidade de Ladário (MACÊDO, 1997, p. 4).
Alameda	José Carlos de Figueiredo		LHeb ² + Lat ³ + LP	Antropotopônimo	Composto	JOSÉ: "hebr. Iosseph, Iehussef: 'Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho)'" (GUÉRIOS, 1981, p. 152). CARLOS: "do nom. lat. <i>Cārolus</i> " (GUÉRIOS, 1981, p. 86). FIGUEIREDO: "sobr. port. top.: 'figueiral'" (GUÉRIOS, 1981, p. 120).
Ladeira	Adelino Barreto	Dona	LFr ⁴ + LP	Antropotopônimo	Composto	ADELINO: "fr. <i>Adeline</i> " (GUÉRIOS,

¹ Língua Portuguesa.

² Língua hebraica.

³ Latim.

Fonte: Elaboração do autor.

A análise dos 170 topônimos que compõem o *corpus* deste estudo foi sistematizada segundo os seguintes parâmetros: i) análise linguística, correspondente ao preenchimento dos quadros toponímicos; ii) análise quantitativa, com representação dos resultados por meio de gráficos para contabilizar o percentual de taxonomias mais expressivas no *corpus*, os tipos de estrutura dos topônimos, a língua de origem dos designativos; iii) análise qualitativa dos dados, discutindo em que proporção os topônimos refletem aspectos sociolinguístico-culturais e históricos da cidade.

Os dados são apresentados por meio de quadros, conforme modelo apresentado no quadro 5, que comportam a análise linguística dos designativos. A análise

quantitativa dos dados será apresentada por meio de gráficos que apresentam o índice percentual de ocorrências das taxonomias observadas no *corpus*, em ordem decrescente de produtividade, visando a discutir os índices de ocorrência das taxonomias mais produtivas.

Além disso, apresentamos uma tabela com o alcance percentual dos *axiotopônimos* na toponímia ladarense com o objetivo de discutir em que proporção os axiônimos militares são recuperados pela toponímia. Também, analisamos as denominações a partir da estrutura morfológica. Dessa forma, buscamos discutir de que maneira a toponímia estudada reflete os aspectos sociolinguísticos culturais da cidade de Ladário/MS.

3.5 – Das entrevistas orais

Considerando a escassez de informações que pudessem subsidiar a análise dos topônimos, recorreremos à pesquisa de campo com moradores antigos da cidade que pudessem fornecer explicações ou novas informações acerca de possíveis causas denominativas dos topônimos da cidade de Ladário/MS.

Entende-se que as entrevistas orais podem fornecer pistas, tanto para esclarecer possíveis causas denominativas quanto ados sobre a toponímia paralela de um lugar, ou seja, da utilização de designativos tópicos não oficiais, mas que se perpetuam mediante a utilização cotidiana. Dessa forma, para subsidiar a metodologia da pesquisa de campo, consultamos o trabalho de Oliveira e Isquardo (2016), que discute resultados de entrevistas com moradores da cidade de Campo Grande/MS como uma das estratégias para identificação da motivação e das causas denominativas de topônimos urbanos.

Para o cumprimento dessa etapa, alguns critérios pautados na Sociolinguística foram adotados. Em primeiro lugar, estabelecemos entrevistar moradores de no mínimo 50 anos de idade. Outro critério estabelecido foi o da variável sexo, entrevistando-se ladarenses dos sexos feminino (F) e masculino (M). Portanto, ao todo, contabilizamos oito informantes, quatro de cada sexo, com, no mínimo, 50 anos de idade.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 25 de janeiro e 15 de fevereiro de 2023. Além disso, para registro do perfil dos informantes, foi utilizada uma ficha de dados (Apêndice I) e, para orientar a entrevista, elaboramos um roteiro com dez

perguntas com a finalidade de conduzir as conversas de maneira o mais informal possível (Apêndice II), não excluindo necessários ajustes para melhor contato com os informantes. Desta forma, para o registro dos dados foi feito uso de gravação de áudio por meio de um aparelho celular da marca *Apple*, modelo *iPhone 13* para posterior audição dos áudios e levantamento das informações. O quadro a seguir reúne os dados relativos ao perfil dos informantes entrevistados.

Quadro 6 – Perfil dos informantes

Nº INF⁴⁴	NOME	IDADE	SEXO	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
INF 1	J.M.C. ⁴⁵	72	M ⁴⁶	VIÚVO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	ESTATUTÁRIO (APOSENTADO)
INF 2	Z.R.M. R.	58	F ⁴⁷	CASADA	ENSINO MÉDIO COMPLETO	FUNCIONÁRIA PÚBLICA MUNICIPAL (APOSENTADA)
INF 3	O.L.M	89	M	CASADO	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	MECÂNICO (APOSENTADO)
INF 4	A.C.N.	84	F	VIÚVA	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	DO LAR / ARTESÃ
INF 5	N.F.S	75	M	DIVORCIADO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	PROFESSOR (APOSENTADO)
INF 6	L.C.B.S .	80	F	CASADA	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	PROFESSORA (APOSENTADA)

⁴⁴ Informante.

⁴⁵ Iniciais do nome do informante.

⁴⁶ Masculino.

⁴⁷ Feminino.

INF7	J.C.A	62	M	CASADO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	MILITAR (APOSENTADO)
INF 8	T.F.A	70	F	SOLTEIRA	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	PROFESSORA (APOSENTADA)

Fonte: Elaboração do autor.

É importante destacar que os nomes dos informantes foram preservados, registrando-se no quadro apenas as iniciais.

Apresentados os caminhos metodológicos adotados neste estudo, o capítulo a seguir foi dedicado à sistematização e análise dos dados.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.

Este capítulo está estruturado em dois tópicos gerais: i) apresentação dos dados que compõem o *corpus* de pesquisa, que reúne 170 topônimos urbanos extraídos dos mapas oficiais da cidade de Ladário/MS, que nomeiam os logradouros dos 11 bairros que integram o perímetro urbano da cidade. Os dados foram sistematizados segundo cada bairro. Os nomes dos bairros, por sua vez, figuram no primeiro quadro e foram analisados conforme os parâmetros apresentados no Capítulo III – Metodologia. Em síntese, os topônimos que compõem o *corpus* foram analisados em termos linguísticos (estrutura do sintagma toponímico, etimologia) e no que diz respeito à motivação (classificação segundo o modelo teórico adotado), buscando considerar a relação entre topônimo, cultura e história.

4.1 – Apresentação dos dados

Como detalhado no capítulo anterior, a organização dos quadros considerou o modelo de ficha lexicográfico-toponímica proposto por Dick (2004), adequado às especificidades dos dados urbanos. Os 11 quadros relativos aos dados dos logradouros vinculados a cada bairro são precedidos por um cabeçalho contendo o nome do bairro, a data oficial de criação, quando identificada nas fontes a que se teve acesso, e o número de logradouros.

É preciso considerar que os quadros organizados a partir dos dados da ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004) e de quadros organizados por autores de outros trabalhos acadêmicos já produzidos sobre a toponímia de Mato Grosso do Sul registram a primeira etapa da análise dos dados à medida que reúne informações linguísticas e extralinguísticas relativas a cada topônimo catalogado. Seguem os quadros de 7 a 18.

Quadro 7 – Topônimos que nomeiam os bairros da cidade de Ladário/MS.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Bairro	Centro		LP ⁴⁸	Cardinotopônimo	Simples	Este topônimo nomeia o primeiro bairro da cidade de Ladário/MS. A sua fundação aconteceu por meio da fundação do próprio povoado que deu origem à cidade, cuja toponímia foi inaugurada por meio da implantação do Arsenal de Marinha. Atualmente, o <i>centro</i> de Ladário é um espaço de comércio e, principalmente, onde se desenvolve a maior parte das atividades culturais da cidade.
Bairro	Santo Antônio			Hagiotopônimo		Santo da Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo com a informante 4, o topônimo homenageia o Santo homônimo, considerando o alto percentual de moradores de profissão católica que residiam na área compreendida. É importante registrar que há uma capela dedicada ao santo no bairro, que compõe uma das comunidades da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios.

⁴⁸ Língua Portuguesa.

Bairro	Boa Esperança		LP + LP	Animotopônimo eufórico ⁴⁹		De acordo com a Lei nº 45 do Município, o bairro inicialmente de 258 lotes, divididos pela Câmara Municipal. Acredita-se que o topônimo representa a expectativa dos moradores em relação ao novo loteamento.
Bairro	Almirante Tamandaré		LÁr ⁵⁰ + LT ⁵¹	Axiotopônimo	Composto	Homenagem ao militar que se dedicou ao serviço da Marinha do Brasil, em terras ladarenses (SANTOS NETO, 2022, p. 70-71). ALMIRANTE: “Patente militar. F.: Do ár. <i>al-mír</i> , 'chefe', 'príncipe', + suf. <i>-ante</i> .]” (AULETE DIGITAL, 2014). TAMANDARÉ: do Tupi “personagem da 1mitologia tupi, que corresponde ao Noé bíblico” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 107).
Bairro	Seac		LP	Acronimotopônimo ⁵²	Simples	O topônimo trata-se de um acrônimo de <i>Secretaria de Ação Comunitária</i> , conforme a informante 2.

⁴⁹ Subclassificação proposta por Isquerdo (1996) para a taxa dos *animotopônimos* de Dick (1992).

⁵⁰ Língua Árabe.

⁵¹ Língua Tupi.

⁵² Taxonomia proposta pelo Projeto ATEPAR citada por Francisquini (1998, apud SCHNEIDER, 2002, p. 27) que abriga os topônimos formados por siglas.

Bairro	Mista		LP	Sociotopônimo	Simples	_____
Bairro	Alta Floresta I		LP + LP	Dimensiotopônimo	Composto	_____
Bairro	Alta Floresta II		LP + LP	Dimensiotopônimo	Composto	_____
Bairro	Mutirão		LP	Sociotopônimo	Simples	O topônimo remete ao fato de o bairro ter sido criado a partir de ações de mutirão, ou seja, foi parte de construções de Projetos populares.
Bairro	Nova Aliança		LP + LP	Cronotopônimo	Composto	_____
Bairro	Potiguar		LP	Etnotopônimo	Simples	O topônimo refere-se ao gentílico dado a quem nasce no estado do Rio Grande do Norte.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 8 - Topônimos que nomeiam logradouros do bairro *Centro* da cidade de Ladário/MS**Bairro:** Centro.**Data de criação:** Não localizada.**Número de logradouros:** 30.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	14 de março		LP ⁵³	Historiotopônimo	Composto	Data de início de construção do Arsenal da Marinha na cidade de Corumbá, na atualidade de Ladário (MACÊDO, 1997, p. 4).
Alameda	José Carlos de Figueiredo		LHeb ⁵⁴ + Llat ⁵⁵ + LP	Antropotopônimo	Composto	JOSÉ: “hebr. Iosseph, Iehussef: ‘Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho)’ (GUÉRIOS, 1981, p. 152). CARLOS: “do nom. lat. Cárolus” (GUÉRIOS, 1981, p. 86). FIGUEIREDO: “sobr. port. top.: ‘figueiral’” (GUÉRIOS, 1981, p. 120).

⁵³ Língua Portuguesa.⁵⁴ Língua hebraica.⁵⁵ Língua Latina.

Ladeira	Adelino Barreto Neves	Dona Filomena	LFr ⁵⁶ + LP	Antropotopônimo	Composto	ADELINO: “fr. Adeline” (GUÉRIOS, 1981, p. 48). BARRETO: “sobr. port. top.” (GUÉRIOS, 1981, p. 69). NEVES: “sobr. port. de origem cristã; da invocação Nossa Senhora das Neves” (GUÉRIOS, 1981, p. 186).
Praça	Irmã Régula		Llat	Axiotopônimo	Composto	Religiosa pertencente à Ordem das Irmãs Franciscanas de Bonlanden que teve uma importante participação na área da educação da cidade, atuando como professora e diretora do Colégio São Miguel e da Escola Municipal João Baptista (SANTOS NETO, 2022, p. 53). IRMÃ: “Do lat. <i>germana</i>” (AULETE DIGITAL, 2014).
Praça	Gastão Brasil		LFr + LP	Antropotopônimo	Composto	GASTÃO: “do fr. Gaston” (GUÉRIOS, 1981, p. 129).
Praça	Tenente Maximiano José dos Santos		Llat + LHeb + LP	Axiotopônimo	Composto	Militar que dedicou grande parte de sua vida ao serviço no 6º Distrito Naval, em Ladário (SANTOS NETO, 2022, p. 47).

⁵⁶ Língua Francesa.

						TENENTE: “Patente militar acima de sargento e abaixo de capitão. [F.: Do lat. <i>tenens</i>, <i>entis</i>, pelo fr. (<i>lieu</i>)<i>tenant</i>.]” (AULETE DIGITAL, 2014). MAXIMIANO: “lat. Maximianus” (GUÉRIOS, 1981, p. 173). SANTOS: “sobr. port. de origem cristã, abrev. de Todos os Santos” (GUÉRIOS, 1981, p. 221).
Praça	Mane Antônio Assad		LÁr + Llat + LÁr	Antropotopônimo	Composto	Tabelião de muita fama na cidade, além de fundador do Ladário Atlético Club e do SSCH (Seleta sociedade comunitária e caritativa) (SANTOS NETO, 2022, p. 46). NAME: “Ár.: ‘dom. graça (de Deus)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 183). ANTÔNIO: “lat. Antonius” (GUÉRIOS, 1981, p. 59). ASSAD: “Ár.: ‘mais feliz’” (GUÉRIOS, 1981, p. 64).
Praça	2 de Setembro		LP	Historiotopônimo	Simples	Homenagem à data de fundação da cidade de Ladário: 02 de setembro de 1778 (MACÊDO, 1997, p. 3).

Praça	Irineu de Souza		LGr ⁵⁷ + LP	Antropotopônimo	Composto	Homenagem a Irineu de Souza, que se estabeleceu na cidade para prestar serviços ao Exército Brasileiro (SANTOS NETO, 2022, p. 54-55). IRINEU: “gr. Eirenaios : ‘pacífico’” (GUÉRIOS, 1981, p. 147). SOUZA: “sobr. port. top.” “var.: Sousa” (GUÉRIOS, 1981, p. 229).
Rua	Izadir Gonçalves	Porto, do.	N/E ⁵⁸ + LP	Antropotopônimo	Composto	O topônimo original foi alterado para o nome atual pela Lei Municipal nº 583, de 06 de outubro de 1995, pelo então prefeito Silvio Maciel da Cruz. GONÇALVES: “sobr. port., em vez de Gonçalves ” (GUÉRIOS, 1981, p. 133).
Rua	José Silvestre		LHeb + Llat	Antropotopônimo	Composto	SILVESTRE: “lat. Silvester : ‘(nascido) no mato, silvestre, selvático’” (GUÉRIOS, 1981, p. 227).
Rua	Fernandes Vieira		LP	Antropotopônimo	Composto	Esse topônimo representa uma homenagem a Francisco de Ornellas, conhecido por Fernandes Vieira, um militar de atuação na cidade (SANTOS NETO, 2022, p. 69-70).

⁵⁷ Língua Grega.

⁵⁸ Não encontrada.

						FERNANDES: “sobr. port., em vez de Fernández” (GUÉRIOS, 1981, p. 119). VIEIRA: “sobr. port. top. (Minho)” (GUÉRIOS, 1981, p. 247).
Rua	Almirante Tamandaré		LÁr + LT	Axiotopônimo	Composto	Homenagem ao militar que se dedicou ao serviço da Marinha do Brasil, em terras ladarenses (SANTOS NETO, 2022, p. 70-71). ALMIRANTE: “Patente militar. F.: Do ár. <i>al-mír</i>, 'chefe', 'príncipe', + suf. <i>-ante</i>.]” (AULETE DIGITAL, 2014). TAMANDARÉ: do Tupi “personagem da mitologia tupi, que corresponde ao Noé bíblico” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 107).
Rua	Cunha Couto		LP	Antropotopônimo	Composto	Homenagem ao Capitão de Fragata Manuel Ricardo da Cunha Couto, responsável pela edificação do Arsenal da Marinha, em 14 de março de 1873 (SANTOS NETO, 2022, p. 71). CUNHA: “sobr. top. port. e esp” (GUÉRIOS, 1981, p. 98). COUTO: “sobr. port. top.: ‘terra coutada, defesa, privilegiada’ (GUÉRIOS, 1981, p.

						97).
Rua	Comandante Souza Lobo		LFr + LP	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o comandante militar Raymundo José Souza Lobo, militar que exerceu forte influência religiosa na cidade ao doar, à comunidade Católica, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Ladário (SANTOS NETO, 2022, p. 71-72). COMANDANTE: “Oficial que exerce o comando de um navio mercante ou de guerra. [F.: Do fr. <i>commandant</i>.]” (AULETE DIGITAL, 2014). LOBO: “sobr. port., primit. alcunha” (GUÉRIOS, 1981, p. 163).
Rua	Marcílio Dias		Llat + LP	Antropotopônimo	Composto	Militar de grande destaque por seus feitos na Batalha Naval do Riachuelo, tendo falecido por ferimento causado durante sua atuação na Guerra da Tríplice Aliança (SANTOS NETO, 2022, p. 72-73). MARCÍLIO: “lat. Marcilius, dim. de Márcio” (GUÉRIOS, 1981, p. 170). DIAS: “sobr. port.” (GUÉRIOS, 1981, p. 102).
Rua	Almirante		LFr + LP	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o militar,

	Barroso					Francisco Manuel Barroso da Silva, também conhecido por Barão do Amazonas, que foi comandante da força naval na Batalha do Riachuelo (https://www.marinha.mil.br/dphdm/historia/almirante-barroso. Acesso em: 25 de set de 2022). ALMIRANTE: “Patente militar. [F.: Do ár. <i>al-mír</i>, 'chefe', 'príncipe', + suf. <i>-ante</i>.]” (AULETE DIGITAL, 2014). BARROSO: “sobr. port. [...] ‘lugar onde há muito barro’” (GUÉRIOS, 1981, p. 69).
Rua	Almirante Frontin		LFr + LFr	Axiotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o Almirante Pedro Max Fernando de Frontin, que foi chefe da divisão naval durante a Primeira Guerra Mundial (https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Max_Fernando_Frontin. Acesso em: 25 de set de 2022). FRONTIN: “sobr. fr., deriv. de front: “que tem testa larga (Dauzat)” (GUÉRIOS, 1981, p. 125).
Rua	13 de maio		LP	Historiotopônimo	Composto	Provável referência à data da Abolição da Escravatura no Brasil: 13 de maio de 1888.

Rua	Pedro de Medeiros (Transversal ⁵⁹)		LHeb + LP	Artistopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o poeta corumbaense Pedro de Medeiros, que se dedicou aretratar a cultura corumbaense por meio de crônicas e poesias, sendo influenciador do poeta brasileiro Manoel de Barros (MORO <i>et al.</i>, 2016, 52-53). PEDRO: “port. arc. Pero” (GUÉRIOS, 1981, p. 199). MEDEIROS: “sobr. top.: ‘lugares onde há medas (ou montões de feixes de trigo, palha, etc.)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 174).
Rua	Afonso Pena (Transversal)		LAlem ⁶⁰ + LP	Historiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o político Afonso Augusto Moreira Pena, que exerceu o cargo de Presidente do Brasil (1906-1909), o sexto presidente brasileiro (https://www.ebiografia.com/afonso_pena Acesso em: 06 de nov. de 2022). AFONSO: “al. Alfons, deriv. de * Adalfuns: ‘nobre (adal) e diligente, atencioso (funs)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 49). PENA: “sobr. 1º) port. top.; 2º) provençal

⁵⁹ Adotamos a definição de topônimos transversais de Amorim (2017, p. 211), ou seja, “aqueles que nomeiam logradouros pertencentes a mais de um bairro e/ou parcelamento”.

⁶⁰ Língua Alemã.

						top. O mesmo que Penha ” (GUÉRIOS, 1981, p. 199).
Rua	Corumbá (Transversal)		LT	Corotopônimo	Simples	O topônimo homenageia o perímetro municipal em que se situa a cidade de Ladário. A fundação das duas localidades ocorreu durante o mesmo período, por ordem de Luís de Albuquerque (LEITE, 1978, p. 24). CORUMBÁ: “banco de cascalho” (SAMPAIO, 1928, p. 191).
Rua	Rui Barbosa (Transversal)		LP	Historiotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o político brasileiro Rui Barbosa que, além de se dedicar à política foi membro da Academia Brasileira de Letras e, inclusive, seu presidente (1908-1919) (https://www.ebiografia.com/rui_barbosa/. Acesso em: 20 de out. de 2022). RUI: “port. arc. Ruy, Roy, hip. de Rodrigo” (GUÉRIOS, 1981, p. 216). BARBOSA: “sobr. port. top.: ‘lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (plantas)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 68).
Rua	Saldanha da		LE ⁶¹ + LP	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o militar que foi

⁶¹ Língua Espanhola.

	Gama (Transversal)					Almirante da Marinha do Brasil, participando, inclusive, da Guerra do Paraguai (https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Filipe_de_Saldanha_da_Gama. Acesso em 13 de out. de 2022). SALDANHA: “sobr. port. top” (GUÉRIOS, 1981, p. 220). GAMA: “sobr. port., primit.. alcunha: ‘fêmea do gamo’” (GUÉRIOS, 1981, p. 128).
Rua	Dom Pedro II (Transversal)		LP + Lheb	Historiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o monarca que foi o segundo Imperador do Brasil.
Rua	Conde de Azambuja (Transversal)		Llat + LP	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia Antônio Rolim de Moura Tavares, que foi nomeado o primeiro governador da Província de Mato Grosso, em 1749. Em sua gestão, combateu a presença dos missionários espanhóis e iniciou o processo de tomada de terra para Portugal. Foi ele que deu início à cultura de açúcar com finalidade de comercialização e industrialização, além de ser nomeado “vice-rei” do Brasil,

						renunciando ao cargo dois anos após assumi-lo (SANTOS NETO, 2022, p. 74). CONDE: “Título de nobreza, imediatamente superior ao de visconde e inferior ao de marquês. [F.: Do lat. <i>comite(m)</i> 'companheiro]” (AULETE DIGITAL, 2014). AZAMBUJA: “sobr. port. top.” (GUÉRIOS, 1981, p. 66).
Rua	Riachuelo (Transversal)		LP	Historiotopônimo	Simples	O topônimo faz memória à Batalha do Riachuelo, ocorrida em 11 de junho de 1865, acontecida durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Disponível em: https://www.marinha.mil.br/batalha-naval-do-riachuelo. Acesso em: 22 de fev. de 2023.
Travessa	Nossa Senhora dos Remédios		LP	Hierotopônimo	Composto	Padroeira da Cidade de Ladário. Há uma igreja dedicada à sua devoção, que constitui a igreja Matriz Paroquial. A sua imagem foi doada pelo Comandante Souza Lobo, sendo transladada do pórtico da Marinha à igreja dedicada a seu culto em 07 de janeiro de 1893.

Travessa	São Miguel		LP + LHbe	Hagiotopônimo	Composto	Santo da Igreja Católica. Há na cidade um colégio de mesmo nome, sob direção das irmãs Franciscanas de Bonlanden. O colégio é tradicional na cidade e também um marco histórico. MIGUEL: “hebr.: ‘quem (mikha) é como Deus (El)’?” (GUÉRIOS, 1981, p. 177).
Travessa	Dona Bidinga		LP	Axiotopônimo	Composto	Homenagem à Alayde Bezerra da Silva, cidadã dedicada às causas sociais da cidade (Lei nº 533, de 12 de maio de 1993).

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 9 - Topônimos que nomeiam logradouros do bairro *Santo Antônio* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Santo Antônio.**Data de criação:** 20/03/1963.**Número de logradouros:** 14.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Getúlio Vargas		Llat + LP	Historiotopônimo	Composta	Homenagem ao presidente do Brasil e primeiro ditador do país. GETÚLIO: “lat. Gaetullus ” (GUÉRIOS, 1981, p. 131). VARGAS: “sobr. port. top” (GUÉRIOS, 1981, p. 245).
Rua	Fernando Corrêa da Costa		LE + LP	Antropotopônimo	Composto	O designativo homenageia o político que foi governador de Mato Grosso por dois mandatos (https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Correia_da_Costa Acesso em 28 de set. de 2022). FERNANDO: “esp. ant. *Fredenando ” (GUÉRIOS, 1981, p. 119).

						CORRÊA: “sobr. port. top.: ‘lugar onde há carriolas, corrijolas e correias (plantas)” (GUÉRIOS, 1981, p. 96). COSTA: “sobr. port. top.,” (GUÉRIOS, 1981, p. 96).
Rua	Nossa Senhora dos Navegantes		LP	Hierotopônimo	Composto	O topônimo remete a um título eclesial da Virgem Maria.
Rua	Juscelino Kubistchek		LIt ⁶² + N/E	Historiotopônimo	Composto	O topônimo faz homenagem a Juscelino Kubistchek de Oliveira, que ficou conhecido por JK, e foi presidente do Brasil (1956 a 1961), tendo fundado Brasília, a nova capital do país (https://www.ebiografia.com/juscelino_kubitschek/. Acesso em 2 de out. de 2022). JUSCELINO: “do it. Gioscellino, fez-se Juscelino” (GUÉRIOS, 1981, p. 152).
Rua	Doutor João		LP + LHeb	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o político

⁶² Língua Italiana.

	Goulart		+ LFr			João Belchior Marques Goulart, que exerceu a presidência do Brasil (1961 a 1964), sendo deposto pelo golpe militar, também vice-presidente, na chapa de Juscelino Kubstchek (https://www.ebiografia.com/joao_goulart/ . Acesso em: 9 de out. de 2022). JOÃO: “hebr. Iehohanan, Iohanan: Javé (Ieho) é (cheio) de graça (hanan)” (GUÉRIOS, 1981, p. 151). GOULART: “sobr. fr.: ‘guloso, comilão’” (GUÉRIOS, 1981, p. 134).
Rua	Doutor João Ponce de Arruda		LP + LHeb + LE + LP	Axiotopônimo	Composto	O designativo homenageia o político João Ponce de Arruda, engenheiro civil, que foi governador de Mato Grosso (https://www18.fgv.br/CPDOC/acer vo/dicionarios/verbete-biografico/arruda-joao-ponce-de . Acesso em: 05 de nov. de 2022). PONCE: “esp.” (GUÉRIOS, 1981, p. 204).

						ARRUDA: “sobr. port. top.: ‘lugar onde há arruda (planta)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 63).
Rua	Wilson Fadul		LIng ⁶³ + LÁr	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o ex-militar da aeronáutica, que foi designado para servir em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, e ex-ministro da saúde, durante o governo do então presidente João Goulart (1961-1964) (https://www18.fgv.br/CPDOC/acer vo/dicionarios/verbete-biografico/fadul-wilson. Acesso em: 11 de nov. de 2022). WILSON: “sobr. ingl.: ‘filho (son) de Will’” (GUÉRIOS, 1981, p. 252).
Rua	Salgado Filho		LP + Llat	Antropotopônimo	Composto	O topônimo faz homenagem a Joaquim Pedro Salgado Filho, político que exerceu o cargo de Ministro do Trabalho e se destacou na regulamentação do trabalho feminino (1932) (https://www18.fgv.br/CPDOC/acer vo/dicionarios/verbete-

⁶³ Língua Inglesa.

						biografico/salgado-filho-joaquim-pedro. Acesso em 05 de nov. de 2022). SALGADO: “sobr. port., primit. alcunha: ‘indivíduo gracioso, de que se diz que tem sal ou chiste” (GUÉRIOS, 1981, p. 220). FILHO: “sobr., que, para distinção, usa o indivíduo de n. igual ao do pai” (GUÉRIOS, 1981, p. 121).
Rua	Jerônimo Gonçalves		LGr + LP	Antropotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o militar Jerônimo Francisco Gonçalves, que foi comandante do I Distrito Naval da Marinha, em 1946 (https://www18.fgv.br/CPDOC/acer vo/dicionarios/verbete-biografico/goncalves-jeronimo-francisco. Aceso em: 05 de nov. de 2022). JERÔNIMO: “gr. Hierónymos: ‘(que tem) nome (ónymos) sagrado (hierós)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 151).
Rua	Dom Aquino Correia		LP + Llat + LP	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o religioso Francisco de Aquino Correia, que foi bispo da diocese de Cuiabá, no

						estado de Mato Grosso, em 1915. Além disso, o homenageado foi membro da 34 cadeira da Academia Brasileira de Letras (https://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia. Acesso em 05 de nov. de 2022). AQUINO: “sobr. de origem religiosa, de Santo Tomás, natural de Aquino, (lat. Aquinum), cidade da Itália” (GUÉRIOS, 1981, p. 59).
Rua	Alan Kardec		LIng + LGr	Historiotopônimo	Composto	O topônimo faz homenagem a Alan Kardec, importante divulgador da doutrina espírita. Foi escritor de uma obra importante à religião espírita intitulado <i>O Livro dos Espíritos</i>, em 1957 (https://www.ebiografia.com/allan_kardec/. Acesso em 05 de nov. de 2022). ALAN: “Ingl. Allan, Alan” (GUÉRIOS, 1981, p. 50).
Rua	24 de agosto		Llat	Historiotopônimo	Composto	_____

Rua	Jarbas Piratí Manso		LFen ⁶⁴ + LT + LP	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o responsável pela edificação e primeiro dono do Cinema de Ladário, localizado na avenida 14 de março, que hoje esta desativado. (cf. INF. 6) JARBAS: “fen.: ‘(feito) nobre (hiar) por Baal” (GUÉRIOS, 1981, p. 150). PIRATI: “o peixe branco ou prateado” (SAMPAIO, 1928, p. 292). MANSO: “sobr. port., primit.. alcunha” (GUÉRIOS, 1981, p. 170).
Rua	Ary Coelho		LFr + LP	Antropotopônimo	Composto	O designativo homenageia o político Sul-mato-grossense, que exerceu o cargo de prefeito de Campo Grande/MS (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ari_Coelho_de_Oliveira. Acesso em: 06 de nov. de 2022). ARY: “em fr. Ary, var. de Henri” (GUÉRIOS, 1981, p. 61).

⁶⁴ Língua Fenícia.

						COELHO: “sobr. port. primit.. alcunha” (GUÉRIOS, 1981, p. 94).
--	--	--	--	--	--	---

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 10 – Topônimos que nomeiam logradouros do bairro *Boa Esperança* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Boa Esperança.**Data de criação:** 22/01/1963.**Número de logradouros:** 13.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Avenida	Contorno		LP	Morfotopônimo	Simples	_____
Rua	Castro Alves		LP	Artistopônimo	Composto	Poeta brasileiro pertencente ao Romantismo. CASTRO: “sobr. port.” (GUÉRIOS, 1981, p. 88). ALVES: “sobr. port., abrev. do patron. Alvares ” (GUÉRIOS, 1981, p. 54).
Rua	Tiradentes		LP	Historiotopônimo	Simples	Grande atuante no movimento da Inconfidência mineira do Brasil.
Rua	Antônio José Assad		LP + LHeb + LÁr	Antropotopônimo	Composto	_____

Rua	Pio XII		Llat	Hierotopônimo	Composto	Papa da Igreja Católica Apostólica Romana.
Rua	Olavo Bilac		LAnglo-sax ⁶⁵ + LFr	Artistopônimo	Composto	Poeta brasileiro, pertencente ao Parnasianismo. OLAVO: “anglo-sax. Oslaf : ‘descendente, filho (laf) dos deuses Asen ” (GUÉRIOS, 1981, p. 190). BILAC: “sobr. do poeta bras. Olavo Bilac” (GUÉRIOS, 1981, p. 73).
Rua	17 de março		LP	Historiotopônimo	Composto	Data de emancipação política da cidade de Ladário/MS.
Rua	Fuzileiro Valter Negrete		LP + LAlem + LP	Axiotopônimo	Composto	_____
Rua	Fuzileiro Edson Ayala		LP + LIng + LE	Axiotopônimo	Composto	EDSON: “ingl. [...] ‘filho (son) de Eddy ” (GUÉRIOS, 1981, p. 107). AYALA: “sobr. esp.” (GUÉRIOS, 1981, p. 66).
Travessa	Padre José de Anchieta		LE + LHeb +	Axiotopônimo	Composto	Padre jesuíta, da Companhia de Jesus, que se destacou também na literatura

⁶⁵ Língua Anglo-saxônica.

			LE			colonial brasileira. ANCHIETA: “do esp.. de origem top. basca, plural de antxia , ‘pantanais’” (GUÉRIOS, 1981, p. 57).
Travessa	São José		LHeb	Hagiotopônimo	Composto	Santo da Igreja Católica. Pai adotivo de Jesus.
Travessa	Marechal Deodoro		LP + LGr	Historiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o militar Manuel Deodoro da Fonseca, que foi o militar que proclamou a república do Brasil e assumiu o cargo de ser o primeiro presidente Brasileiro (https://www.ebiografia.com/deodoro_fonseca/ . Acesso em: 06 de nov. de 2022). MARECHAL: “Patente militar, a mais alta do Exército. [F.: Do fr. <i>maréchal</i> .]” (AULETE DIGITAL, 2014). DEODORO: “gr. Diódoros : ‘presente (doros) de Zeus (Deo)” (GUÉRIOS, 1981, p. 101).
Travessa	Princesa Isabel		LP + LP	Historiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon, filha de Dom Pedro II, que foi monarca brasileiro, a qual ficou

						conhecida por assinar a Lei Aurea, de abolição da escravatura, em 1888 (https://www.ebiografia.com/princesa_isabel/. Acesso em: 06 de nov. de 2022). ISABEL: “f. port-esp de Elisabete. Do Afr. Ysabel.” (GUÉRIOS, 1981, p. 147).
--	--	--	--	--	--	---

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 11 – Topônimos que nomeiam logradouros do bairro *Almirante Tamandaré* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Almirante Tamandaré.**Data de fundação:** não registrada.**Número de logradouros:** 22.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações linguísticas e/ou enciclopédicas
Alameda	13		LP	Numerotopônimo	Simples	_____
Alameda	Tamandaré		LT	Mitotopônimo	Simples	Personalidade da Mitologia Tupi (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 107).
Alameda	Arrelus Reclus de Santana		Llat + Llat + LP	Antropotopônimo	Composto	SANTANA: “Sobr. port. de origem religiosa: Sant’Ana, mãe de Maria santíssima” (GUÉRIOS, 1981, p. 221).
Rua	Sargento Aduil	Projetada nº 3	LP	Axiotopônimo	Composto	O Topônimo constitui uma homenagem póstuma ao Sargento da Polícia Militar Aduil da Silva, que foi assassinado durante um plantão policial, em um posto de fiscalização da cidade, em 12 de Dezembro de 1984 (Lei nº 543 de 16 de junho de 1993).

Rua	Vereador Demétrio Urt	Projetada nº 1	LP + Llat + LP	Axiotopônimo	Composto	Demétrio Urt foi vereador da cidade de Ladário, de grande dedicação e destaque na Câmara dos Vereadores (Lei nº 539, de 06 de agosto de 1993). DEMÉTRIO: “ Demetrius : ‘(pertencente à deusa)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 101).
Rua	Professor Alberto de Castro	Projetada nº 8	LP + LFr+ LP	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o professor Alberto de Castro, que exerceu o magistério em escolas municipais de Ladário/MS e, também, dedicou-se à carreira de jornalista, e à Literatura retratando a cultura e memória ladarense (Lei nº 542, de 06 de agosto de 1993). ALBERTO: Var. fr. de “Adalberto” (GUÉRIOS, 1981, p. 51).
Rua	Name Assad		LÁr	Antropotopônimo	Composto	Tabelião de muita fama na cidade, além de fundador do Ladário Atlético Club e do SSCH (Seleta sociedade comunitária e caritativa) (SANTOS NETO, 2022, p. 46). NAME: “Ár.: ‘dom. graça (de Deus)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 183).

						ASSAD: “Ár.: ‘mais feliz’” (GUÉRIOS, 1981, p. 64).
Rua	Nicollas Scaffa		LIt + LÁr	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o político que foi prefeito de Corumbá, conforme informante 2. NICOLLAS: “f. it. de Nicolau ” (GUÉRIOS, 1981, p. 186).
Rua	João Lemos Barcelos		LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o cidadão João Lemos Barcelos, que foi um dos operários que se dedicaram à edificação do Arsenal da Marinha, em Ladário (SANTOS NETO, 2022, p. 56). LE MOS: “sobr. port. de origem galega” (GUÉRIOS, 1981, p. 160). BARCELOS: “sobr. port. top., de *barcellus ” (GUÉRIOS, 1981, p. 68).
Rua	Professor Alcides dos Santos	Projetada nº 9	LP + LGr + LP	Axiotopônimo	Composto	O topônimo homenageia o professor Alcides dos Santos, que exerceu o magistério na cidade e, também, dedicou-se à carreira de advogado (Lei nº 545, de 06 de agosto de 1993).

Rua	Vereador Gaspar Barbosa de Carvalho	Projetada nº 10	LP + LPer ⁶⁶ + LP	Axiotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o político ladarense Gaspar Barbosa de Carvalho, de grande dedicação às causas ladarenses (Lei nº 546, de 06 de agosto de 1993). GASPAR: “tesoureiro” (GUÉRIOS, 1981, p. 129). CARVALHO: “sobr. port. top. (Em Port. desde o séc. XII)” (GUÉRIOS, 1981, p. 87).
Rua	Vereador Acyl da Silva Barbosa	Projetada nº 6	LP + LGr + LP	Axiotopônimo	Composto	SILVA: “sobr. port. top. Lat. silva ” (GUÉRIOS, 1981, p. 226).
Rua	Prefeito Hélio Benzi	Projetada nº 13	LP + LGr + LP	Axiotopônimo	Composto	O designativo faz homenagem ao político Hélio Benzi, que exerceu o cargo de prefeito da cidade de Ladário, além de se dedicar à legislatura municipal e ao magistério (Lei nº 536, de 1 de julho de 1993). HÉLIO: “sol; o deus sol” (GUÉRIOS, 1981, p. 140).
Rua	Geraldo Tarzan	Projetada nº	LAlem +	Antropotopônimo	Composto	Esse topônimo constitui uma homenagem póstuma ao cidadão carnavalesco Geraldo

⁶⁶ Língua Persa.

		12	LP			Lopes Pinto, que receberá a alcunha Tarzan por ser conhecido como imitador do personagem cinematográfico (Lei nº 549, de 06 de agosto de 1993).
Rua	Nossa Senhora das Mercês	Projetada nº 5	LP + LE	Hierotopônimo	Composto	Invocação à Virgem Maria. Há, no bairro, uma igreja dedicada à Nossa Senhora das Mercês.
Rua	Soldado Lincoln		LP + LIng	Axiotopônimo	Composto	Esse topônimo constitui uma homenagem póstuma ao Soldado da Polícia Militar, Lincoln, que foi assassinado durante uma inspeção, no exercício da profissão, em um posto de fiscalização da cidade, em 12 de dezembro de 1984 (Lei nº 544, de 06 de agosto de 1993). LINCOLN: “sobr. ingl.” (GUÉRIOS, 1981, p. 162).
Rua	João Teixeira de Carvalho	Projetada nº 2	LHbe + LP + LP	Antropotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o cidadão homônimo que exerceu a política em Ladário sendo vice-prefeito da cidade (Lei nº 540, de 06 de agosto de 1993). TEIXEIRA: “sobr. port. top.: ‘lugar onde há teixos (árvore conífera)’” (GUÉRIOS, 1981, p. 235).
Rua	Frei Liberato		LE + Llat	Axiotopônimo	Composto	LIBERATO: “ liberatus : ‘libertado,

						liberto” (GUÉRIOS, 1981, p. 161).
Rua	João Muller (Transversal)		LHeb + LAlem	Antropotopônimo	Composto	MULLER: “sobr. al.: ‘moleiro” (GUÉRIOS, 1981, p. 181).
Rua	Barão de Ladário (Transversal)		LP	Axiotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia José da Costa Azevedo, que recebeu o título de Barão de Ladário Almirante e Ministro da Marinha do Brasil (LEITE, 1978, p. 36).
Rua	Marechal Rondon (Transversal)		LP	Axiotopônimo	Composto	Esse topônimo homenageia o militar Cândido Mariano da Silva, que foi Marechal do Exército e responsável pela construção de Linhas Telegráficas, em Cuiabá (https://www.ebiografia.com/marechal_rondon). Acesso em: 03 de nov. de 2022).
Rua	Mestre Leandro Alves (Transversal)		LP	Axiotopônimo	Composto	_____

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 12 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro *SEAC* da cidade de Ladário/MS**Bairro:** SEAC.**Data de criação:** não identificada.**Número de logradouros:** 16.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Rua	Antônio Francisco Alves	Projetada nº 5	LP + LIt	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Juiz de Paz Ari de Almeida Costa	Projetada nº 9	LP	Axiotopônimo	Composto	_____
Rua	Pedro Inácio da Silva	Projetada nº 3	LHeb + Llat + LP	Antropotopônimo	Composto	INÁCIO: “do lat. Egnatius , de origem pré-indo-européia, mas, por etimologia popular, relacionado a ignis , ‘fogo’” (GUÉRIOS, 1981, p. 146).
Rua	Juiz de Paz	Projetada nº 2	LP	Axiotopônimo	Composto	_____

	Leopoldino das Neves Pinto					
Rua	Joaquim José de Andrade	Projetada nº 1	LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Felopa Aurora Aranda		LIt + Llat	Antropotopônimo	Composto	ARANDA: “sobr. port.” (GUÉRIOS, 1981, p. 60).
Rua	16		LP	Numerotopônimo	Simples	_____
Rua	15		LP	Numerotopônimo	Simples	_____
Rua	Edmundo Saldanha da Mata	17	LIng + LP	Antropotopônimo	Composto	SALDANHA: “sobr. port. top. Na Esp. Saldaña ” (GUÉRIOS, 1981, p. 220). MATA: “sobr. port. to. var. Matos ” (GUÉRIOS, 1981, p. 173).
Rua	Frederico Aranda	Projetada nº 13	LAlem + LP	Antropotopônimo	Composto	FREDERICO: “Frienderich” (GUÉRIOS, 1981, p. 124).
Rua	2 de setembro		LP	Historiotopônimo	Composto	Data de fundação da

						cidade de Ladário/MS, em 1778 (MACÊDO, 1997, p. 3).
Rua	Inocência da Silva	Projetada nº 12	LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Soldado José Pereira da Silva	Projetada nº 11	LP + LHeb + LP	Axiotopônimo	Composto	_____
Rua	Sofia Salomão Assad	Projetada nº 10	LGr + LHeb + LÁr	Antropotopônimo	Composto	O topônimo homenageia a personalidade que, segundo a informante 8 foi a primeira parteira de Ladário. SOFIA: “sapiência, ciência, sabedoria” (GUÉRIOS, 1981, p. 228). SALOMÃO: “pacífico” (GUÉRIOS, 1981, p. 220).
Rua	Emília Alves de Arruda	Projetada nº 14	Llat + LP	Antropotopônimo	Composto	EMÍLIA: “êmulo, rival, zeloso, diligente, solícito” (GUÉRIOS, 1981, p. 110).

Rua	Pedro Felicidade (Transversal)		LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 13 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro *Mista* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Mista.**Data de criação:** não identificada.**Número de logradouros:** 7.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Alameda	1		LP	Numerotopônimo	Simples	_____
Alameda	2		LP	Numerotopônimo	Simples	_____
Alameda	3		LP	Numerotopônimo	Simples	_____
Rua	Boiadeiros, dos.	Projetada A	LP	Sociotopônimo	Simples	“Guardador ou condutor de boi” (AULETE, 2014).
Rua	Tibúrcio Jacinto de Oliveira	Projetada nº 6	Llat + LE + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	José Ambrósio	Projetada nº 7	LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____

Rua	José Henrique Assad	16	LHeb + LFr + LÁr	Antropotopônimo	Composto	_____
-----	---------------------	----	------------------	-----------------	----------	-------

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 14 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro *Alta Floresta I* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Alta Floresta I.**Data de criação:** 04/01/2000.**Número de logradouros:** 17.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Rua	Mamona		Quimb. ⁶⁷	Fitotopônimo	Simples	“Arbusto da fam. das euforbiáceas (<i>Ricinus communis</i>), nativo da África ao Oriente Médio e cultivado desde a Antiguidade pelas propriedades terapêuticas de suas folhas e sementes” (AULETE, 2014).
Rua	Guatambú		LT	Fitotopônimo	Simples	“É a madeira também conhecida por piquiá” (SAMPAIO, 1928, p. 211).
Rua	Aroeira		LÁr	Fitotopônimo	Simples	Árvore da fam. das anacardiáceas (<i>Schinus molle</i>), de madeira dura, cuja

⁶⁷ Quimbundo.

						casca tem propriedades medicinais (AULETE, 2014).
Rua	Cambarú		Não encontrada	Fitotopônimo	Simples	_____
Rua	Castelo		Llat	Ecotopônimo	Simples	“Residência real ou senhorial, fortificada com altas muralhas e torres, ou protegida por fosso, pontes levadiças, etc.” (AULETE, 2014).
Rua	Carandá		LT	Fitotopônimo	Simples	“Escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Copernicia cerifera</i> ” (SAMPAIO, 1928, p. 182).
Rua	Cambará		LT	Fitotopônimo	Simples	“A planta de folhas de várias cores” (SAMPAIO, 1928, p. 177).
Rua	Tarumã		LT	Fitotopônimo	Simples	“Árvore (<i>Vitex orinocensis</i>) da fam. das verbenáceas, comum em áreas florestais (esp. às margens de rios); por isso sua madeira é us. em

						estruturas em lugares úmidos.” (AULETE, 2014).
Rua	Acurí		LT	Fitotopônimo	Simples	“Uma esp. de coqueiro da Região Centro-Oeste” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 17).
Rua	Ipê		LT	Fitotopônimo	Simples	“Nome de várias plantas da família das bignoniáceas e leguminosas; desta última há diversas variedades: o de flores amarelas, o de flores roxas e o ipê cascudo” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 174).
Rua	Angico		LT	Fitotopônimo	Simples	“De anjyca, esp. de acácia brasileira” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19).
Rua	Eucalpto ⁶⁸ (Transversal)		LGr	Fitotopônimo	Simples	“Designativo de arbustos e árvores de grande porte, do gên. <i>Eucalyptus</i> , da fam. das mirtáceas, [...] madeira amarelada ou avermelhada, muito cultivados para reflorestamento e produção de lenha, celulose e óleo

⁶⁸ As ruas transversais são encontradas no Bairro *Alta Floresta II*.

						aromático” (AULETE, 2014).
Rua	Cedro (Transversal)		LP	Fitotopônimo	Simples	“Espécie de planta originária do Brasil, o cedro atinge grande altura, 20 a 30 m, e 80 cm a 3 m de diâmetro. Madeira de lei de alta reputação, aproveitada para trabalhos de marcenaria” (CAZAROTTO, 2010, p. 206).
Rua	Peroba (Transversal)		LT	Fitotopônimo	Simples	“A casca amargosa” (SAMPAIO, 1928, p. 226).
Rua	Cerejeira (Transversal)		Llat	Fitotopônimo	Simples	“Árvore de origem asiática, da família das rosáceas (<i>Prunus avium</i>), que dá a cereja e cuja madeira ainda é empregada em marcenaria.” (AULETE, 2014).
Rua	Angelim (Transversal)		LT	Fitotopônimo	Simples	“Espécie de árvore com altura de 4 a 6 m, dotada de copa mais ou menos globosa, com ramos novos grossos e fomentosos” (CAZAROTTO, 2010, p. 159-160).

Rua	Mandobi (Transversal)		LT	Fitotopônimo	Simples	“Estojo, ou rolo ponteagudo” (SAMPAIO, 1928, p. 259).
-----	--------------------------	--	----	--------------	---------	--

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 15 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro *Alta Floresta II* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Alta Floresta II.**Data de criação:** não identificada.**Número de logradouros:** 13⁶⁹.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Alameda	1		LP	Numerotopônimo	Simples	
Alameda	2		LP	Numerotopônimo	Simples	
Rua	Goiabeira		LP	Fitotopônimo	Simples	“Árvore da fam. das mirtáceas (<i>Psidium guajava</i>), originária da América tropical, e cujo fruto, a goiaba” (AULETE, 2014).
Rua	Acerola		LÁr	Fitotopônimo	Simples	“Arbusto da fam. das malpighiáceas (<i>Malpighia emarginata</i>), que produz frutos de cor avermelhada, ricos em

⁶⁹ Consideramos nesse quantitativo as ruas transversais encontradas no quadro anterior “Bairro Alta Floresta I”.

						vitamina C” (AULETE, 2014).
Rua	Pau Brasil		LT	Fitotopônimo	Simples	“É uma espécie arbórea nativa do Brasil, considerada árvore símbolo nacional. Possui grande importância econômica e cultural, com histórico de mais de 500 anos de exploração. Seu nome científico é <i>Caesalpinia echinata</i> (AULETE, 2014).
Rua	Amora		LP	Fitotopônimo	Simples	“Fruto da amoreira” (AULETE, 2014).
Rua	Acaiá		LT	Fitotopônimo	Simples	“O fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço” (SAMPAIO, 1928, p. 148).

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 16 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro *Mutirão* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Mutirão.**Data de criação:** não identificada.**Número de logradouros:** 4.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações enciclopédicas
Rua	Mirtes Urt	A	LGr + LP	Antropotopônimo	Composto	MIRTES: “o mesmo que Mirta ” (GUÉRIOS, 1981, p. 178).
Rua	Elbio Marinho Martinez	B	LGr + Llat + LP.	Antropotopônimo	Composto	MARINHO: “do mar, marinho, marítimo” (GUÉRIOS, 1981, p. 171). MARTINEZ: sobr. port. deriv. de Martins (cf. (GUÉRIOS, 1981, p. 173).

Rua	João Jorge Assad	C	LHeb + LP + LÁr	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Gladys Martinez Assad	D	LIng + LE + LÁr	Antropotopônimo	Composto	_____

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 17 – Topônimos que nomeiam logradouros do bairro *Nova Aliança* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Nova Aliança.**Data de criação:** Não identificada.**Número de logradouros:** 16.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações linguísticas e/ou enciclopédicas
Avenida	Vereador Iranildo Maciel		LP	Axiotopônimo	Composto	_____
Rua	Simão Ribas		LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	João Lisboa de Macêdo		LHeb + LP	Artistopônimo	Composto	O topônimo homenageia o poeta ladarense homônimo, que se dedicou a retratar a cultura ladarense em suas poesias e crônicas, bem como contribuir á perpetuação da história da cidade por meio de seus

						escritos (LIMA DOS SANTOS, 2017, p. 42).
Rua	Victor Urt		Llat + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Elias Miguel Assad		LHeb + LÁr	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Luiz Bezerra da Silva		LFr + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Manoel Francisco de Jesus		LHeb + LIt + LHeb	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Iracildo Maciel		LP + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Heitor Paulo de Oliveira		LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Mariano da Silva Carneiro		LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Ricardo Guimarães		LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	1		LP	Numerotopônimo	Simples	_____

Rua	Argemiro Joaquim de Santana		LP + LHeb + LP	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Professor Denerval Ribeiro Elias		LP	Axiotopônimo	Composto	_____
Rua	Heitor Paiva Garcia		LP + LHeb + LE	Antropotopônimo	Composto	_____
Rua	Juarez Rodrigues Alves		LE + LP	Antropotopônimo	Composto	_____

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Quadro 18 – Topônimos que nomeiam os logradouros do bairro *Potiguar* da cidade de Ladário/MS.**Bairro:** Potiguar.**Data de criação:** Não identificada.**Número de logradouros:** 7.

Elemento Geográfico	Topônimo	Nome anterior	Língua de Origem	Taxonomia	Estrutura morfológica	Informações linguísticas e/ou enciclopédicas
Alameda	Recife		LP	Corotopônimo	Simples	Cidade da Região Nordeste do Brasil, Capital do Estado de Pernambuco.
Rua	João Pessoa		LHeb + LE	Corotopônimo	Composto	Cidade da Região Nordeste do Brasil, capital do Estado da Paraíba.
Rua	Natal		LP	Corotopônimo	Simples	Cidade da Região Nordeste do Brasil, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Rua	Santa Terezinha		LP	Hagiotopônimo	Simples	Santa da Igreja Católica. Padroeira das Missões.
Rua	Fortaleza		LP	Corotopônimo	Simples	Cidade da Região Nordeste do Brasil, capital do Estado do Ceará.
Rua	Maceió		LP	Corotopônimo	Simples	Cidade da Região Nordeste do Brasil, capital do Estado de Alagoas.
Rua	Salvador		LP	Corotopônimo	Simples	Cidade da Região Nordeste do Brasil, capital do Estado da Bahia.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

4.2 – Análise dos dados da pesquisa

Este tópico reúne a análise dos dados descritos nos quadros de 07 a 18 dos pontos de vista quantitativo e qualitativo. Partimos dos nomes dos bairros da cidade, discutindo sua classificação taxonômica, a etimologia e estrutura morfológica. Além disso, analisamos também os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade, considerando a motivação toponímica, a estrutura dos designativos e a língua de origem dos designativos.

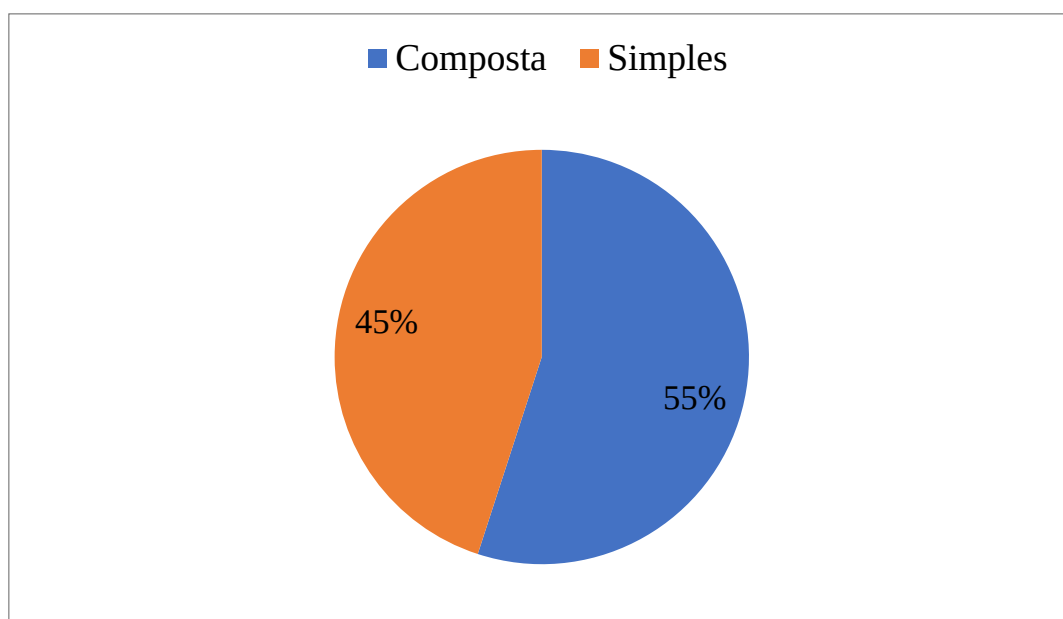
4.2.1 – Perspectiva quantitativa

4.2.1.1 – Os nomes dos bairros da cidade de Ladário/MS

Conforme os dados registrados no quadro 7 em termos de taxionomia, nota-se que os nomes dos bairros evidenciaram alto índice de ocorrências de topônimos de natureza antropocultural (73%), em detrimento dos de natureza física que contabilizam (27%) do nomes dos bairros. Nesse contexto, as taxes mais recorrentes foram os *dimensiotopônimos* (18%) – *Alta Floresta I* e *Alta Floresta II*– e os *sociotopônimos* (18%) – *Mista* e *Mutirão*.

Em termos de estrutura morfológica, os nomes compostos são relativamente mais expressivos, como atesta o gráfico 1 a seguir, o que evidencia a preferência por nomes compostos nas denominações dos bairros estudados dada a natureza dessas denominações.

Gráfico 1 – Produtividade dos topônimos que nomeiam bairros da cidade de Ladário/MS quanto à estrutura morfológica



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Em termos de língua de origem, 90% dos nomes são formados por itens lexicais provenientes de língua portuguesa, enquanto apenas 10% apresentam sua composição morfológica híbrida, elementos da língua árabe e da língua tupi (Almirante Tamandaré), fato que demonstra a influência da imigração sírio-libanesa além da difusão da língua tupi e pode apontar a incorporação de termos ao léxico português. O tópico seguinte traz os resultados da análise quantitativa dos nomes dos logradouros públicos da cidade de Ladário/MS.

4.2.1.2- Os nomes dos logradouros públicos da cidade de Ladário/MS

Como exposto anteriormente, o *corpus* deste estudo contabiliza 159⁷⁰ topônimos que nomeiam elementos geográficos de seis tipos, segundo o planejamento urbano da cidade de Ladário/MS, assim distribuídos na tabela 1.

Tabela 1 – Produtividade dos tipos de logradouros públicos da cidade de Ladário/MS

Elemento geográfico	Percentual
Rua	81, 81%
Alameda	6,49%
Travessa	4,54%
Praça	3,89%
Avenida	2,59%
Ladeira	0,64%

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

A cidade de Ladário possui uma geografia relativamente plana, o que justifica o baixo número do elemento geográfico *ladeira* no *corpus*, na nomeação das ruas que ligam o porto à parte central da cidade. Além disso, a topografia de Ladário contribui para que haja ruas de grandes extensões que por vezes ultrapassam limites dos bairros atuando como verdadeiras artérias, ligando a parte alta à baixa da cidade, de forma transversal. Essas *ruas* funcionam como os caminhos de maior movimento da cidade, permitindo o fluxo entre os bairros enquanto as *avenidas* situam-se apenas em pontos centrais ou históricos.

As *alamedas* configuram-se como vias de curta ligação e, conseqüentemente, de menor tráfego de automóveis, como as *travessas*. Já as praças se concentram em bairros

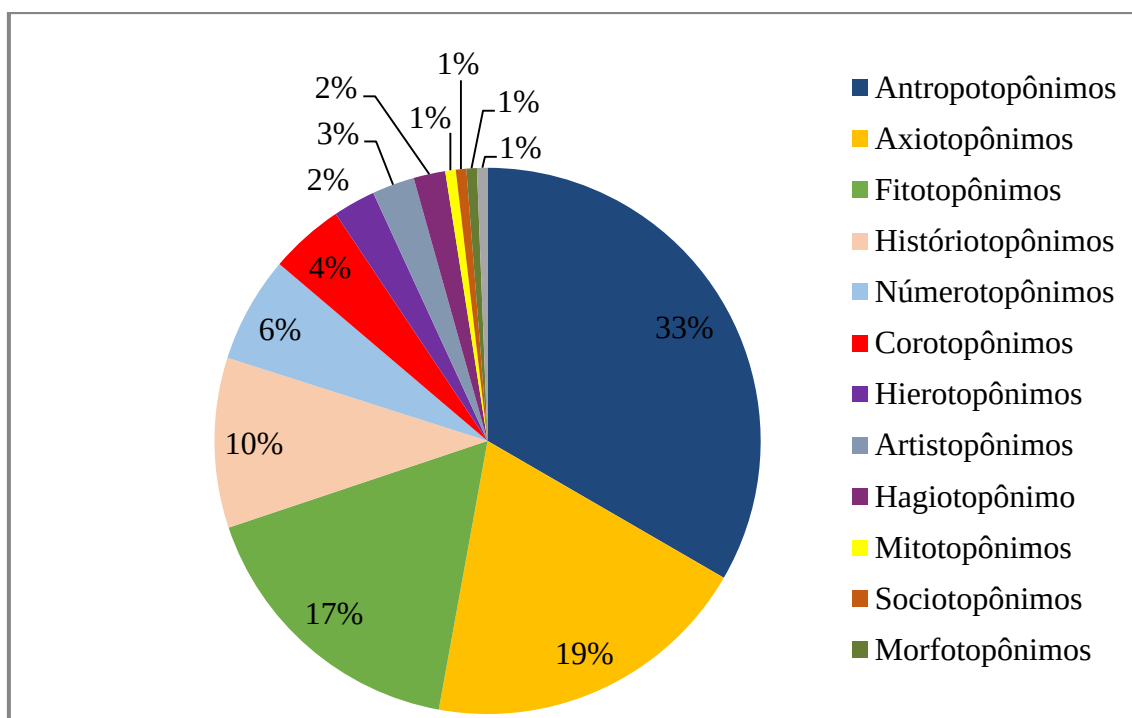
⁷⁰ Quantidade de topônimos relativos aos nomes de logradouros públicos excluindo-se os nomes dos bairros.

centrais da cidade, fato que se justifica por serem os lugares de maior movimento e acontecimentos culturais e sociointeracionais.

Com relação às taxionomias toponímicas identificadas no *corpus* de toponímia urbana estudado, não é de se estranhar o maior número de ocorrências de taxes de natureza antropocultural (72,72%) contra as de natureza física (27,27%), dados que reiteram uma tendência observada em estudos de toponímia urbana de cidades sul-mato-grossenses já realizados, como as pesquisas da toponímia urbana da capital Campo Grande/MS – Oliveira (2014): 79%; Cavalcante (2016): 79%; Amorim (2017): 80% e Neves (2019): 54% - e da toponímia da cidade de Três Lagoas/MS localizada na região Leste do Mato Grosso do Sul, divisa com o Estado de São Paulo – Bittencourt (2015): 66%.

O gráfico a seguir apresenta o percentual de ocorrências das taxonomias identificadas nos dados analisados, de natureza física e de natureza antropocultural.

Gráfico 2 – Distribuição quantitativa das taxionomias toponímicas identificadas na toponímia ladarense.



Fonte: Elaboração do autor.

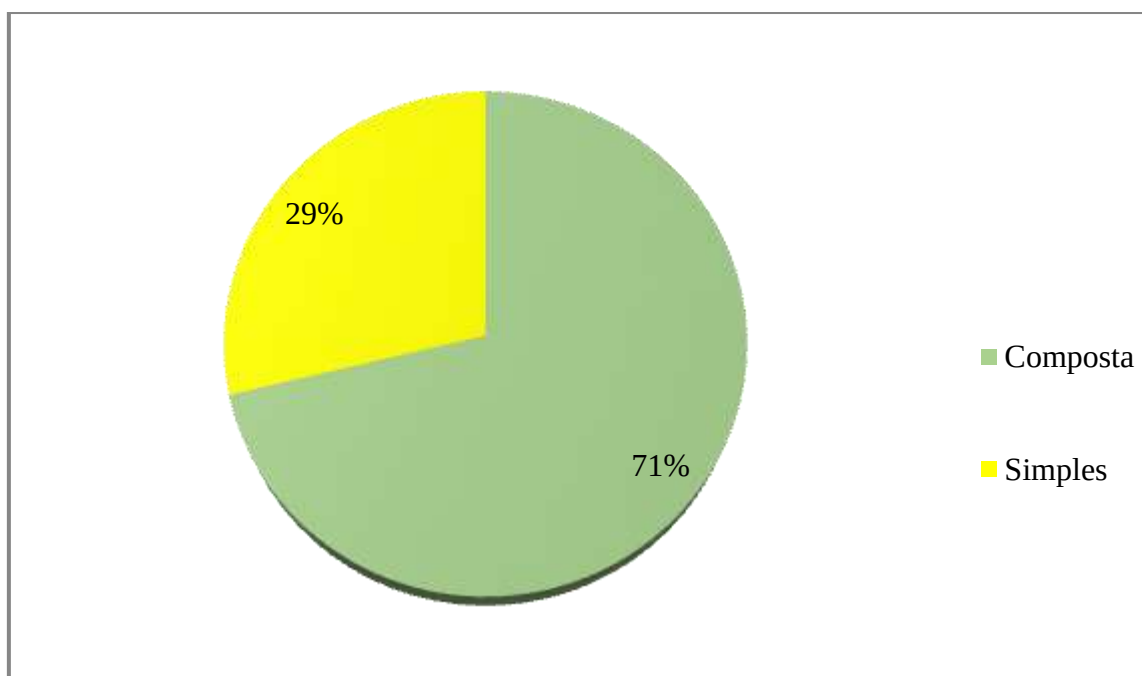
Os dados do gráfico demonstram que no conjunto toponímico analisado, as taxionomias com índices mais expressivos de produtividade foram as seguintes: *antropotopônimos*, *axiotopônimos*, *fitotopônimos* e *historiotopônimos*, o que confirma a tese

de que, na toponímia urbana, há a tendência de se homenagear pessoas que, em sua maioria, realizaram feitos importantes para a cidade, no caso, de figuras públicas que de alguma maneira influenciaram no desenvolvimento da cidade.

Os estudos de Oliveira (2014), de Bittencourt (2015), de Cavalcante (2016), de Amorim (2017) e Neves (2019) chegaram às mesmas conclusões, visto que em todos os trabalhos observou-se a tendência de nomear os logradouros com o nomes de pessoas conhecidas ou não pela sociedade, nesses estudos a taxa dos *antropotopônimos* foi a mais recorrente. Entende-se que essa atitude, em linhas gerais, representa um anseio do poder público em manter viva a memória do(a) homenageado(a), em sua maioria resultantes de imposição oficial.

Em se tratando da estrutura do termo específico do sintagma toponímico, no conjunto de 159 topônimos analisados, observa-se maior índice de ocorrência de nomes de estrutura morfológica *composta*, em detrimento de nomes de estrutura morfológica *simples*, como se observa no gráfico 3 que traz esses dados em termos percentuais.

Gráfico 3 – Distribuição quantitativa dos topônimos da cidade de Ladário/MS, segundo a estrutura morfológica.



Fonte: Elaboração do autor.

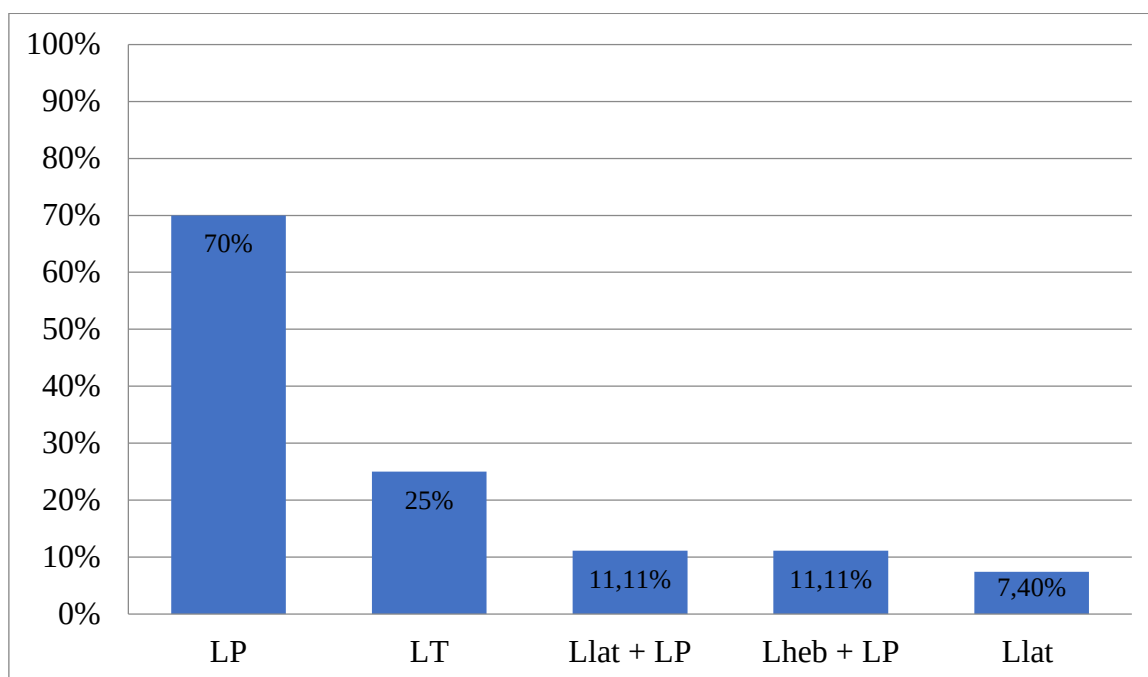
Os dados do gráfico atestam a alta frequência de topônimos de estrutura morfológica composta (ex.: *Fernando Correia da Costa*), fato que pode estar relacionado à grande

incidência de nomes próprios em função toponímica, incluindo os *axiotopônimos*. Esses nomes são compostos pela formação *nome + sobrenome*, ou seja, grande parte dos antropotopônimos configuram-se como conjuntos onomásticos completos.

Os dados demonstram que, ao nomear os logradouros públicos, o denominador tende a buscar motivações de natureza antropocultural, o que neste estudo é atestado pela alta taxa de antropônimos desempenhando a função toponímica, prevalecendo, portanto os nomes compostos.

Em termos de língua de origem, os dados confirmam tendências já observados em outros estudos toponímicos, qual seja predominância de nomes formados por itens lexicais oriundos, sobretudo, de língua portuguesa e, no caso específico de Ladário/MS, seguidos de nomes de base inglesa, espanhola, árabe, grega, latina, hebraica, dentre outras. O gráfico 3 a seguir reúne representa em termos percentuais a composição morfológica dos nomes de lugares de maior ocorrência no *corpus* em exame.

Gráfico 4 – Língua de origem dos topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS: maior ocorrência.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Os dados analisados se reportam, em sua maioria, a nomes de base de língua portuguesa, entretanto, destacamos alguns nomes *compostos híbridos* provenientes de extratos linguísticos diferentes, distribuídos segundo as taxonomias mais recorrentes no estudo: **antropotopônimos:** *José Carlos de Figueiredo* (LHeb+ Llat + LP); *Irineu de Souza* (LGr +

LP); *Name Antônio Assad* (LÁr + Llat + LÁr); **axiotopônimos**: *Comandante Souza Lobo* (LFr + LP); *Conde de Azambuja* (Llat + LP); **historiotopônimo**: *Marechal Deodoro* (LFr + LGr); *Afonso Pena* (LAlem + LP). Esses nomes exemplificam a composição híbrida em termos de topônimo.

É mister destacar que entre os **fitotopônimos**, taxonomia também produtiva neste estudo, não houve casos de compostos híbridos. A seguir é abordada a perspectiva qualitativa de análise dos topônimos.

4.2.2 – Perspectiva qualitativa

Verifica-se a partir deste estudo que a toponímia de uma área urbana cumpre duas funções, em termos gerais: 1) identificar o nome próprio de lugar cuja função primordial é a distinção de um espaço, concedendo-lhe características próprias; 2) representar fatos da cultura, atuando como fonte de perpetuação da memória de um grupo, o que explica o fato de a maior parte dos nomes de pessoas, como é comum na toponímia urbana, não excede os limites territoriais de uma cidade, o que desperta para a necessidade de pesquisas orais com moradores antigos como complementação de fontes de dados.

Nesse sentido, Casado Velarde (1991, p. 83) pondera que “o topônimo tem, em suas origens, uma significação para a comunidade, significação que o converte em instrumento útil e prático para designar uma realidade concreta”⁷¹, por isso mesmo, conforme Dick (1992, p. 19), é preciso compreender, em termos de nome próprio, que o topônimo, sendo um signo linguístico e um símbolo cultural, carrega em si uma função identificadora dotada de significação, que se revela no seio de um grupo sociolinguístico-cultural.

Não é muito considerar o topônimo um símbolo cultural, uma vez que expressa em seu significado e uso, particularidades do grupo que o utiliza, transmitindo, inclusive, fatos da história, dos mais importantes aos mais corriqueiros. Percebemos, pois, que a relação entre léxico, cultura e história na toponímia de uma cidade se manifesta de forma acentuada, visto que essas unidades lexicais atuam como *palavras-testemunhas*, representando marcas culturais e históricas da localidade.

Não é de se estranhar, pois, que aspectos de natureza antropocultural sejam mais influentes na nomeação urbana que os de natureza física. Isso dada a necessidade sentida pelo homem de preservar a sua história, seus ‘heróis’, razão pela qual a toponímia atua “como

⁷¹ No original: “[...] el topónimo tiene, en sus orígenes, una significación para la comunidad, significación que lo convierte en instrumento útil y práctico para la designación de una realidad concreta” (CASADO VELARDE, 1991, p. 83) (Tradução do autor).

formas de conservação da memória do núcleo que se faz presente nos estágios denominativos, de diversas origens e causas [...] por evoluírem de modo mais lento, são [...] capazes de recuperar momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo” (DICK, 2008, p. 217-218).

4.2.2.1 - Os nomes dos bairros da cidade de Ladário/MS: considerações

Os nomes dos bairros da cidade de Ladário/MS representam em si o reflexo de motivações de natureza antropológica. Como é observado em estudos de toponímia urbana, a recorrência de nomes dessa natureza é de maior índice. Nesse particular, os nomes dos bairros ladarenses se reportam a nomes de santos da Igreja Católica – *Santo Antônio*; a expectativas positivas em relação ao futuro – *Boa Esperança*; a personalidades históricas do universo militar ligados à Guerra do Paraguai – *Almirante Tamandaré*; à interpretação popular de nomes – *Seac*; ao meio social – *Mista*, *Mutirão*; a gentílicos brasileiros – *Potiguar* e relativos à cronologia – *Nova Aliança*.

Em se tratando das taxonomias de natureza física, os nomes se reportam à dimensão de comprimento – *Alta Floresta*, e à noção de localização espacial – *Centro*. Por meio dos inquéritos orais, tópico tratado na sequência deste trabalho, pudemos identificar dois topônimos paralelos: *Cohab* (Almirante Tamandaré) e *Seac* (Boa Esperança). Esse último, que oficialmente⁷² nomeia um bairro, segundo o depoimento de informantes (1, 2, 3, 7). Inicialmente, o nome se configurava como topônimo paralelo que nomeava uma porção de loteamentos do bairro Boa Esperança, cujo surgimento se deu por iniciativa da “Secretaria de Ação Comunitária, instituída pelo Governo José Sarney na década de oitenta e que foi especificamente criada para a construção de casas populares em regime de mutirão” (INF. 2). De acordo com a informante, o Programa contava com doação de terras e edificação de casas populares, que eram construídas pelos próprios moradores, enquanto o *Cohab* foi um órgão criado com a mesma finalidade, em nível estadual.

Esses topônimos paralelos demonstram a presença de referenciais toponímicos entre os moradores, visto que os órgãos públicos “emprestavam” o nome ao espaço. Isso pode justificar, também, a presença dos topônimos *Mista* e *Mutirão*.

⁷² O nome do bairro está oficialmente registrado na fonte deste estudo.

4.2.2.2 – Os nomes dos logradouros da cidade de Ladário/MS: um olhar sobre a motivação toponímica

Ao observarmos o conjunto de topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário/MS, percebemos que os *antropotopônimos*, os *axiotopônimos*, os *historiotopônimos* relacionam-se podem evidenciar ligações entre si, visto que, em sua maioria, são influenciados pela presença da Marinha do Brasil na cidade. De fato, uma personalidade, por mais desconhecida que seja, poderá ter valor histórico para habitantes da localidade, pois a história das pessoas se confunde com a das cidades.

Os nomes acompanhados de títulos também evidenciam traços históricos, como, no caso do *corpus* em estudo, com os nomes que se reportam profissionais ligados à Marinha do Brasil, que contribuíram com a história social do lugar – ex.: *Almirante Barroso* (comandou as tropas durante a Batalha do Riachuelo (1865); *Almirante Tamandaré* (participou de grandes batalhas navais vividas pelo Brasil, doando sua vida pela defesa da Pátria); *Comandante Souza Lobo* (foi responsável pelo Arsenal Militar e doou uma Imagem da Santíssima Virgem ao município, hoje a padroeira de Ladário).

Nesse particular destacamos que Schneider (1999) também observou na toponímia da cidade vizinha, Corumbá, alta ocorrência de *historiotopônimos*. A estudiosa, levando em consideração o sema ‘histórico’, agrupou antropônimos segundo esse campo e observou quatro momentos históricos: i) primeiro: “referentes à Guerra do Paraguai”; ii) segundo: “referentes à Fundação de Corumbá e personalidades históricas”; iii) terceiro: “referentes à História Nacional e Latino-americana” e o iv) quarto: “referentes a datas valorizadas pela comunidade” (SCHNEIDER, 1999, p. 47).

Neste estudo, os *historiotopônimos* se fazem presentes nos bairros mais antigos da cidade – *Centro*, *Santo Antônio* e *Boa Esperança* – sendo praticamente exclusivos a esses bairros⁷³. Entende-se que a história algum dia foi fonte de motivação das denominações, característica observada, inclusive, também em outros estudos toponímicos (OLIVEIRA, 2014; BITTENCOURT, 2015). Entre os nomes que remetem a personalidades e a fatos históricos, que, em grande parte, remetem a políticos brasileiros, situam-se: *Juscelino Kubitschek*, *Rui Barbosa*, *Getúlio Vargas*; a momentos históricos – *Riachuelo* (Batalha Naval); *2 de setembro* (data de fundação da cidade de Ladário). Verifica-se que, face às observações de Schneider (1999), a toponímia das cidades de Corumbá e de Ladário

⁷³ A exceção está no bairro *Ceac* em que há ocorrência única de um *historiotopônimo* – rua *2 de setembro*.

apresentam tendências de recuperar um acontecimento marcante para essas localidades: a Guerra do Paraguai.

Entre os bairros mais recentes a toponímia apresenta traços divergentes em relação aos bairros antigos, entre os quais a presença de *fitotopônimos* que se limitam apenas aos bairros nomeados como *Alta Floresta*. Nesse sentido, os nomes de plantas, sobretudo, as do Pantanal – *Acurí*, *Ipê*, *Angico* – motivaram significativamente a denominação dos logradouros desses bairros, demonstrando a importância da flora para o homem ladarense. Entre as taxonomias de natureza física, os *fitotopônimos* também são recorrentes na nomeação de logradouros das regiões do Imbirissu (CAVALCANTE, 2016), do Segredo (AMORIM, 2017) e do Prosa (NEVES, 2019), da capital Campo Grande/MS, alcançando, respectivamente, 9%, 5% e 13,5% de registros.

A taxonomia dos *hierotopônimos* remetem, quase que exclusivamente, a títulos da Virgem Maria [Nossa Senhora] *dos Remédios*, *dos Navegantes*, *das Mercês*, excetuando-se a homenagem de uma personalidade importante para a Igreja Católica – *Pio XII*. Dick (1996, p. 148) esclarece que “o Brasil nasceu sob o signo da fé” e esse fato justifica a manutenção desses nomes de cunho religioso na toponímia estudada. Compreende-se que os títulos de invocação à Santíssima Virgem podem apresentar, em certa medida, influência da Marinha, visto que a unidade lexical “navegantes” reporta ao universo militar; além disso, é necessário considerar que a Imagem de Nossa Senhora sob o título dos Remédios, padroeira da cidade, possui estreita ligação com o Arsenal Militar, visto que a imagem foi doada pelo Comandante Souza Lobo, durante sua passagem pela cidade. A presença dessa taxonomia restringe-se aos bairros antigos – *Centro*, *Santo Antônio*, *Boa Esperança* e *Almirante Tamandaré* – o que pode remeter a influências, inclusive, da religiosidade portuguesa, pois, na região em estudo, em decorrência da significativa presença de imigrantes portugueses na região de Corumbá e Ladário aplica-se a posição de Dick (1992, p. 156) de que “a religiosidade lusitana encontrou [...] no Novo Continente, o clima fecundo ao seu expansionismo”.

A motivação religiosa na toponímia pode ser observada, também, em *axiotopônimos* documentados – *Irmã Régula*, *Dom Aquino Correia*, *Padre José de Anchieta* – que se reportam a pessoas comprometidas com causas de cunho religioso e social. A invocação dos santos do hagiológico romano também serve de motivação a topônimos ladarenses: *São José*, *São Miguel* e *Santa Teresinha* nomeiam logradouros dos bairros Boa Esperança, Centro e Potiguar.

A esse respeito, Dick (1996, p. 148) assevera que “a religiosidade se manifestou [...] de forma muito particular, na toponímia que as expedições de reconhecimento da costa deixaram fixada nos acidentes avistados e que iam sendo nomeados segundo os preceitos católicos romanos”. É, portanto, fato assente na toponímia brasileira a recorrência a motivações de cunho religioso, tendência também observada em pesquisas sobre a toponímia sul-mato-grossenses (OLIVEIRA, 2014; RIBEIRO, 2015; BITTENCOURT, 2015; NEVES, 2019). Destacamos, também, a ocorrência única do *mitotopônimo* *Tamandaré*, uma referência à presença da mitologia indígena (tupi) na toponímia local.

A presença de nomes transplantados como motivação pode se relacionar com os diferentes fluxos migratórios, em especial de cunho militar. Nesse particular a toponímia ladarense registra a presença de nomes que homenageiam tanto a cidade vizinha – *Corumbá* – quanto capitais de estados do nordeste brasileiro – *Recife*, *João Pessoa*, *Natal*, *Maceió*, *Salvador*, que podem se reportar ao sentimento de saudade do denominador que busca manter vivo na memória o seu local de origem na cidade onde está construindo uma nova história pessoal.

Destacamos também no *corpus* toponímico examinado a homenagem a poetas ligados tanto à literatura regional – *João Lisboa de Macêdo*, *Pedro de Medeiros* – quanto nacional – *Castro Alves*, *Olavo Bilac*. Assim, na análise desses dados houve a recorrência à proposta taxonômica de Isquerdo e Dargel (2020), os *artistopônimos*. Destaca-se a importância da homenagem prestada ao poeta ladarense *João Lisboa de Macêdo*, visto que, por meio de suas obras, a história da cidade pôde ser preservada, além de esse cidadão se dedicar a retratar a diversidade sociocultural e as belezas de Ladário por meio de seus poemas.

Destacamos, ainda, que a toponímia o bairro *Nova Aliança* destaca-se pela homenagem a personalidades ladarenses, entre os quais se sobressaem vereadores e prefeitos que prestaram alguma contribuição para o desenvolvimento da Pérola do Pantanal. Isso atesta a tentativa do poder público de fazer da rua um memorial aos representantes do povo, tendência muito recorrente na toponímia urbana. Realizadas essas considerações gerais sobre a rede toponímica estudada, o tópico seguinte tece considerações acerca das taxonomias de natureza antropocultural de maior ocorrência no estudo, buscando discutir em que proporção o léxico toponímico recorta a realidade cultural e histórica da cidade de Ladário/MS por meio de *antropotopônimos*, *axiotopônimos* e *historiotopônimos*.

4.2.2.3 – Léxico toponímico e história: entrelaçamentos

O conjunto de topônimos, compreendido como léxico toponímico, revela aspectos dos mais variados de uma localidade, conforme já pontuado anteriormente. Nesse particular, as quatro categorias de taxonomias de maior ocorrência merecem destaque haja vista haver entre elas um denominador comum: a historicidade dos topônimos. Desta forma, os nomes são observados como oriundos de itens lexicais ligados a fatos da história, da cultura e da geografia ladarense, relacionados a personagens, a eventos e a datas históricas em nível local ou nacional. Passemos às considerações sobre a antroponímia⁷⁴ ladarense.

4.2.2.3.1 – A antropotoponímia ladarense

Característica recorrente na toponímia urbana é a presença de antropônimos na denominação de logradouros públicos. Dick (1996), ao analisar a toponímia da cidade de São Paulo nos primeiros séculos da sua formação, identificou a presença de oito referenciais toponímicos que dão luz à interpretação da toponímia paulistana, dentre os quais o *antroponímico* que, de acordo com a autora, homenageiam “o indivíduo simples, o morador da rua ou do canto, o proprietário de um chão, ou mesmo uma autoridade civil ou religiosa, poderiam servir de índices qualitativos para uma tendência urbanística incipiente” (DICK, 1996, p. 193). Desta forma, a escolha do nome poderia demarcar o espaço, ainda que fosse de maneira extraoficial.

⁷⁴ Enquanto a *toponímia* reúne o conjunto de topônimos, a *antropotoponímia* abriga o conjunto de topônimos formados a partir de antropônimos.

Quadro 19 – Antropotopônimos da cidade de Ladário/MS, distribuídos segundo fatores sociais

Esfera social	Antropotopônimos
Militar	Irineu Souza; Izadir Gonçalves; José Silvestre; Fernandes Vieira; Cunha Couto; Marcílio Dias; Saldanha da Gama; Wilson Fadul.
Política	Fernando Corrêa da Costa; Ary Coelho; Nicollas Scaffa; Iracyldo Maciel; Myrthes Urt.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

É importante destacar a possibilidade de outros topônimos comporem esse quadro, referindo-se a personalidades militares e/ou políticas. Para tanto, seria necessário uma investigação mais ampla por meio de pesquisas de campo que pudessem fornecer dados relacionados a essa temática, a partir de entrevistas com um número maior de moradores, haja vista nem todos os nomes possuem histórico/biografia do(a) homenageado(a) nos registros oficiais.

Dentre os nomes de personalidades militares, os topônimos *Irineu Souza*; *Izadir Gonçalves*; *José Silvestre*; *Fernandes Vieira*; *Cunha Couto* e *Marcílio Dias* reverenciam militares que contribuíram com o Arsenal da Marinha, em Ladário/MS. Entende-se que essa é uma forma de manter viva a memória desses personagens da história local.

Registramos ainda que a realização de entrevistas orais favoreceu a identificação de dados particulares relacionados a algumas denominações. O topônimo *José Silvestre*, por exemplo, conforme as informações fornecidas pelo informante 3⁷⁵, foi atribuído ao logradouro como uma homenagem a um morador antigo do lugar que ali viveu por longo tempo de sua vida.

Além disso, foi possível constatar a presença de um topônimo paralelo⁷⁶ - *Cunha Couto*. De acordo com o informante 3, era comum perceber, entre os moradores, a utilização da denominação *Couto Magalhães*, fato que fez com que a Câmara Municipal alterasse, por meio da Lei nº 417/86, o topônimo de rua *Couto* para rua *Cunha Couto*:

⁷⁵ Vide o capítulo 3 “Metodologia” deste trabalho.

⁷⁶ Entende-se que o *topônimo paralelo* é aquele de uso extraoficial que coexiste com o topônimo imposto.

Artigo 1º - A Rua Couto, assim denominada até aqui, conforme placa esmaltada, afixada na esquina com a Rua Riachuelo, passa a ter o seu nome devidamente complementado para Rua Cunha Couto. (Lei nº 417/89, de 28/08/1986).

Corroborando essa informação, transcreve-se na sequência um trecho do relato referenciado:

Inq.⁷⁷.: E o nome da rua em que o senhor mora?

Inf.⁷⁸.: Cunha Couto.

Inq.: Ela já teve algum nome anterior a esse?

Inf.: Teve... mas... ninguém sabia. A outra rua também. Muita gente chama de *Couto Magalhães*.

Inq.: Couto Magalhães, é?

Inf.: Tem até escrito na placa de esquina... *Cunha Couto*.

Esse relato indica que a população utiliza aquilo que lhe é mais próximo para se comunicar, valendo-se, para tanto, do topônimo na sua primordial função: um demarcador do espaço. Nesse sentido, não é fundamental, no uso cotidiano, identificar o significado do nome, mas sim utilizá-lo como um organizador do espaço e como localizador.

A antropotoponímia aponta ainda para fluxos migratórios por reportar-se a personalidades que se fixaram na cidade em busca de trabalho. É o que ocorreu, por exemplo, com a família Assad. Foi possível observar, no *corpus* estudado, a recorrência de topônimos formados com esse sobrenome: *Name Antônio Assad*, *Sofia Salomão Assad*, *Antônio José Assad*, *José Henrique Assad*, *Elias Miguel Assad*, *Gladys Martinez Assad*, *João Jorge Assad*. Os inquéritos orais permitiram contatar que existe, de fato, graus de parentesco entre os homenageados, como esclarece a Informante 1, S. S.A. que é irmã do Sr. Name Antônio Assad, que foi tabelião da cidade:

Inf. 1: Eles chegaram aqui... eles eram quatro irmãos. Chegaram em 1915. Sr. Antônio Assad, pai do Sr. Julião... como é que chamava o pai de Sr. Julião... Jorge Assad. Eles eram quatro irmão, chegaram de lá da Turquia, turcos, e se deram bem aqui. São tudo parente.

Inq.: E eles contribuíram em alguns aspecto para o desenvolvimento da cidade?

Inf. 1: Foi... eles eram turcos trabalhadores. Aí chegou seu Jamil Assad, sr. Isaac... eram quatro irmão... e eles foram fazendo raiz em Ladário.

Percebe-se, a partir das informações fornecidas pelo informante, que a família Assad, em um primeiro momento, contribuiu para o progresso da cidade, em termos de povoação já

⁷⁷ Inquiridor.

⁷⁸ Informante.

que muitos dessa família imigraram para o Brasil e se fixaram na cidade de Ladário/MS, como atestou a informante 8 que informou ser a senhora *Sofia Salomão Assad* a sua bisavó. De acordo com a informante, a homenageada “era uma pessoa muito avançada para a época dela. Não tinha medo nem vergonha de se relacionar como pessoal da Marinha” (INF. 8). Alegou ainda a mesma informante que, provavelmente, a pessoa homenageada na toponímia ladarense teria sido a primeira parteira de Ladário/MS.

É importante, também, destacar o alto índice de personalidades masculinas sendo homenageadas (90,56%) em detrimento de pessoas do sexo feminino (9,43%), característica observada também por Neves (2019) em que os nomes masculinos somaram 18% e os femininos 13%. Cavalcante (2016) também registra a mesma tendência. Dick (1990, p. 369) assevera que a antropotoponímia é “uma tendência bastante disseminada entre as populações [...] muitas vezes, a origem desse emprego envolve aspectos da autolatria ou de lisonja”. A seguir, tecemos considerações sobre os axiotopônimos ladarenses.

4.2.2.3.2 – Axiotopônimos da cidade de Ladário/MS

Outro aspecto que merece destaque é o fato de, na toponímia urbana, em virtude da dinâmica exercida pelos poderes públicos, nomeação dos logradouros, por vezes, ser sinônimo de homenagens os “heróis” da terra. Dentre essa classe de topônimos, sua maioria homenageia, por exemplo, militares reformados que, terminada sua carreira, estabeleceram-se na cidade e dão continuidade ao curso de suas vidas. No caso da toponímia urbana de Ladário/MS, os *axiotopônimos*, cujo percentual neste estudo alcançou 18,30% de ocorrências, configuram-se, em sua maioria, como homenagens a militares e a políticos (títulos acrescidos aos nomes próprios), como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2 - Produtividade de *axiotopônimos* na toponímia de Ladário/MS.

TITULARIDADE	PORCENTAGEM
Vereador	17, 85%
Professor	10,71%
Almirante	10,71%
Prefeito	7,14%
Doutor	7,14%

Marechal	7,14%
Fuzileiro	7,14%
Comandante	3,57%
Tenente	3,57%
Soldado	3,57%
Sargento	3,57%
Conde	3,57%
Dona	3,57%
Presidente	3,57%
Barão	3,57%
Mestre	3,57%
Dom	3,57%
Padre	3,57%
Irmã	3,57%

Fonte: Elaboração do autor.

Como é possível observar nos dados da tabela, há um alto percentual de ocorrências de *axiotopônimos* formados com títulos como de *Vereador* (ex.: *Vereador* Demétrio Urt), com 17,85%, seguido de *Professor* (ex.: *Professor* Alberto de Castro) e de *Almirante* (ex.: *Almirante* Frontin), os dois últimos com índice de 10,71%. Do cômputo geral, das 31 unidades lexicais que indicam titularidades, sete remetem a títulos militares (comandante, tenente, marechal etc.); três a cargos políticos (presidente, prefeito, vereador); três a autoridades religiosas (dom, padre, irmã); duas a títulos de nobreza (conde, barão); duas a profissões (doutor, professor); uma a personalidades de prestígio (dona). Esses dados atestam a importância dos feitos dos homenageados, conforme o cargo/profissão que exerceram, seja na sociedade civil seja na militar.

Nesse sentido, a percepção da influência militar na toponímia urbana em estudo é evidente na incisiva presença de unidades léxicas que remetem a esse campo. No caso dos nomes relacionados a títulos militares, são mais produtivos nos bairros mais antigos da cidade. Nesse sentido, “tende a se tornar insubstituível, no seio da comunidade, porque lhes imprime a ‘marca’ da História” (DICK, 1992, p. 207). Desta forma, esses *axiotopônimos* são as testemunhas mais evidentes da influência naval na história e desenvolvimento de

Ladário/MS. O tópico seguinte tece considerações acerca dos *historiotopônimos*, terceira taxonomia antropocultural mais recorrente.

4.2.2.3.3 – A história nas vias ladarenses: o caso dos *historiotopônimos*

De acordo com Dick (1996, p. 12), a Toponímia é a “disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional”, assim, compreende-se que a elucidação de dados toponímicos em estudo se ancora na história da região em análise, visto que tende a recuperar fatos históricos passíveis de serem descortinados somente em seus contextos de origem.

É importante frisar que os *historiotopônimos* da cidade de Ladário/MS acompanham a área histórica da cidade, ou seja, aparecem, majoritariamente, nos bairros antigos como já pontuado. Esse fato pode ser justificado por mudanças na trajetória do pensamento coletivo, em termos de tendência de nomeação, principalmente, em se tratando da memória dos eventos, personalidades e datas históricas, o que pode evidenciar uma mudança cultural interna (LARAIA, 2004), visto que é apenas pela observação em contraste dos bairros que se pode chegar a esse resultado.

A presença de topônimos que remetem a personalidades e fatos históricos, na parte histórica da cidade, denota que, de algum modo, eventos e personalidades históricas eram motivações mais influentes na cultura de nomeação das ruas da cidade. O registro dos mais importantes fatos e personalidades da sociedade ladarense, por meio dos *historiotopônimos*, lhes concede a autenticidade de serem “verdadeiros testemunhos históricos” (DICK, 1990, p. 22). Importa destacar, ainda, que a historicidade dos fatos recai também sobre os *antropotopônimos* e *axiotopônimos*, visto que, por vezes, a dificuldade de recuperar a reminiscência histórica presente no nome pode dificultar a sua classificação.

Além disso, registramos a ausência de topônimos que remetam aos povos originários que foram os primeiros habitantes do espaço em análise. Isso pode evidenciar a tentativa de apagamento histórico ou, até mesmo, a supremacia branca, haja vista uma das principais características da toponímia urbana ser a imposição do nome.

A título de exemplificação, tomamos por base o topônimo *Cunha Couto* que presta homenagem ao Capitão Manuel Ricardo Cunha Couto, que foi o responsável pela edificação do Arsenal da Marinha em 1873, à época na cidade de Corumbá/MS e que na atualidade configura-se como um importante ponto turístico da cidade de Ladário/MS; há, inclusive, na

praça central da cidade uma estátua erguida em sua homenagem. Os feitos do militar homenageado ultrapassam o nível de cidadão comum, à medida que exerceu grande influência na história da cidade, principalmente, em termos de urbanização e desenvolvimento, pois, a partir da finalização do Arsenal, verificou-se o aumento populacional e a abertura de oito ruas, que hoje são as principais do centro da cidade (*Fernandes Vieira, Tamandaré, 14 de março, Cunha Couto, 13 de maio [atual Almirante Frontin], Belham [atual Conde de Azambuja] e Dom Pedro II*) (MACÊDO, 1997, p. 4).

Face ao exposto, é possível perceber que por vezes o topônimo faz referência a uma personalidade histórica de significativa importância para a localidade, tornado tênue sua classificação taxonômica (DICK, 1990) que considera o conteúdo semântico da unidade lexical elevada à categoria de topônimo. Realizadas as considerações sobre a toponímia ladarense e sua relação com a cultura e história local a seguir são apresentadas as considerações finais do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo analisar a toponímia da cidade de Ladário/MS. Para tanto, buscou-se apresentar não apenas as conclusões obtidas sobre os dados analisados, mas também discutir e apontar tendências, possibilidades para pesquisas futuras, além de demonstrar a importância de pesquisas sobre a toponímia urbana.

O *corpus* analisado foi constituído a partir de consulta ao mapa oficial disponibilizado pela Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal da cidade de Ladário/MS e reúne 170 topônimos que nomeiam bairros, ruas, avenidas, praças etc. A análise pautou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Toponímia (DICK, 1990, 1992, 1996, 1999, 2001, 2004, 2007, 2008; OLIVEIRA, 2014; BITTENCOURT, 2015; RIBEIRO, 2015; CAVALCANTE, 2016; AMORIM, 2017; NEVES, 2019), da Lexicologia (BIDERMAN, 2001), da Etnolinguística (SAPIR, 1969; CASADO VELARDE, 1991) e da Antropologia Linguística (DURANTI, 2000).

Considerando os objetivos estabelecidos para o estudo, estabelecemos dois questionamentos de pesquisa: i) os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade de Ladário refletem marcas sociolinguísticas e histórico-culturais da localidade?; ii) a presença do 6º Distrito Naval, da Marinha do Brasil, na localidade, influenciou a denominação dos logradouros públicos?.

Os dados foram analisados conforme o modelo taxonômico de Dick (1992), incluindo a contribuição de Isquierdo e Dargel (2020), os *artistopônimos* que abriga os nomes relacionados a personalidades do mundo das artes em geral. A classificação toponímica permitiu observar uma alta produtividade de *antropotopônimos* (33%), seguidos pelos *axiotopônimos* (19%), pelos *fitotopônimos* (17%) e pelos *historiotopônimos* (10%), além das *taxes* que apresentaram ocorrência única (1%): os *mitotopônimos*, os *sociotopônimos*, os *morfotopônimos* e os *ecotopônimos*.

Os dados foram organizados em quadros elaborados e adaptados a partir do modelo de ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004) e dos trabalhos vinculados ao Projeto ATEMS, o que possibilitou a distribuição dos topônimos e a apresentação do *corpus* com a análise linguística. As taxonomias identificadas no *corpus* evidenciam a influência de fatores do ambiente antropocultural nas denominações dos logradouros, com ênfase para os nomes próprios individuais em função toponímica que se configuram como homenagem a

personalidades que se destacaram na fundação ou desenvolvimento da cidade, bem como os que estiveram no exercício de carreira política. O estudo apontou ainda dados que se configuram como homenagens a militares que cumpriram carreira na Marinha do Brasil, atestando a influência desse órgão no desenrolar da história da cidade de Ladário/MS, não apenas em relação a títulos, como também com nome próprio individual – *Cunha Couto* – ou com fatos da história – *14 de março*.

Em termos de motivação, observou-se que os topônimos que remetem aos eventos históricos marcantes da cidade concentram-se, sobretudo, aos bairros antigos, o que os torna singular em relação aos novos. Acreditamos que pode se tratar de uma mudança cultural interna em termos de atividade de nomeação, em que, em tempos pretéritos, buscava-se nomear os logradouros públicos com designativos referentes ao conteúdo histórico, desde nomes individuais, os acrescidos de titularidade e os que retratam fatos históricos. Essas constatações respondem, pois, ao primeiro questionamento levantado: i) os topônimos que nomeiam os logradouros públicos da cidade da Ladário refletem marcas sociolinguísticas e histórico-culturais da localidade?

Os dados analisados permitiram observar, ainda, que a toponímia reflete a influência da Marinha do Brasil na conjectura do município, bem como na denominação dos logradouros que, em sua maioria, fazem referência a pessoas e eventos históricos relacionados à presença militar em Ladário/MS. A construção do Arsenal Militar contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da cidade, marcando, inclusive, a toponímia do centro da cidade. Dessa forma, entende-se como positiva a influência da Marinha do Brasil na denominação dos logradouros, respondendo, portanto, ao segundo questionamento por levantado neste trabalho.

A observação dos topônimos na perspectiva da sua estrutura demonstra que 79% deles possuem estrutura composta, o que pode ser justificado pela própria formação dos antropônimos que, em sua maioria, são nomes compostos cumprindo a função designativa de lugares. Além do mais, foi observado que 21% dos topônimos do *corpus* estudados possuem apenas um formante.

É importante registrar a dificuldade de fontes documentais que auxiliem no desenvolvimento da pesquisa, inclusive para a coleta de dados. A primeira diz respeito ao acesso aos mapas e/ou cartas oficiais que pudessem servir como fonte para a recolha dos dados. Os órgãos visitados não possuem mapas físicos e, quando disponibilizados, aparecem com a nomeação antiga dos logradouros. De forma similar os documentos oficiais são de

difícil acesso e alguns foram extraviados ao longo dos anos, o que dificultou a recuperação de informações sobre alguns dados toponímicos. Além disso, as obras que retratam a história da cidade são divergentes em relação a algumas informações, o que dificultou a elaboração de um capítulo que abordasse a história local, uma vez que a maior parte dessas obras focalizam majoritariamente a formação e a urbanização da cidade de Corumbá, não contemplando aspectos históricos de Ladário.

Desta forma, em razão da escassez de dados que pudessem auxiliar no estudo, foi necessário adotar a metodologia da pesquisa de campo que pôde auxiliar na obtenção de dados sobre algumas pessoas homenageadas. Entretanto, consideramos a possibilidade de expansão dos inquéritos, em estudos futuros, visto que nem todos os topônimos puderam ser pesquisados por meio das pesquisas orais. No caso dos dados orais coletados, as entrevistas foram realizadas com moradores antigos, que explanaram, por meio do seu olhar, aspectos relevantes da história da Pérola do Pantanal.

Os topônimos aqui analisados remetem à riqueza cultural e histórica evidenciada nas nomeações e testemunhada por meio do léxico. Esses dados confirmam a tese de que o léxico, sobretudo o conjunto de nomes de lugares, testemunha transformações inerentes a uma localidade. Neste estudo, foi possível verificar o registro histórico de migrações de pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, como é o caso da família Assad cujo grau de parentesco ficou evidenciado por meio de topônimos como *Name Antônio Assad*, *Sofia Salomão Assad*, *Antônio José Assad*, *José Henrique Assad*, *Elias Miguel Assad*, *Gladys Martinez Assad*, *João Jorge Assad*.

Além disso, verificou-se que alguns *antropotopônimos* relacionam-se a duas esferas sociais: i) militar – *Irineu Souza*; *Izadir Gonçalves*; *José Silvestre* etc. e, ii) política – *Fernando Corrêa da Costa*; *Ary Coelho*; *Nicollas Scaffa* etc., não se excluindo a possibilidade de outros topônimos do *corpus* encaixarem-se nesses dois campos. Foi observada, também, a alta incidência de topônimos que remetem a personalidades do sexo masculino (90,56%) em detrimento das do sexo feminino que foram menos homenageadas (9,43%), informação essa que ratifica tendência já apontada por outros estudos toponímicos de natureza urbana como o de Cavalcante (2016) e o de Neves (2019).

A pesquisa demonstrou também que os *axiotopônimos* reúnem sete topônimos formados com títulos referentes à esfera militar. Entretanto, embora a influência militar seja acentuada nas denominações, observou-se que os títulos referentes a personalidades políticas

se sobressaíram na toponímia estudada. Ainda, os nomes referentes a momentos históricos refletem a intenção de registrar fatos marcantes que permearam a vida da população, inclusive, é mister destacar o valor histórico que os *antropotopônimos* e *axiotopônimos* exercem na toponímia ladarense. O estudo permiti também atestar a forte influência da Marinha do Brasil nas denominações analisadas. Além disso, observa-se que, por mais que a localidade fora habitada por diferentes grupos étnicos no início da chegada portuguesa, esses grupos não são retomados na toponímia, o que pode ser considerado um apagamento de parte da história da localidade.

Em síntese, o estudo forneceu parâmetros para atestar a função transcendental do nome próprio, que permite ao pesquisador viajar em meio à história e à cultura de um povo. Por fim, temos a expectativa de que este estudo possa contribuir com as pesquisas sobre toponímia urbana e motivar outras pesquisas do gênero a partir de outras abordagens que envolvam os conteúdos contemplados nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - ABL. Dom Aquino Correia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia>. Acesso em: 05 nov. 2022.
- ALENCAR, Beatriz Aparecida. **Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário**: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. 2013. 620f. Vol I e II. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- ALMIRANTE FRONTIN. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Max_Fernando_Frontin. Acesso em: 25 set. 2022.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoas**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.
- AMORIM, Bianca da Silveira de. **A toponímia urbana de Campo Grande/MS**: um estudo etnolinguístico da região do Segredo. 2017. 241f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.
- ANDRADE, Karylleila Santos. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 587-607, 2017.
- ARY COELHO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ari_Coelho_de_Oliveira. Acesso em: 06 nov.2022.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital Ltda. 2014 (Software gratuito). Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 05 nov.2022.
- BACKHEUSER, Everardo Adolpho. Toponímia: suas regras, sua evolução. **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro, v. IX-X, n. 25, p. 163-195, 1949/1950.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico, testemunha de uma cultura. In: **Actas do XIX congresso internacional de linguística e filologia românicas**. Sessão II: Lexicologia e Metalexigrafia. Vol. 2, 1992, p. 397-405.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Revista de filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 20 maio.2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. in: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs.) **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS. Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BITTENCOURT, Karla Porto. **Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas – MS: interfaces entre léxico, cultura e história**. 2015, 227 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BRASIL ESCOLA. Campo Grande. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/campo-grande.htm>. Acesso em: 05 nov.2022.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História da linguística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

CAMPESTRINI, Hidebrando. **História de Mato Grosso do Sul**. 8. ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2016.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia Brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército editora, 1961. (Coleção General Benício – Vol. 9 – Setembro).

CASADO VELARDE, MANOEL. **Language y cultura**. La Etnolinguística. Madrid: Síntesis, 1991.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. SCHNEIDER, Marlene. Particularidades toponímicas e terminológicas na mesorregião dos pantanais sul-mato-grossenses. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.) **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**. Vol. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2020. p. 140-161.

CAZAROTTO, Suely Aparecida. **Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta**. 2010. 319f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

CAZAROTTO, Suely Aparecida. **Interfaces entre a toponímia brasileira e a paraguaia em área de fronteira: perspectiva etnodialógica**. 2019. 470f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Joaquim Pedro Salgado Filho. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/salgado-filho-joaquim-pedro>. Acesso em: 05 nov. 2022.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. João Ponce de Arruda. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arruda-joao-ponce-de>. Acesso em: 05 nov.2022.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Wilson Fadul. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em:

<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fadul-wilson>. Acesso em: 11 nov.2022.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Jerônimo Francisco Gonçalves. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/goncalves-jeronimo-francisco>. Acesso em: 05 nov.2022.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre buritis e veredas**: o desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense. 2003. 264f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2003.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. ISQUERDO, Aparecida Negri. Projeto ATEMS: parâmetro metodológico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **Toponímia**: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Vol. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2020. p. 20-65.

DAUZAT, Albert. **Noms de liex**: origine et evolution. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Investigações**, Recife, v. 9, p. 119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. KRIEGER, Maria da Graça. (orgs.) **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. II. Campo Grande, MS. Ed: UFMS, 2004. p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto ATESP (Atlas toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri. ALVES, Ieda Maria. (orgs.) **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. III. Campo Grande, MS. Ed: UFMS, 2007. p. 459-471.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A toponímia como meio de investigação linguística e antropocultural. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.) **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**: Brasil – Portugal. Campo Grande, MS. Ed: UFMS, 2008. p. 215-231.

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA - DPHDM. **Almirante Barroso**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/historia/almirante-barroso>. Acesso em: 25 set.2022.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição do bororo à toponímia brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de estudos Brasileiros, 1965.

DURANTI, A. **Antropología lingüística**. Cambridge University Press, Madrid, 2000.

EBIOGRAFIA. **Afonso Pena**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/afonso_pena. Acesso em: 06 nov.2022.

EBIOGRAFIA. **Rui Barbosa**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/rui_barbosa/. Acesso em: 20 out.2022.

EBIOGRAFIA. **Juscelino Kubistchek**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/juscelino_kubitschek/. Acesso em: 2 out.2022.

EBIOGRAFIA. **João Goulart**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/joao_goulart/. Acesso em: 9 out.2022.

EBIOGRAFIA. **Alan Kardec**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/allan_kardec/. Acesso em: 05 nov.2022.

EBIOGRAFIA. **Deodoro da Fonseca**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/deodoro_fonseca/. Acesso em: 06 nov.2022.

EBIOGRAFIA. **Princesa Isabel**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/princesa_isabel/. Acesso em: 06 nov.2022.

EBIOGRAFIA. **Marechal Rondon**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/marechal_rondon. Acesso em: 03 nov. 2022.

FERNANDO CORREIA DA COSTA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Correia_da_Costa. Acesso em 28 set.2022.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Orgs.). **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol. VI. Campo Grande: Editora UFMS, 2012a, p. 115-139.

ISQUERDO, Aparecida Negri. La recherche toponymique au Brésil: une perspective historiographique. **Cahiers de Lexicologie** (Paris), v. 101, p. 15-35, 2012b.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A motivação toponímica: algumas reflexões. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. (Org.). **Pesquisas sobre Léxico**: reflexões teóricas e aplicação. 1ª ed. Campinas-SP; Cascavel-PR: Pontes; Edunioeste, 2013, v. 26, p. 81-96.

ISQUERDO, Aparecida Negri. DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. A microtoponímia dos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.) **Toponímia**: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Vol. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2020. p. 228-272.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A Toponímia como área de investigação linguística no Brasil: um panorama. Conferência proferida no evento online **ABRALIN AO VIVO**, no dia 23 de julho de 2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/a-pesquisa-toponimica-no-brasil/>

ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia como área de investigação: revisitando conceitos e metodologias. Conferência proferida na LIVE **O campo de estudos da Onomástica: escolas teóricas e tendências atuais**, promovida pelo Observatório Onomástico. O-Onoma/UFGM, no dia 19 de maio de 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/o-onoma/>. Acesso em: 19 fev.2023.

LADÁRIO. Lei nº 520/92, de 04 de agosto de 1992. Dispõe sobre a denominação de ruas do bairro Boa Esperança, e dá outras providências. **Câmara municipal**. Ladário, 04 de agosto de 1992.

LADÁRIO. Lei nº 533, de 12 de maio de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma de um logradouro público, adjacente ao Cemitério, e dá outras providências. **Câmara municipal**. Ladário, 12 de maio de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 536, de 1 de julho de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré, e dá outras providências. **Câmara Municipal**. Ladário, 1 de julho de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 539, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 540, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 542, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 543, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 540, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 545, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 549, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LADÁRIO. Lei nº 550, de 06 de agosto de 1993. Dispõe sobre a denominação de uma das ruas do bairro Almirante Tamandaré. **Câmara municipal**. Ladário, 06 de agosto de 1993.

LARAIRA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LEITE, Fernando. Corumbá – Histórica e turística 1778/1978. Comemorativa bi centenário. Corumbá/MS. 1978. Disponível em: <https://ihgms.org.br/biblioteca/corumba-historica-e-turistica-1778-1978-fernando-leite-32>. Acesso em: 06 set. 2022.

LIMA DOS SANTOS, Daiane. **Apologia à inconstitucionalidade: os desdobramentos entorno da criação e formação da municipalidade do Ladário/MS (1945-1955)**. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

MACÊDO, João Lisboa de. **Monografia Ladarense – I. Núcleo Cultural de Ladário: Prefeitura Municipal de Ladário – Adm. 1997 a 2000**, 1997.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie**. Domaine français. Paris: Didier, 1953.

MORO, Nataniél Dal. *et al.* Pedro de Medeiros: vida e obra de um poeta pantaneiro. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 45–58, 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/2516>. Acesso em: 3 dez. 2022.

NEVES, Janaina Domingues Verão das. **Toponímia urbana de Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico dos nomes de logradouros da região do Prosa**. 2019. 250 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. in: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS. Ed: UFMS, 2001, p. 9-11.

OLIVEIRA, Letícia Alves Correia de. **Toponímia urbana de Campo Grande/MS: um olhar socioetnolinguístico**. 2014. 254f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

OLIVEIRA, Letícia Alves Correia de. ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia urbana de Campo Grande: um olhar de seus habitantes. In: NADIN, Odair Luiz. FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange. FARGETTI, Cristina Martins. (orgs.) **Léxico e suas Interfaces: descrição, reflexão e ensino**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 261-280.

PEREIRA, Renato Rodrigues; NADIN, Odair Luiz. Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/10946/9654>. Acesso em 23 fev. 2023.

RAMÍREZ, Carlos. Algunos problemas sobre la onomástica como interdisciplina. **Revista documentos lingüísticos e literários UACH**, Valdivia, v. 37, p. 203-208, 2018. Disponível em: <http://2020.revistadll.cl/index.php/revistadll/article/view/157>. Acesso em Março de 2022.

RIBEIRO, Priscila do Nascimento Ribeiro. **Religiosidade na toponímia urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos**. 2015. 154 p. Dissertação (Mestrado

em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

SALDANHA DA GAMA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Filipe_de_Saldanha_da_Gama. Acesso em: 13 out. 2022.

SAMPAIO, Theodoro, **O Tupí na Geographia Nacional**. 3a ed. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizizes Artífices, 1928.

SANTOS NETO, Raimundo Pinheiro. **Pérola do Pantanal**. Ladário. Campo Grande, MS. Life editora, 2022.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: _____. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SARTORI, Tríssia Ordovás. **Ruas da minha cidade**. Um estudo hodonímico. 2010. 82f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; Língua, cultura e léxico. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; Lopes, Norma da Silva; Ramos, Jânia Martins. **Linguagem, Sociedade e Discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

SCHNEIDER, Marlene. **Toponímia das vias públicas da Cidade de Corumbá – MS: estudo preliminar**. 1999. 71 f. Monografia de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 1999. (Inédito).

SCHNEIDER, Marlene. **Um olhar sobre os caminhos do pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos**. 2002. 173f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2002.

SOUSA, Alexandre Melo de. Dargel, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. Apresentação. In: **Revista GTLex**, Uberlândia, vol. 3, n. 1, p. 7-22, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SOUZA, Lécio Gomes de. **História de Corumbá**. [S.n.], [S.d.].

SOUZA, Lécio Gomes de. **Bacia do Paraguai – Geografia e história – tomo II**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2012a.

SOUZA, Lécio Gomes de. **Bacia do Paraguai – Geografia e história – tomo III**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2012b.

TIBIRICÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi**. Significado dos nomes geográficos de origem tupi. 1. ed. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TOLENTINO, Terezinha Lima. **Ocupação do Sul de Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança**. São Paulo: Fundação Escola da Sociologia e Política de São Paulo, 1986.

TRAPERO, Maximiano. **Para uma teoría lingüística de la toponimia**: estudios de la toponimia canaria. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. 1995.

ULLMANN, Sthephen. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. Tradução: J. A. Osório Mateus.

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paraenses**: metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro. 2010. 415f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina, 2010.

ZAMARIANO, Márcia. Nome: percurso histórico e construção do conceito. **Revista Contexto** (UFES). V. 1, p. 61-102, 2012.

APÊNDICES**APÊNDICE I**

Dados do Informante
1 – Nome completo:
2 – Idade:
3 – Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino
4 – Estado Civil:
5 – Escolaridade:
6 – Profissão:

APÊNDICE II

Roteiro da Entrevista

- 1) Há quanto tempo o senhor (a) reside em Ladário?
- 2) Qual é o nome do bairro em que o (a) senhor (a) mora?
- 3) O (a) senhor(a) sabe se o bairro_____ já teve outro nome? Qual? Já ouviu falar sobre a história do nome anterior? E do nome atual?
- 4) Qual é o nome da rua em que o (a) senhor (a) mora?
- 5) O (a) senhor(a) sabe se essa rua já teve outro nome? Qual? Já ouviu falar sobre a história do nome anterior? E do nome atual? Por que receberam essa denominação?
- 6) No caso de nome de pessoa..., o(a) senhor(a) sabe quem é a pessoa homenageada como o nome do bairro, da rua? Ela foi importante para a história local? (qual será o motivo de ela ter sido homenageada com o nome de um bairro, de uma rua?)
- 7) O (a) senhor(a) conhece outros nomes de bairros/ruas de Ladário? Conhece a história desses nomes?